

VINÍCIUS STANGHERLIN

**AS DIFICULDADES DE COMPREENSÃO E/OU TRADUÇÃO DO FRANCÊS:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESIGNAÇÃO DOS USOS DITOS METAFÓRICOS**

PORTO ALEGRE

Janeiro de 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS

Vinícius Stangherlin

**AS DIFICULDADES DE COMPREENSÃO E/OU TRADUÇÃO DO FRANCÊS:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESIGNAÇÃO DOS USOS DITOS METAFÓRICOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Instituto de Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul para obtenção
de título de Licenciado em Letras.
Orientadora: Rosa Maria de Oliveira Graça
Coorientador: Robert Ponge

PORTO ALEGRE

Janeiro de 2018

RESUMO

Este trabalho pretende, inicialmente, apresentar o projeto de pesquisa intitulado *As dificuldades de compreensão e/ou tradução do FLE*. Dirigido pelo professor Robert Ponge, este projeto deu origem às reflexões aqui apresentadas. Busca-se, ainda, num segundo momento, analisar mais detidamente uma outra questão: a designação usada por Paulo Rónai ao se referir aos usos ditos metafóricos.

RESUME

Ce travail a pour but de, initialement, présenter le projet de recherche intitulé « Les difficultés de compréhension et/ou traduction du FLE ». Dirigé par M. Robert Ponge, ce projet a engendré les réflexions présentées ici. Il est aussi cherché, dans un deuxième moment, d'analyser de manière plus approfondie un autre aspect : la désignation utilisée par Paulo Rónai pour référer les usages dites métaphoriques.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE I: O PROJETO DE PESQUISA E QUATRO TIPOS DE DIFICULDADE	11
CAPÍTULO 1 - O PROJETO DE PESQUISA AS DIFICULDADES DE COMPREENSÃO E/OU TRADUÇÃO DO FLE	12
1. 1 O objetivo teórico	13
1. 1. 1 As dificuldades de compreensão e/ou tradução	13
Dificuldades de compreensão	14
Dificuldades de tradução	14
1. 2. Objetivo prático e didático	15
1. 2. 1 Processo de elaboração dos verbetes do glossário	16
1. 2. 2 Exemplos de verbetes do glossário	18
<i>Bâtiment</i>	19
<i>Éventail</i>	20
CAPÍTULO 2 - QUATRO TIPOS DE DIFICULDADES DE COMPREENSÃO E/OU TRADUÇÃO ESTUDADOS NO ÂMBITO DO PROJETO	22
2. 1 OS FALSOS AMIGOS	22
2. 1. 1 <i>Les faux amis ou les pièges du vocabulaire anglais</i> , de Koessler e Derocquigny	22
2. 1. 2 <i>Dictionnaire de la linguistique</i> , de Georges Mounin	22
2. 1. 3 A reflexão de Paulo Rónai sobre os falsos amigos em quatro textos de 1975 a 1984 ...	23
“Advertência” ao <i>Guia prático da tradução francesa</i>	23
“ <i>As armadilhas da tradução</i> ”	24
“ <i>As ciladas da tradução técnica</i> ”	24
“ <i>A tradução técnica e seus problemas</i> ”	25
2. 1. 4 <i>Trésor de la langue française informatisé (TLFi)</i>	26
2. 1. 5 <i>Dictionnaire de l’Académie française</i> , 9ème édition	26
2. 1. 6 <i>Petit Robert</i>	26
2. 1. 7 Aurélio	27

2. 1. 8 Robert/CLÉ	27
2. 1. 9 As características dos falsos amigos	28
2. 1. 10 Elementos de síntese	28
2. 1. 11 Designação	28
2. 2 HOMONÍMIA, PARONÍMIA E POLISSEMIA	30
2. 2. 1 HOMONÍMIA	30
Paulo Rónai	30
DAF 8 ^{ème}	31
DAF 9 ^{ème}	31
Petit Robert	31
TLFi	32
Aurélio	32
Houaiss	33
<i>Dictionnaire de la linguistique</i> , de Georges Mounin	33
<i>Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage</i> , de Jean Dubois	33
<i>Lexique des notions linguistiques</i> , de Franck Neveu	34
Síntese	38
Homonímia como uma dificuldade de compreensão	38
2. 2. 2 PARONÍMIA	39
2. 2. 3 POLISSEMIA	39
Paulo Rónai.....	39
“Advertência”, de Paulo Rónai.....	39
“As armadilhas da tradução” de Paulo Rónai.....	40
“As ciladas da tradução técnica” de Paulo Rónai.....	40
“Problemas gerais da tradução” de Paulo Rónai	41
DAF 8 ^{ème}	41
DAF 9 ^{ème}	41
Petit Robert	41
TLFi	42
Aurélio	42
Houaiss	43
<i>Dictionnaire de la linguistique</i> , de Georges Mounin	43

<i>Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage</i> , de Jean Dubois	43
<i>Lexique des notions linguistiques</i> , de Franck Neveu	43
Síntese	45
Polissemia como uma dificuldade de compreensão	45
Proximidade entre polissemia e homonímia	46
Crítérios de distinção entre polissemia e homonímia	46
A relação da polissemia com metonímia e metáfora	49
A polissemia e a homonímia como dificuldades de tradução	51

**PARTE II: OS USOS DITOS METAFÓRICOS COMO UMA DIFICULDADE DE
COMPREENSÃO E/OU TRADUÇÃO** 53

**CAPÍTULO 3 - A METÁFORA COMO DIFICULDADE DE COMPREENSÃO E/OU
TRADUÇÃO EM TRÊS ARTIGOS DE PAULO RÓNAI: UM PROBLEMA DE
DENOMINAÇÃO (OU TRATAMENTO TERMINOLÓGICO)** 54

3. 1 Os três artigos e o termo “metáfora” neles	54
3. 2 Alguns elementos de reflexão	56

CAPÍTULO 4 - ESTUDO DO SEMANTISMO DA PALAVRA “FIGURE” 58

4. 1 Etimologia e história do semantismo da palavra <i>figure</i>	58
4. 2 Alguns primeiros elementos de síntese	59
4. 3 Qual é o semantismo atual de <i>figure</i> ?	60
4. 4 Organização em árvore do semantismo de “figure”	63
4. 5 Síntese	64

CAPÍTULO 5 - A RETÓRICA, AS FIGURAS E OS TROPOS 67

5. 1 A retórica	67
5. 1. 1 <i>Dictionnaire de la linguistique</i> , de Georges Mounin	67
5. 1. 2 <i>Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires</i> , de Henri Bénac e Brigitte Réauté	67
5. 1. 3 <i>Dicionário de termos literários</i> , de Massaud Moisés	68
5. 1. 4 <i>Dictionnaire de critique littéraire</i> , de Joëlle Gardes-Tamine e Marie-Claude Hubert.....	69

5. 1. 5 <i>La rhétorique</i> , de Olivier Reboul	70
5. 1. 6 <i>Des mots, des figures, des personnages : une étude de quelques aspects de Paroles de Jacques Prévert</i> , de Ricardo Soler	71
5. 1.7 Elementos de síntese	71
5. 2 As figuras	72
5. 2. 1 Definição	72
5. 2. 2 Sistema de classificação das figuras	74
5. 2. 3 Distribuição das figuras dentro de cada classe	76
5.3 Os tropos	78
5. 3. 1 <i>Dictionnaire de la linguistique</i> , de Georges Mounin	78
5. 3. 2 <i>Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires</i> , de Henri Bénac e Brigitte Réauté	78
5. 3. 3 <i>Dictionnaire de critique littéraire</i> , de Joëlle Gardes-Tamine e Marie-Claude Hubert.....	79
5. 3. 4 <i>Dicionário de termos literários</i> , de Massaud Moisés	80
5. 3. 5 <i>La rhétorique</i> , de Olivier Reboul	80
5. 3. 6 <i>Des mots, des figures, des personnages : une étude de quelques aspects de Paroles de Jacques Prévert</i> , de Ricardo Soler	80
5. 4 A metáfora (e os tropos fundamentais)	82
CAPÍTULO 6 - DA METÁFORA AOS USOS FIGURADOS, PASSANDO PELA	
IMAGEM E PELA COMPARAÇÃO	84
6. 1 A imagem	84
6. 2 Os sentidos figurados	88
ALGUMAS REFLEXÕES PARA A CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

INTRODUÇÃO

A presente monografia foi desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa sobre as dificuldades de compreensão e/ou tradução do francês como língua estrangeira (FLE), coordenado pelo professor Robert Ponge no Instituto de Letras da UFRGS. Ela possui uma dupla finalidade. Por um lado, busca apresentar o referido projeto, detalhando alguns de seus aspectos. Por outro lado, visa a se debruçar sobre um problema de terminologia que apareceu a partir de leituras feitas pelo grupo de pesquisa: trata-se do uso da palavra “metáfora” (e seus derivados) para denominar e caracterizar certo tipo de dificuldade de compreensão e/ou tradução, bem como o uso de “imagem” e “usos figurados” como sinônimos da primeira – três termos que se achou por bem reunir e resumir sob a designação de “usos ditos metafóricos”, que comparece no título deste trabalho.

Para tal fim, este trabalho está dividido em duas grandes partes. Na primeira, intitulada “O projeto de pesquisa e quatro tipos de dificuldade”, início apresentando o projeto de maneira estendida, estudando seu duplo objetivo, de interesse teórico-classificatório e de interesse prático e didático. Depois, desenvolvo reflexões sobre quatro tipos de dificuldades de compreensão e/ou tradução do *francês como língua estrangeira* (FLE): os falsos amigos, a homonímia, a paronímia e a polissemia. Salvo a paronímia, estas já foram estudadas no âmbito do projeto, mas busco atualizar as discussões sobre cada um desses tipos de dificuldade, trazendo novos elementos e/ou pensando neles em contraste com a metáfora.

Em seguida, passo à segunda grande parte, intitulada “Os usos ditos metafóricos como uma dificuldade de compreensão e/ou tradução”. Início analisando o uso que, em três textos que são leitura básica do projeto, Paulo Rónai faz da palavra “metáfora” para denominar um tipo de dificuldade de compreensão e/ou tradução. Feita esta problematização (que redonda em algumas perguntas), esta monografia empreende uma caminhada para tentar localizar e entender melhor a questão da metáfora (i.e., dos usos ditos metafóricos), da imagem e do sentido figurado. Em um primeiro momento, tal caminhada investiga a etimologia, a história e o semantismo atual da palavra *figure*. Em seguida, procura entender o sistema da retórica para, nele, localizar as figuras e os tropos (tipo de figura ao qual pertence a metáfora). Por fim, estuda-se outras duas designações utilizadas por Rónai: imagem e sentidos figurados.

Encerra-se este trabalho apresentando reflexões que tentam contribuir para uma síntese que permita superar as insuficiências (ou deficiências) e limitações da terminologia de Rónai (usos metafóricos).

Assim sendo, através deste estudo, busco oferecer reflexões pertinentes ao campo das dificuldades de compreensão e/ou tradução que sejam úteis no âmbito do projeto de pesquisa do qual faço parte, úteis tanto ao processo de construção do glossário de dificuldades que organizamos como à elaboração teórica de organização de uma tipologia (ou classificação) bem como de caracterização de cada tipo de dificuldade de compreensão e/ou tradução.

**PARTE I: O PROJETO DE PESQUISA E
QUATRO TIPOS DE DIFICULDADE**

CAPÍTULO 1

O PROJETO DE PESQUISA “AS DIFICULDADES DE COMPREENSÃO E/OU TRADUÇÃO DO FLE”

O projeto de pesquisa *As dificuldades de compreensão e/ou tradução do FLE* é desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde 2005 sob a coordenação do professor Robert Ponge.

Esse projeto visa a colaborar com o exercício da compreensão da língua francesa pelos brasileiros, assim como com a sua tradução para o português do Brasil. Assim, busca seu préstimo ao auxiliar na superação do maior número possível de dificuldades inerentes a esses dois processos, tanto de compreensão como de tradução do francês como língua estrangeira (FLE) no Brasil. Para que isso ocorra, o projeto é caracterizado por um duplo objetivo:

1) objetivo teórico: estudar, classificar e mapear teoricamente os principais *tipos* de dificuldades de compreensão e/ou tradução que a língua francesa oferece aos usuários brasileiros da língua portuguesa;

2) objetivo prático-didático: elaborar um glossário que contenha o maior número possível de verbetes relativos às dificuldades *concretas* de compreensão e/ou tradução da língua francesa (palavras que suscitam dúvidas, problemas, obstáculos, armadilhas, erros recorrentes aos falantes de português) e que funcione como um instrumento de consulta aos brasileiros interessados neste idioma.

Esses dois objetivos centrais acarretam diversas atividades que serão detalhadas na sequência deste trabalho.

A metodologia do projeto é bibliográfica. Suas bases teóricas serão explicitadas no decorrer deste trabalho. A maior parte da pesquisa é realizada individualmente pelos membros do grupo, cada um sendo responsável por um determinado número de tarefas.

Há, também, o trabalho desenvolvido nas reuniões do grupo de pesquisa, que ocorrem, em geral, quinzenalmente ou, se preciso, semanalmente, e possuem dois tópicos permanentes: a discussão teórica e o trabalho de revisão de verbetes para o glossário.

1. 1 O objetivo teórico

Este objetivo tem a intenção de elaborar uma classificação dos diferentes tipos de dificuldades de compreensão e/ou de tradução do francês e de propor uma análise teórica de cada um, ou seja, de explicar as suas características.

Para isso, inicialmente, organizou-se uma bibliografia básica de consulta (de base para o objetivo teórico), integrada de alguns estudos gerais sobre o tema, como, por exemplo, os textos de Georges Mounin (1971) e de Christine Durieux (1999), bem como alguns trabalhos escritos no Brasil. É o caso de quatro textos de Paulo Rónai (1975, 1976a, 1976b, 1983) e um de Claudia Xatara et Wanda Oliveira (1995).

Com o passar do tempo, novas leituras teóricas foram feitas e continuam a ser constantemente propostas para a discussão no nosso grupo de pesquisa. Cada um dos participantes procura fazer suas próprias sistematizações pessoais elaborando resumos e esquemas ou, ainda, busca contribuir coletivamente apresentando um texto aos colegas, discutindo novos pontos de vista, ofertando novos exemplos, etc. a partir dos conceitos estudados. São lidos, em geral, textos que tratam do campo de estudos da compreensão do FLE, da tradução, da lexicografia ou da tipologia das dificuldades de compreensão e/ou de tradução.

Este trabalho permitiu, por exemplo, revisar, corrigir, precisar, enriquecer as listas de tipos de dificuldades encontradas nos estudos consultados. A lista provisória dos tipos de dificuldades já conta com as abreviações, as siglas, os calques, as divergências entre instituições, os falsos amigos, a homonímia, as locuções idiomáticas, os nomes próprios, a paronímia, a polissemia, o sentido figurado das palavras, a sinonímia, entre outros.

Estudamos igualmente cada *tipo* específico de dificuldade, sendo que cada membro do grupo é incentivado a escolher um tipo de dificuldade para desenvolver estudos mais aprofundados. Assim, o nosso grupo de pesquisa já possui um bom número de publicações neste domínio: comunicações em anais, artigos, monografias de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) que tratam, por exemplo, dos falsos amigos, da homonímia e da polissemia, das expressões idiomáticas ou das siglas e abreviações.

1. 1. 1 As dificuldades de compreensão e/ou tradução

No âmbito do nosso projeto de pesquisa, as dificuldades de compreensão e/ou tradução trabalhadas são as dificuldades inerentes tanto à compreensão (oral ou escrita) da língua

francesa por parte dos falantes brasileiros quanto à sua tradução (oral ou escrita) para o português do Brasil.

Elas se manifestam através das ocorrências em que tradutores, docentes ou estudantes do FLE de nível relativamente avançado *costumam* tropeçar, falhar, incorrer em engano, erro. Além disso, as dificuldades de compreensão e/ou tradução podem ser evidenciadas através da opinião ou constatação, por parte dos pesquisadores, docentes e tradutores de que determinada palavra ou sintagma constitui um obstáculo.

Dificuldades de compreensão

Aparecendo nas situações de aquisição, prática e ensino do FLE, as dificuldades de compreensão decorrem principalmente de limitações no conhecimento da língua-fonte, sendo assim afetada a capacidade do receptor de compreender a mensagem na língua-fonte.

Para que haja compreensão, portanto, é preciso conhecer minimamente o FLE e, preferencialmente, ter o maior conhecimento possível da língua francesa. As dificuldades podem, também, decorrer de fatores que se manifestam na situação de enunciação ou que afetam a recepção da mensagem pelo leitor ou ouvinte. Estas dificuldades podem, ainda, decorrer de características formais (como as semelhanças enganadoras) do material léxico-semântico ou das construções sintáticas – o que constitui o grosso dos fenômenos de dificuldade estudados pelo projeto.

Dificuldades de tradução

São as dificuldades ligadas ao exercício da tradução da língua francesa para o português do Brasil. Definimos a tarefa da tradução como a de “*énoncer dans une autre langue (ou langue cible) ce qui a été énoncé dans une langue source, en conservant*”, ou melhor, *esforçando-se* em conservar “*les équivalences sémantiques et stylistiques*”¹. Para que isso ocorra, é primordial à atividade tradutória que haja uma boa compreensão da mensagem de partida em língua estrangeira.

Além de boa desenvoltura na compreensão da língua estrangeira, a tradução requer uma boa expressão *em língua materna* (o português) de uma mensagem oriunda da língua estrangeira (o francês). Assim, em geral, as dificuldades de tradução podem estar ligadas aos problemas de compreensão da língua-fonte ou aos problemas de transposição para a língua de chegada. É possível, ainda, que haja dificuldade tanto na compreensão como na tradução.

¹ DUBOIS, Jean *et alii*. *Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage*. Paris: Larousse, 2012, p. 486.

As dificuldades de compreensão são anteriores às dificuldades de tradução. Isso, porque a compreensão ocorre no processo inicial, e não no exercício posterior (como é o caso da tradução).

Como já foi dito anteriormente, o acúmulo teórico referente ao projeto de pesquisa nos possibilita já ter estudado de maneira mais aprofundada ao menos quatro dificuldades de compreensão e/ou tradução em trabalhos de conclusão de curso (Abech, 2006; Cunha, 2008; Jardim, 2009; Soares 2009) e outras comunicações, artigos, etc. A seguir, nos deteremos na retomada de três dificuldades já estudadas no âmbito do projeto.

1. 2 Objetivo prático e didático

O outro objetivo do projeto diz respeito à organização de um glossário que reúna o maior número possível de dificuldades *concretas* de compreensão e/ou tradução do FLE e que se materializa em verbetes versando sobre essas palavras que suscitam dúvidas ou erros recorrentes.

O glossário visa a se tornar uma ferramenta de consulta prática e didática destinada ao uso, no Brasil, pelos estudantes e professores de francês, bem como pelos tradutores desta língua e, ainda, por todos que, por razões profissionais ou outras, acharão útil consultá-lo.

Os verbetes do glossário têm essencialmente duas origens. Inicialmente, quando do início do nosso projeto, eles provieram (e continuam provindo) do cotejamento crítico dos verbetes de três pequenos dicionários brasileiros de dificuldades concretas do FLE, organizados respectivamente por Paulo Rónai, por Cláudia Xatara e Wanda Oliveira e por Celso Bath e Carlos Biato.

Este trabalho de cotejamento permitiu que uma lista de palavras, sintagmas, locuções e construções sintáticas da língua francesa que causam ou podem causar problemas, dúvidas, armadilhas aos brasileiros fosse catalogada. Este mesmo trabalho de cotejamento também auxiliou no desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre a organização (microestrutura) dos verbetes e sobre o tratamento das dificuldades concretas nesses três pequenos dicionários. Isso possibilitou a elaboração de uma nova forma de organização dos verbetes e de tratamento das dificuldades no nosso glossário.

Além disso, há também as entradas que não provêm do referido cotejamento inicial. Elas são sobretudo provenientes de sugestões dos membros do grupo de pesquisa, mas também de alunos e colegas, que se deparam com dificuldades concretas de compreensão e/ou tradução

do FLE quando do seu uso cotidiano da língua francesa durante suas atividades como estudantes, professores, pesquisadores e/ou tradutores.

Tendo as entradas provenientes tanto do cotejamento quanto das sugestões dos colegas em mãos, inicia-se o processo de elaboração de novos verbetes. Esta atividade, central dentro do objetivo prático e didático do projeto, é exercida por todos os membros do grupo de pesquisa.

Como são construídos os verbetes?

1. 2. 1 Processo de elaboração dos verbetes do glossário

O processo de construção de verbetes para o glossário compreende sete etapas, a saber: cotejamento (quando há cotejamento), pesquisa semântica, caracterização do(s) tipo(s) de dificuldade(s), construção de definições, busca de equivalentes, busca de exemplos autênticos e suas traduções. Exponho a seguir breve explicação sobre cada um desses passos.

Cotejamento: engloba o cotejamento crítico dos verbetes de três pequenos dicionários brasileiros de dificuldades concretas do FLE. O objetivo dessa atividade é construir um inventário de palavras, sintagmas, locuções e construções sintáticas que causam ou podem causar problemas.

Pesquisa semântica: a construção de um verbete começa por uma pesquisa semântica em língua francesa, a fim de melhorar a compreensão global do termo em questão e de precisar seus significados diversos, até mesmo os mais específicos e/ou menos usuais.

O cotejamento (quando há) fornece algumas informações preliminares, que devem ser verificadas, checadas. Empreendemos então um processo de sistematização e síntese através do qual nos esforçamos para organizar os sentidos e acepções do termo em questão, consultando pelo menos quatro dicionários gerais da língua francesa: a 8ª e 9ª edições do *Dictionnaire de l'Académie française*, o dicionário *Petit Robert* e o *Trésor de la langue française informatisé (TLFi)*. Esta etapa demanda um trabalho focado na análise, classificação e verificação dos sentidos. Além disso, algumas significações podem vir a ser suprimidas caso sejam obsoletas ou caso figurem como um termo técnico extremamente específico e especializado. Em outras palavras, é empreendida uma organização e síntese de informações.

Na sequência desta etapa, inicia-se a construção propriamente dita do verbete. Em seu topo, aparecem a transcrição fonética, a classe e o gênero da palavra.

Caracterização do(s) tipo(s) de dificuldade(s): sem dúvida, o trabalho de construção de verbetes é enriquecido pelas reflexões teóricas desenvolvidas pelo projeto de pesquisa, no que diz respeito à maneira de explicitar e de revisar os conceitos estudados. Isso é evidenciado

no momento seguinte, após a pesquisa semântica e organização das definições, quando é preciso definir, no verbete, qual (ou quais) tipo(s) de dificuldade específica costuma ser suscitada por aquela entrada, devendo ser assinalada no verbete. Por que isso é necessário? Para que os futuros consulentes dos verbetes do glossário possam evitar erros, é essencial indicar claramente o(s) tipo(s) de dificuldade relativo a cada uma das entradas. Além disso, evita-se o uso da metalinguagem no glossário. Não utilizamos alguns termos especializados dos estudos da linguagem, como por exemplo as palavras “homônimo”, “parônimo”, “metáfora”, “metonímia”, justamente porque julgamos importante atingir o maior número de pessoas possível, sem criar dificuldades de compreensão quando da consulta do glossário. A única exceção é o emprego do termo “falso amigo”, que julgamos mais reconhecido, transparente, praticamente autoexplicativo.

Além disso, a indicação do tipo de dificuldade que o termo em questão apresenta deve aparecer de maneira destacada e explícita, para que possa ser percebida (e, espera-se, compreendida) imediatamente pelo leitor. Por isso, no início de cada um dos verbetes do nosso glossário, aparecem algumas formulações que especificam as dificuldades suscitadas pelas palavras. Tais indicações dos tipos de dificuldades são precedidas de um sinal de alerta (\triangle), com vistas a chamar a atenção dos futuros usuários do glossário.

Construção de definições: na etapa seguinte, desenvolve-se as definições da palavra. Para isso, as reflexões feitas na fase de sistematização e síntese são retomadas. Dicionários de língua portuguesa, como os dicionários *Aurélio*, *Caldas Aulete*, *Houaiss* e o de Francisco Borba, são consultados também, auxiliando na construção das definições do verbete. Se necessário, lança-se mão, novamente, dos dicionários de francês, ainda que as definições das acepções sejam apresentadas em português. As definições, por sua vez, devem ser de fácil compreensão, didáticas e diretas. Paralelamente a suas concepções, os aspectos (inter)culturais que podem causar problemas na compreensão são sempre considerados.

Busca de equivalentes: na sequência da definição, precedida de dois pontos, figura uma ou, se possível, diversas possibilidades de equivalentes em português para o termo. A busca por equivalentes é feita a partir de dicionários bilíngues de francês-português, bem como de buscas em nossa memória, na rede e em discussões do grupo de pesquisa, não sendo raro que algumas possibilidades de equivalência surjam das ideias e soluções que ocorrem aos membros do grupo de pesquisa.

Busca de exemplos autênticos: são empregados no glossário, em sua maioria, exemplos autênticos em língua francesa porque visamos à construção de uma ferramenta de

auxílio linguístico didática, que mantenha uma relação de autenticidade com a língua francesa falada e/ou escrita e que apresente um registro adequado ao emprego de cada sentido.

O principal propósito dos exemplos é de tentar dissipar as dúvidas práticas de uso que os futuros consulentes do verbete possam vir a ter e de precisar as diferentes possibilidades de utilização dos termos. No glossário, cada definição, além dos equivalentes, conta com ao menos um exemplo. Eles são provenientes de pesquisas sobretudo na internet, consultando-se sites confiáveis, frequentemente os ligados à imprensa em língua francesa, e aparecem em itálico após os equivalentes de cada acepção.

Tradução dos exemplos: imediatamente após a busca de exemplos, os mesmos são traduzidos para o português. Nesta etapa do projeto figura a performance da tradução propriamente dita e seu exercício, para além da teoria relativa às dificuldades de tradução. Justamente para ajudar na compreensão dos futuros utilizadores do glossário, todas as frases em francês que serviram de exemplos às definições, sintagmas, locuções e expressões idiomáticas são traduzidas. No verbete, as traduções aparecem entre aspas logo após os exemplos.

Finalmente, vale lembrar que, para as locuções e expressões idiomáticas, são seguidos os mesmos procedimentos utilizados na construção das definições: pesquisa semântica, construção de definições, busca de equivalentes em português, proposição de exemplos autênticos e respectiva tradução (as etapas de cotejamento e de caracterização das dificuldades não são necessárias aqui). A única diferença é que, nesta etapa, pode-se vir a fazer uso de dicionários específicos de expressões idiomáticas tanto monolíngues (da língua francesa e da língua portuguesa) como bilíngues (francês/português). Todas as locuções aparecem ao final do verbete, seguindo a ordem das acepções a que estão relacionadas.

Os verbetes de todas as entradas do glossário passam por um processo permanente de análise e aperfeiçoamento no trabalho coletivo do grupo de pesquisa nas reuniões quinzenais do mesmo. Este trabalho de revisão de verbetes é pautado pela boa caracterização das definições, pela oferta de equivalentes satisfatórios e pela boa tradução dos exemplos. Além disso, uma indicação clara e precisa do(s) tipo(s) de dificuldade, bem como da(s) dificuldade(s) concreta(s) que podem ser suscitadas pela palavra é essencial para os fins a que se propõe o glossário.

1. 2. 2 Exemplos de verbetes do glossário

Apresento a seguir dois verbetes do glossário. O primeiro, *bâtiment* apresenta dois tipos diferentes de dificuldade (é um parônimo de *battement* e falso amigo de “batimento”). Por sua vez, o verbete *éventail* é um falso amigo (não significa “avental”). A intenção desta seção é de exemplificar qual é o tratamento dispensado a algumas das dificuldades trabalhadas pelo projeto, expondo, através dos verbetes, uma aplicação prática e didática dos conhecimentos teóricos acumulados pelo grupo de pesquisa.

Bâtiment

Entrada	Rónai	Xatara e Oliveira	Bath e Biato	Verbete provisório
Bâtiment		m. Construção: <i>Avez-vous vérifié son bâtiment?</i> [batimento: <i>battement</i>].		<p>bâtiment [batimã] s. m.</p> <p>⚠ Não confundir com “battement”.</p> <p>⚠ Falso amigo: não significa “batimento”.</p> <p>1. Obra da construção civil destinada a abrigo, moradia, trabalho ou outras atividades: edifício, prédio, construção. <i>La lumière naturelle influe sur le [choix] architectural, mais joue également un rôle important à la fois dans la gestion du bâtiment et dans l'amélioration du bien-être</i> (http://www.lemoniteur.fr). “A luz natural influi nas escolhas arquitetônicas, mas desempenha igualmente um papel importante tanto na gestão do prédio como no melhoramento do bem-estar.”</p> <p>2. Indústrias ou profissões ligadas à construção civil. <i>L'industrie du bâtiment regroupe l'ensemble du personnel qui concourt à la construction des maisons et des immeubles</i> (http://www.redressement-productif.gouv.fr). “A indústria da construção civil engloba todo o quadro de funcionários que participam da construção de casas e edifícios.”</p> <p>3. (p.ext.) Palavra genérica para designar um barco de médias ou grandes dimensões: navio, embarcação, vaso. <i>Dans le cadre des festivités nationales du 14 juillet 2011, de nombreux bâtiments feront escale dans différents ports du littoral méditerranéen</i> (http://www.defense.gouv.fr). “No âmbito dos festejos nacionais de 14 de Julho de 2011, diversos navios vão fazer escala em diferentes portos do litoral mediterrâneo.”</p> <p>4. (ant.) Ação de construir. <i>Il consacra son temps au bâtiment de sa maison</i> (Académie). “Ele dedicou seu tempo na construção de sua casa.”</p> <p>Locuções:</p>

				<p>(p. ext. fam.) <i>Être du bâtiment</i>: possuir a mesma profissão ou dominar técnica determinada: “ser do ramo”, “ser do batente”; ser de casa: “ser parceiro”.</p> <p><i>Ouvrier du bâtiment</i> : pintores, carpinteiros, serralheiros e demais trabalhadores da construção civil.</p> <p><i>Quand le bâtiment va, tout va</i> (provérbio): 1. Se a construção civil vai bem, o país/a região vai bem. 2.(fig.) Se algo vai bem num setor, todo o resto funciona.</p> <p><i>Travailler dans le bâtiment</i>: 1. Trabalhar na construção civil. 2. (pop., gíria) Arrombar e furtar prédios.</p> <p><i>Abandonner son/le bâtiment</i>: abandonar o navio (depois de salvar a tripulação e os passageiros). Não confundir com “abandonar o barco”(pular fora).</p>
--	--	--	--	--

Éventail

Entrada	Rónai	Xatara e Oliveira	Bath e Biato	Verbetes provisório
Éventail	-x-	m. Leque: Mon éventail est déchiré [avental: tablier].	s. m “Leque, ventarola”. Nada a ver com o nosso “avental” (tablier).	<p>éventail [evãtaj] s. m.</p> <p>⚠ Falso amigo: não significa “avental”.</p> <p>1. Acessório portátil de material leve, em geral de forma semicircular e retrátil, que se agita manualmente, produzindo uma corrente de ar refrescante: leque.</p> <p><i>L'utilisation des éventails a quasi disparu avec la venue des ventilateurs électriques et des climatiseurs.</i> (http://fr.vietnamplus.vn/la-beaute-des-eventails-traditionnels/82859.vnp) “O uso de leques quase desapareceu com o advento dos ventiladores elétricos e condicionadores de ar.”</p> <p><i>Manœuvrer l'éventail est un art totalement inconnu en France. Les Espagnoles y excellent</i> (Gautier). “Manusear o leque é uma arte totalmente desconhecida na França. As espanholas destacam-se.”</p> <p>(Fig.) ... <i>le palmier, qui balance légèrement ses éventails de verdure</i> (Chateaubriand). “... a palmeira, que balança com leveza seus leques verdes.”</p> <p>2. Antigo objeto com função similar à do leque, porém não é retrátil, pode ter dimensões e peso maiores e assume geralmente uma forma circular: abano, abanador, ventarola.</p> <p><i>Éventail en bois</i> (Robert). “Ventarola de madeira”.</p> <p>3. (Fig.) Conjunto de ideias, propostas, planos, sugestões, problemas, etc. de uma mesma categoria que se desdobram, como que à feição de um leque que se abre: leque, gama, conjunto, série.</p>

			<p><i>Nous vous proposons un large éventail de prix</i> (Robert). “Propomos uma ampla gama de preços.”</p> <p><i>L'éventail salarial a tendance à se resserrer dans la fonction publique</i> (http://www.lesechos.fr/economie-france/social/0211474257172-leventail-salarial-a-tendance-a-se-resserrer-dans-la-fonction-publique-2041395.php#4iKhGfGmGrEM6BXc.99) “O leque salarial tem tendência de se estreitar na função pública.”</p> <p><i>Mélangeant les générations et les genres, l'exposition offre un éventail de pratiques qui rendent compte de la vitalité de la peinture dans l'actualité de l'atelier contemporain.</i> (https://www.unidivers.fr/rennes/a-couleurs-deployees-vernissage/) “Misturando gerações e gêneros, a exposição oferece um leque de práticas que dão conta da vitalidade da pintura na atualidade do atelier contemporâneo”.</p> <p><i>L'éventail de nos connaissances</i> (DAF9ème). “O leque de nossos conhecimentos”.</p> <p>Locução:</p> <p>En éventail: no formato de um leque aberto: em leque.</p> <p><i>Tenir ses cartes en éventail</i> (Robert). “Segurar as cartas em leque.”</p> <p><i>Le nouveau système pulvérise l'eau en éventail, gardant le débit sous contrôle pour lutter contre l'ouverture illicite des bouches à incendie lors des grosses chaleurs.</i> (http://www.leparisien.fr/espace-premium/seine-saint-denis-93/ce-nouveau-dispositif-anti-geyser-s-inspire-du-quartier-du-bronx-26-07-2016-5994299.php) “O novo sistema pulveriza a água em leque, mantendo o fluxo sob controle para lutar contra a utilização ilícita dos hidrantes quando faz muito calor.”</p> <p>(informal) Avoir, rester les doigts de pied en éventail: refestelar-se, ficar sem fazer nada: ficar de pernas pro ar.</p> <p><i>Au bureau, vous pensez déjà à vos doigts de pieds en éventail sur la plage, à votre bronzage : bientôt les vacances d'été !</i> (http://www.rtl.fr/actu/conso/ete-2016-6-conseils-pour-ne-pas-se-faire-cambrioler-pendant-les-vacances-7783367897) “No escritório, você já pensa em ficar de pernas pro ar na praia, no seu bronzeado: as férias de verão estão chegando!”</p> <p><i>Tailler un arbre en éventail</i> (DAF9ème). “Cortar uma árvore em leque”.</p> <p><i>Une troupe disposée en éventail</i> (DAF9ème). “Uma tropa disposta em leque”.</p> <p><i>Une voûte en éventail</i> (DAF9ème). “Uma abóboda em leque”.</p>
--	--	--	--

CAPÍTULO 2

QUATRO TIPOS DE DIFICULDADE DE COMPREENSÃO E/OU TRADUÇÃO ESTUDADOS NO ÂMBITO DO PROJETO

2. 1 OS FALSOS AMIGOS

Com vistas a revisitar algumas definições de falsos amigos para, num segundo momento, propor uma síntese, apresenta-se a seguir uma rápida revisão de dicionários e textos sobre esse tema. Adoto um critério cronológico no que diz respeito à ordem de apresentação das publicações, da mais antiga à mais recente.

2. 1. 1 *Les faux amis ou les pièges du vocabulaire anglais, de Koessler e Derocquigny*

Os autores franceses *Koessler* e *Derocquigny* ofereceram, em 1928, aquela que é considerada a primeira definição do termo *faux amis*: são palavras de duas línguas diferentes, que, em decorrência de uma “origem” (i.e. etimologia) comum, possuem uma “similitude de forma” sem que haja “similitude de sens”².

Na sequência desta definição, os autores dão alguns exemplos de falsos amigos entre o inglês e o francês: *to demand* (exigir) e *demander* (pedir, perguntar), *to realize* (dar-se conta de, perceber, tomar consciência de) e *réaliser* (fazer existir, tornar realidade, realizar; alcançar), dentre outros.

2. 1. 2 *Dictionnaire de la linguistique*³, de Georges Mounin

O *Dictionnaire de la linguistique*, organizado por Georges Mounin, atribui justamente a *Koessler* e *Derocquigny* a primeira ocorrência (“employé pour la première fois”) do termo *faux-amis* (que Mounin grafava com hífen). O respectivo verbete do dicionário sintetiza a formulação dos dois autores franceses em uma definição frasal: o termo “désigne des mots d’étymologie et de forme semblables mais de sens partiellement ou totalement différents”⁴. Um dos exemplos apresentados é a palavra inglesa *actual* e a palavra francesa *actuel*, cujos sentidos

² KOESSLER, Maxime, DEROCQUIGNY, Jules, *Les Faux Amis ou les pièges du vocabulaire anglais (Conseils aux traducteurs)* (1^{ère} édition : 1928), Paris, Vuibert, 1964, 6^{ème} édition, p. X.

³ MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris : PUF, coll. “Les Grands Dictionnaires”, 1974, p.139, 140, 289 e 330.

⁴ MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris : PUF, coll. “Les Grands Dictionnaires”, 1974, p.139.

são totalmente diferentes: enquanto a primeira significa “real, efetivo, verdadeiro”, a segunda significa “presente, atual”.

É importante, ainda, ressaltar que o verbete traz uma segunda definição do termo relativo a um outro tipo de falso amigo: “des associations de mots trop exclusives, dues à une association trop fréquente par traduction”⁵. Fornece como exemplo a palavra *beau*, em francês, que costuma ser traduzida por *beautiful*, em inglês; contudo, a expressão francesa “un bel homme” deve ser traduzida como “a handsome man”. Se pensarmos neste tipo de associação entre o francês e o português, ela pode ser evidenciada na expressão francesa *planche de salut*, que não deve ser traduzida por “prancha de salvação”, mas sim por “tábua de salvação”, por exemplo.

2. 1. 3 A reflexão de Paulo Rónai sobre os falsos amigos em quatro textos de 1975 a 1984

Paulo Rónai foi tradutor, revisor, crítico e professor. Dedicou-se também ao estudo das dificuldades de compreensão e/ou tradução e publicou, em diferentes datas, quatro textos sobre essa questão. Tendo em vista que cada um dos textos apresenta especificidades e mudanças substanciais no tratamento dos falsos amigos, analisamos os quatro artigos a seguir.

Para fazê-lo, além dos próprios textos de Paulo Rónai, utilizamos também como guia o trabalho de conclusão de curso de Rachel Abech Dias, um dos primeiros componentes de nosso grupo de pesquisa, que começou seu trabalho se debruçando sobre a classificação das dificuldades de compreensão e/ou tradução em geral para, num segundo momento, desenvolver o estudo dos falsos amigos dando destaque aos quatro artigos de Paulo Rónai.

“Advertência”⁶ ao *Guia prático da tradução francesa* (Rónai - 1975)

Neste texto, Paulo Rónai aponta para a existência de quatro tipos de falsos amigos:

- “palavras de línguas diferentes que, devido à etimologia comum, se assemelham na forma mas têm sentido diferente”⁷. Por exemplo, *attendre* em francês e “atender” em português;
- falsos amigos por coincidência na evolução fonética das línguas (sem etimologia comum). É o caso de *bourrée* e “burrada”;

⁵ Ibidem.

⁶ RÓNAI, Paulo. “Advertência”. In: Idem. *Guia prático da tradução francesa*. 2ª ed., rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Educom, 1975. pp. XI - XV.

⁷ RÓNAI, Paulo. “Advertência”. In: Idem. *Guia prático da tradução francesa*. 2ª ed., rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Educom, 1975. p. XII.

- falsos amigos em uma (ou mais?) acepções (ou seja, a equivalência não funciona na totalidade dos sentidos). *Hôtel*, por exemplo, nem sempre será empregado no sentido de “hotel”, podendo designar um casarão, uma mansão, um palácio ou palacete;

- palavras compostas formadas por elementos equivalentes nas duas línguas (“mas cuja soma nas duas línguas não fica igual”). Por exemplo, *autrefois* não é “outra vez” e *pourtant* não é “portanto”⁸.

“As armadilhas da tradução”⁹ (Rónai - 1976a)

Neste texto, o autor define os falsos amigos como “palavras semelhantes em duas línguas, mas de sentidos totalmente diversos”¹⁰. Rónai diz também que os falsos amigos frequentemente possuem “origem comum cujo sentido se distanciou por efeito da evolução semântica diferente”¹¹. Como exemplo, o autor aponta o vocábulo *éleveur*, que não significa “elevador”, mas “criador de animais” e a expressão *par hasard*, que não se verte por “por azar”, mas sim por “por acaso”.

Por outro lado, existem também casos de falsos amigos cuja “a semelhança é mera coincidência, resultado da evolução convergente de duas palavras totalmente diversas na origem”¹². O vocábulo francês *cor* (calo) e o português “cor” (em francês, *couleur*) são exemplos.

Esta definição de falsos amigos, observa-se, está situada na continuidade do que foi apontado no texto anterior, de 1975, correspondendo aos dois primeiros tipos de falsos amigos. Os outros dois tipos sumiram nesta nova análise do autor.

“As ciladas da tradução técnica”¹³ (Rónai - 1976b¹⁴)

Neste texto, Paulo Rónai cita, sem conceituar, os “termos semelhantes” como uma “fonte possível de erros”¹⁵ na tradução técnica. O termo falsos amigos não aparece nesse texto,

⁸ Ibidem.

⁹ RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, pp. 16-33.

¹⁰ RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p. 19.

¹¹ RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p. 19.

¹² Ibidem.

¹³ RÓNAI, Paulo. “As ciladas da tradução técnica”. In: Idem. *Escola de tradutores*, 6ª ed., revista e ampliada, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, pp. 71-81.

¹⁴ Adotamos uma datação dos textos de Paulo Rónai diferente daquela apresentada no TCC de Rachel Abech Dias. O texto de 1987 será apresentado como 1976b neste nosso trabalho.

¹⁵ RÓNAI, Paulo. “As ciladas da tradução técnica”. In: Idem. *Escola de tradutores*, 6ª ed., revista e ampliada, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 77.

possivelmente devido ao fato de que o artigo é, basicamente, uma resenha do livro *La Traduction scientifique et technique*, de Jean Maillot, em que, supõe-se, o termo não apareça.

“A tradução técnica e seus problemas”¹⁶ (Rónai - 1983)

No último texto aqui analisado, o autor alerta que “deixamo-nos levar pelo instinto etimológico, o qual, erradamente, toma a aparência semelhante [entre dois vocábulos] por garantia da identidade de sentido”, mas isso não é verdade. Assim sendo, “apesar da origem comum, esses vocábulos tiveram nas respectivas línguas evolução diferente”.

Também seriam falsos amigos os “pares de palavras exatamente iguais em duas línguas, mas de origem totalmente diferente que a evolução fonética ou a divergência no emprego das letras do alfabeto aproximou por acaso”. Por exemplo, *affamé* não é “afamado” e *étique* não é “ético”¹⁷.

Em resumo, o texto de 1975 apresenta quatro tipos de falsos amigos: falsos amigos com etimologia comum, falsos amigos sem etimologia comum, falsos amigos em uma acepção e as palavras compostas. Em 1976a, o autor retoma os falsos amigos com ou sem etimologia comum, mas os outros dois tipos não são tratados como falsos amigos, sendo deslocados para outras seções do texto. O texto de 1976b não cita a categoria, porém faz referência a ela, usando a construção “termos semelhantes [que] quase nunca corresponde[m]”, sem trazer novas discussões. Por fim, o texto de 1983 apresenta os falsos amigos com etimologia comum e os “exatamente iguais”, sem etimologia comum.

Ou seja, as definições dadas, nos quatro textos, a respeito da classe dos falsos amigos (que sejam denominados assim ou não), não se opõem, pelo contrário, convergem e se confirmam. A única diferença importante reside no fato de que, em 1975, Rónai distingue quatro tipos de falsos amigos enquanto nos textos seguintes os tipos (3) e (4) não são mais tratados como falsos amigos. Por que os tipos (3) e (4) desapareceram? Provavelmente, Rónai se deu conta de que, no caso do tipo (3), não se tratava de falsos amigos, mas de polissemia. E no caso do tipo (4), deve ter percebido que se tratava de um problema de compreensão e tradução de palavras compostas. Essa diferença (ou variação) de tratamento talvez seja o preço

¹⁶ RÓNAI, Paulo. “Problemas gerais da tradução”. In: PORTINHO, Waldivia Marchiori (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Álamo, 1983, pp. 1-15.

¹⁷ RÓNAI, Paulo. “Problemas gerais da tradução”. In: PORTINHO, Waldivia Marchiori (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Álamo, 1983, p. 6-7.

que Rónai tenha tido que pagar pelo fato de ser um pioneiro, uma das primeiras vozes a tentar classificar as dificuldades de compreensão e/ou tradução.

2. 1. 4 *Trésor de la langue française informatisé (TLFi)*

No dicionário TLFi, o sintagma “faux-amis”, grafado com hífen, encontra-se no verbete da palavra “faux”, onde é apontado como um uso figurado, sendo citado o verbete do *Dictionnaire de la linguistique*¹⁸, organizado por Georges Mounin, para defini-lo: “[En parlant de mots de langues diferentes] Qui sont d'étymologie ou de forme semblable mais de sens partiellement ou totalement différent”. Contudo, há duas diferenças importantes entre o verbete de Mounin e o do TLFi. A primeira delas é que, enquanto Mounin menciona “d'étymologie et de forme semblables”, o TLFi menciona “d'étymologie ou de forme semblable”, ou seja, há uma troca da conjunção “et” por “ou” na relação entre *étymologie* e *forme* na construção da definição do verbete. A outra diferença é que o TLFi não retoma o segundo tipo de falsos amigos apontado pelo dicionário de Mounin: “des associations de mots trop exclusives, dues à une association trop fréquente par traduction”. Além disso, o TLFi não oferece exemplos.

2. 1. 5 *Dictionnaire de l'Académie française, 9ème édition (DAF9 – 1992 - ...)*

Na 9ª edição do *Dictionnaire de l'Académie française*, o sintagma “faux ami” encontra-se no verbete “faux”. É apontado, de início, um uso denotativo, *un ami déloyal*, e, após, um uso figurado, “mot d'une langue étrangère dont on croit deviner le sens en raison de sa ressemblance avec un mot français”. Como exemplo, o DAF oferece a seguinte frase: “*L'adverbe anglais « eventually » est un faux ami, qui signifie plus souvent « finalement » ou « par la suite » qu'« éventuellement »*”.

2. 1. 6 *Petit Robert*¹⁹

O sintagma “faux ami”, grafado sem hífen, aparece no verbete “ami” deste dicionário e é definido como “mot qui, dans une langue étrangère, présente une similitude trompeuse avec un mot de sa propre langue”²⁰. O exemplo fornecido é a palavra *actually* (na verdade), do inglês, e *actuellement* (atualmente), do francês.

¹⁸ MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris : PUF, coll. “Les Grands Dictionnaires”, 1974.

¹⁹ ROBERT, Paul ; REY-DEBOVE, Josette ; REY, Alain. *Le Nouveau Petit Robert, dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris : Dictionnaires Le Robert, 1993. p. 7.

²⁰ Ibidem.

2. 1. 7 Aurélio

No dicionário *Aurélio Século XXI*, os falsos amigos são definidos no verbete “amigo”. Aponta-se que é um termo relacionado à linguagem e, na sequência, é apresentada a seguinte definição: “Palavras que, pertencentes a línguas diferentes, são semelhantes entre si na forma, mas não no significado”. É apontada, também, uma variação terminológica do fenômeno, “falsos cognatos”, e é fornecido um exemplo: a palavra “esquisito”, em português, significa “estranho”, enquanto o espanhol *exquisito*, significa “primoroso”. Dada a semelhança na forma, mas não no significado, essas duas palavras são falsos amigos.

2. 1. 8 Robert/CLÉ²¹

O dicionário Robert/CLÉ, sendo voltado aos estudantes de francês como língua estrangeira (FLE), apresenta a definição de falsos amigos em pelo menos três trechos diferentes. A esse respeito, em seu *Avant-propos*, assinala que “une des originalités de ce dictionnaire consiste à signaler les faux amis dans 14 langues”²². À guisa de definição do fenômeno, lê-se : “Les faux amis sont les mots français dont la forme, orale ou écrite, ressemble à celle de mots étrangers et vice versa, mais dont le sens est différent”²³. Por exemplo, o francês *folie* é um falso amigo do alemão *Folie* e do polonês *folia*: ambos significam “folha” e não “loucura”.

Em seguida, acrescenta-se que “Parfois, les faux amis ne le sont que partiellement”²⁴, podendo uma palavra ser “*faux ami*” em uma ou mais acepções e “*vrai ami*” em outra(s). Por exemplo, em “les six faces d’un cube”, a palavra francesa *face* (parte, lado de uma superfície/face) é um falso amigo do vocábulo inglês *face* (face, rosto, cara), mas um “*vrai ami*” quando empregada em “il a une face ronde”. Ou seja, como explicita o Robert/CLÉ, a palavra inglesa *face* “ne s’emploie pas pour ‘côté’”²⁵. Em português, a palavra “face” tem, nesses dois casos, um semantismo mais próximo daquele do francês.

Mais adiante, numa lista de termos empregados pelo dicionário, define-se novamente “faux ami(s)”: “mot qui semble être le même que celui d’une autre langue, mais dont le sens est très différent”²⁶. Como exemplo, o verbo *mater* (ver, olhar, assistir), em francês, e *matar*

²¹ REY-DEBOVE, Josette (Dir.). *Dictionnaire du français*. Paris: CLE International, Dictionnaires Le Robert, 1999.

²² Ibidem, p. X.

²³ Ibidem.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibidem, p. XII.

(tirar a vida), em espanhol. Na sequência, acrescenta-se: “les faux amis entraînent des fautes de sens dans l’emploi des mots”²⁷, atestando o viés didático da publicação.

No corpo do dicionário, “faux ami” aparece no verbete “ami”, e é definido como “mot d’une langue qui ressemble à un mot d’une autre langue, mais qui n’a pas le même sens”²⁸. O exemplo dado é entre o inglês *actually* e o francês *actuellement*.

2. 1. 9 As características dos falsos amigos

Tendo em mente todas as definições apresentadas, fica bastante claro que algumas são melhores que outras. Mas por que isso acontece?

Em primeiro lugar, para uma definição de falsos amigos ser boa, é necessário que deixe claro que se trata de um fenômeno que ocorre na relação entre duas línguas. Além disso, precisa citar a questão da semelhança enganadora entre duas palavras de idiomas diversos. Por fim, é importante explicitar que essa similaridade pode ser tanto na oralidade como na escrita.

2. 1. 10 Elementos de síntese

Em francês, observam-se duas grafias diferentes para os falsos amigos: com e sem hífen. O dicionário de Mounin e o TLFi utilizam a grafia com hífen. Os demais utilizam a grafia sem hífen. As duas maneiras de escrita são corretas e possíveis em francês, sendo atualmente, contudo, a sem hífen mais frequente. Em português, a grafia é sem hífen.

Observa-se ainda que, em geral, o critério da origem etimológica ou não está longe de ser consensual, ainda que, via de regra, essa questão, efetivamente, não acarrete maiores consequências para o fenômeno em si.

2. 1. 11 Designação

Em português, tem-se observado uma grande variação de diferentes possibilidades de designação para este fenômeno. Félix Bugueño Miranda aponta em artigo que, em geral, existe consenso sobre a natureza desse fenômeno léxico amplamente discutido. Por outro lado, em detrimento de uma “definição conceitual” clara, há “uma variedade de designações para esse fenômeno, as quais, porém, são ambíguas e enganosas”²⁹.

²⁷ Ibidem.

²⁸ REY-DEBOVE, Josette (Dir.). *Dictionnaire du français*. Paris : CLE International, Dictionnaires Le Robert, 1999, p. 35.

²⁹ BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Falsos amigos, falsos cognatos, heterossemânticos: uma simples escolha de designações? *Organon*, v. 16. Porto Alegre: 2002, p. 184.

Além de falsos amigos, podem aparecer sob a denominação de heterossemânticos, falsos cognatos, falsos enganadores, cognatos aparentes, palavras semelhantes, *homônimos interlinguales*, dentre outros.

Nesse sentido, Félix Bogueño Miranda alerta para o fato de que “não é indiferente usá-las indistintamente”³⁰. Para o autor, “é perfeitamente possível a coexistência de mais de uma designação para um mesmo conteúdo conceitual”³¹, mas a relação ideal é a de uma designação para um conceito.

O problema, contudo, vai mais além: além de numerosas e não-consensuais, Bogueño Miranda considera que muitas das designações possíveis são “confusas e inexatas”³² ou ambíguas e contraditórias. Assim, ofertar uma definição conceitual satisfatória para os falsos amigos passa, também, por fazer considerações acerca de sua designação.

Em seu artigo, Félix Bogueño Miranda questiona algumas designações. Por exemplo, o termo “falsos cognatos”, devido à palavra *cognato*, “restringe demasiadamente o problema”, visto que “segundo esse critério, não se poderia considerar nenhum par de palavras de duas línguas que não tivessem uma relação etimológica”³³.

Por sua vez, “falsos amigos” seria, dentre todas as designações apresentadas anteriormente, a menos “científica”, logo, menos complicada e mais coloquial. Além disso, seria a mais sugestiva, possuindo maior valor metafórico e livre de “contradiciones in terminis”³⁴. Assim, nossa escolha pela designação ‘falsos amigos’ vai ao encontro da posição de Félix Bogueño Miranda.

³⁰ BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Falsos amigos, falsos cognatos, heterossemânticos: uma simples escolha de designações? *Organon*, v. 16. Porto Alegre: 2002, p. 184.

³¹ *Ibidem*, p. 186.

³² *Ibidem*, p. 187.

³³ *Ibidem*, p. 188.

³⁴ BUGUEÑO MIRANDA, *Félix Valentín*. “Consideraciones para un nuevo diccionario de falsos amigos español-portugués”. *Polifonia*, revista de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso, nº 6. Cuiabá: UFMT, 2003. p. 103 a 127.

2. 2 HOMONÍMIA, PARONÍMIA E POLISSEMIA

Outras três dificuldades de compreensão e/ou tradução trabalhadas pelo nosso projeto, visto que ambas podem representar um obstáculo concreto à compreensão e/ou à tradução de uma língua estrangeira, são a homonímia, a paronímia e a polissemia.

Como já foi dito anteriormente, no tocante à tipologia das dificuldades de tradução, Paulo Rónai foi a bibliografia inicial: o autor cita homônimos e parônimos na “Advertência” em seu Guia prático da tradução francesa. Nos artigos “As armadilhas da tradução”, “As ciladas da tradução técnica” e “Problemas gerais da tradução”, são citadas a polissemia, os homônimos e os parônimos. Abordo essas dificuldades a seguir, iniciando pelo estudo da homonímia.

2. 2. 1. HOMONÍMIA

Em seus quatro textos estudados, Paulo Rónai apresentou os homônimos como um tipo de dificuldade de tradução. Por isso, considerando a importância inicial das contribuições de Rónai no âmbito do projeto de pesquisa, inicia-se fazendo um levantamento da conceituação de homonímia e/ou homônimo constantes nesses textos. Num segundo momento, adoto o mesmo processo em dicionários gerais de língua franceses e brasileiros.

Paulo Rónai

Em “Advertência”³⁵, texto publicado em 1975, o autor apenas exemplifica o fenômeno, sem conceitua-lo: as palavras francesas *vol* (roubo) e *vol* (vôo) ou *livre* (livro) e *livre* (libra) apresentam homonímia.

Em “As armadilhas da tradução”, publicado no ano seguinte, Paulo Rónai aponta que os homônimos “existentes dentro de cada língua também representam outras tantas ciladas”³⁶, assinalando, assim, que é um fenômeno que se dá numa mesma língua e não na relação entre duas línguas diferentes. Este é o único artigo do autor em que esse ponto é explicitado.

Em seguida, os homônimos, aos quais, nesse texto, dá-se a denominação de “homônimos etimológicos” (designação que não será retomada nos seus artigos posteriores), são definidos: “palavras de origem diferente, as quais o acaso das mutações fonéticas acabou

³⁵ RÓNAI, Paulo. “Advertência”. In: Idem. *Guia prático da tradução francesa*. 2ª ed., rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Educom, 1975, p. XIII.

³⁶ RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p. 21.

conferindo pronúncia e, frequentemente, grafia idêntica ou semelhante”³⁷. Por exemplo, o alemão *kosten* (custar) e *kosten* (provar).

No final deste mesmo texto, o autor fornece exemplos de homônimos, mas não explicita se são “etimológicos” ou “semânticos” (esses seriam, na verdade, casos de polissemia).

Em outro texto do mesmo ano, “As ciladas da tradução técnica”, o autor assinala que “os homônimos na língua original, aos quais não correspondem homônimos na da tradução [são um dos perigos da tradução]”³⁸. Por exemplo, o vocábulo inglês *lead* significa “comando” e “chumbo”.

Por fim, no texto “Problemas gerais da tradução”, de 1983, há uma definição das palavras homônimas, “palavras de origem diferente, mas que o acaso da evolução da língua acabou dando pronúncia e, geralmente, grafias iguais”³⁹.

DAF 8ème

Este dicionário aponta, como definição de *homonymie*, “qualité de ce qui est homonyme” e, para *homonyme*, palavras “qui ont la même forme ou le même son, mais désignent des êtres ou des choses différentes”. Ambos os termos são apontados como do domínio da gramática. Para o verbete *homonyme* são dados alguns exemplos, como *mule* (animal) e *mule* (calçado).

DAF 9ème

A palavra *homonymie* é definida como “caractère de mots homonymes”. Por exemplo, ocorre entre as palavras *saint* e *sain*. A definição de *homonyme*, por sua vez, “se dit de mots de prononciation identique et de sens différent”. O exemplo dado é *verre*, *vair*, *ver*, *vers* e *vert*, que são homônimos. Além disso, o dicionário ainda cita as palavras *bière* (bebida) e *bière* (caixão) que “sont à la fois homonymes et homographes”.

Petit Robert

A *homonymie* é definida como “caractère de ce qui est homonyme”. O exemplo dado é a frase “Il y a homonymie entre *pain* et *pin*”. O verbete *homonyme*, por sua vez, é definido da

³⁷ RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, pp. 16-33.

³⁸ RÓNAI, Paulo. “As ciladas da tradução técnica”. In: Idem. *Escola de tradutores*, 2 ed., Rio de Janeiro: Educom, 1976, pp. 50-58.

³⁹ RÓNAI, Paulo. “Problemas gerais da tradução”. In: PORTINHO, Waldívia Marchiori (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Álamó, 1984, p. 8.

seguinte maneira: “se dit des mots de prononciation identique (homophone) et de sens différents, qu'ils soient de même orthographe (homographe) ou non”.

TLFi

O verbete *homonymie*, termo do domínio da linguística, indica a “relation entre plusieurs formes linguistiques ayant le même signifiant graphique et/ou phonique et des signifiés totalement différents ; formes linguistiques qui ont entre elles cette relation”. Um exemplo ofertado pelo dicionário é “En dépit de leur homonymie approximative, l'astrologie et l'astronomie sont choses fort différentes”. Outro exemplo apresentado, “Il est souvent délicat de distinguer entre les cas d'homonymie et de polysémie” faz referência, ainda que indiretamente, à polissemia, que será estudada mais adiante neste trabalho, e à dificuldade de distingui-la da homonímia.

A definição de *homonyme* é “(mot, signifiant) qui a une prononciation et/ou une graphie identique à celle d'un autre mais un signifié différent”. Os homônimos apresentados como exemplo são as formas *coq*, *coque* e *coke*. Além disso, os sintagmas *homonyme homophone* e *homonyme homographe* são apresentados pelo verbete.

Aurélio

No verbete “homonímia”, o dicionário Aurélio aponta que se trata da “qualidade do que é homônimo”. Nas acepções seguintes, esmiúça a definição: “identidade fonética entre formas de significado e origem completamente distintos” e “na escrita, palavras que têm a mesma pronúncia, e igual grafia ou grafia diferente”. Os exemplos dados: *são*, presente do verbo “ser”, e *são*, “santo”; *falácia*, “qualidade de falaz”, e *falácia*, “falatório” e *lasso*, “cansado”, e *laço*, “laçada”.

A primeira definição de “homônimo” é “que ou aquele que tem o mesmo nome”. A acepção dois, ligada aos estudos linguísticos, aponta que “diz-se de, ou palavra que se pronuncia da mesma forma que outra, mas cujo sentido e escrita são diferentes (os homófonos *laço* = *laçada*, *lasso* = *cansado*), ou que se pronuncia e escreve do mesmo modo, mas cujo significado é diverso (os homógrafos *falácia* = *qualidade de falaz*, e *falácia* = *falatório*)”. Os exemplos ofertados são os mesmos de “homonímia”. Além disso, na sequência da definição, remete-se aos verbetes *parônimo*, *sinônimo*, *homófono*, *antônimo* e *homógrafo*.

Houaiss

Na acepção 5, rubrica de gramática e linguística, o dicionário Houaiss define “homonímia” como a “relação entre formas linguísticas que, com significados diferentes, têm a mesma forma gráfica e fônica ou apenas fônica”.

No verbete “homônimo” as acepções 2 e 3 dão conta de definir “homônimo homógrafo” - “diz-se de ou cada uma de duas ou mais palavras de significados diferentes e de grafia idêntica” - e homônimo homófono - “diz-se de ou cada uma de duas ou mais palavras, ou dois ou mais morfemas, de significados diferentes e de forma fônica idêntica”. Assim, as duas definições englobam as possibilidades de homônimos homógrafos não-homófonos, homônimos homófonos não-homógrafos e homônimos homógrafos homófonos.

O dicionário Houaiss oferece também uma lista bastante completa de locuções envolvendo o termo. Nela encontramos “homônimo heterofônico” ou “heterófono”, “homônimo homófono”, “homônimo homógrafo”, “homônimo homógrafo homófono”, “homônimo imperfeito” e “homônimo perfeito”.

Para fins didáticos, explico que “homônimo heterofônico” ou “heterófono” é um sinônimo de “homônimo homógrafo” e designam as palavras que se escrevem de mesma maneira, mas possuem uma pronúncia diferente. Um “homônimo homófono” é uma palavra que se pronuncia igual a uma outra, enquanto “homônimo homógrafo homófono”, sinônimo de “homônimo perfeito”, caracteriza duas palavras com pronúncia e grafias iguais.

Dictionnaire de la linguistique, de Georges Mounin

A *homonymie* é a “relation existant entre deux (ou plusieurs) formes linguistiques ayant le même signifiant, mais des signifiés radicalement différents”. Por exemplo, as palavras *coq*, *coque* e *coke*. O dicionário cita também a distinção entre homônimos homófonos, “formes ayant le même son et des sens différents (bon, bond)”, e homônimos homógrafos, “formes ayant la même graphie et des sens différents”.

Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage, de Jean Dubois

Segundo o dicionário, “l’homonymie est l’identité phonique (homophonie) ou l’identité graphique (homographie) de deux morphèmes qui n’ont pas, par ailleurs, le même sens”.

Para *homonyme*, por sua vez, o verbete indica ser “un mot qu’on prononce ou/et qu’on écrit comme un autre, mais qui n’a pas le même sens que ce dernier”. Aponta-se também que homônimos que são homófonos e homógrafos são pouco frequentes em francês. Segundo o

dicionário há maior número de homófonos do que de homógrafos pois, a partir dos séculos 17 e 18, na França, tentou-se diferenciar a ortografia dos homófonos, resultando desse esforço a grafia de palavras como *dessin* e *dessein*, *compte* e *conte*.

Lexique des notions linguistiques, de Franck Neveu

Para Franck Neveu, a homonímia é “la relation de similarité de signifiant entre des formes linguistiques dont les signifiés sont différents”⁴⁰. Esta similaridade pode ser de ordem fônica (*homophones hétérographes*), gráfica (*homographes hétérophones*) ou fônica e gráfica (*homophones homographes*). Por exemplo, a conjunção *car* e o substantivo *car* (meio de transporte), são *homophones homographes*, enquanto *mère* e *maire* são *homophones hétérographes*. Por sua vez, *fil* [fis], em *fil* *unique*, e *fil* [fil], em *il a arraché les fils*, são *homographes hétérophones*.

Em linhas gerais, tanto os verbetes em francês para *homonyme* quanto em português para “homônimo” citam também as acepções de nomes próprios em geral que são idênticos ou de pessoas com o mesmo nome. Nos verbetes em português, vale ressaltar que, muitas vezes, a acepção de “pessoas homônimas”, isto é, que têm o mesmo nome, figura na primeira acepção do verbete. Por sua vez, no verbete *homonyme* em dicionários franceses, costuma aparecer uma acepção que faz referência aos jogos de palavras ou trocadilhos e rimas.

Apresentamos, abaixo, um quadro comparativo explicitando os conceitos de homonímia e homônimo(s) encontrados nos dicionários.

Quadro comparativo dos conceitos de “homonímia” e “homônimo(s)”		
	Homonímia / Homonymie	Homônimo(s) / Homonyme(s)
Rónai 1975	-x-	Rónai não define homônimos, limitando-se a oferecer dois exemplos: <i>vol</i> (roubo) e <i>vol</i> (vôo); <i>livre</i> (livro) e <i>livre</i> (libra)
Rónai 1976a	-x-	Rónai define os homônimos etimológicos como “palavras de origem diferente, as quais o acaso das mutações fonéticas acabou conferindo pronúncia e, frequentemente, grafia idêntica ou semelhante”; “Existentes dentro de cada língua”.
Rónai 1976b	-x-	Rónai fornece exemplos: o vocábulo inglês <i>lead</i> significa “comando” e

⁴⁰ NEVEU, Franck. “Homonymie/polysémie”. In: Idem. *Lexique des notions linguistiques*. Paris : Éditions Nathan/HER, Colléction 128, 2000, p. 51.

		“chumbo”, o alemão <i>Leiter</i> , “escada” e “condutor”.
Rónai 1983	-x-	“São homônimas as palavras de origem diferente, mas que o acaso da evolução da língua acabou dando pronúncia e, geralmente, grafias iguais”.
DAF 8ème	« Qualité de ce qui est homonyme ».	« Qui ont la même forme ou le même son, mais désignent des êtres ou des choses différentes ».
DAF 9ème	« Caractère de mots homonymes ».	« Se dit de mots de prononciation identique et de sens différent ».
Robert	« Caractère de ce qui est homonyme ».	« Se dit des mots de prononciation identique (→ homophone) et de sens différents, qu'ils soient de même orthographe (→ homographe) ou non ».
TLFi	« Relation entre plusieurs formes linguistiques ayant le même signifiant graphique et/ou phonique et des signifiés totalement différents ; formes linguistiques qui ont entre elles cette relation ».	« (Mot, signifiant) qui a une prononciation et/ou une graphie identique à celle d'un autre mais un signifié différent ».
Aurélio	“Qualidade do que é homônimo”; “Identidade fonética entre formas de significado e origem completamente distintos, como entre <i>são</i> , presente do verbo ‘ser’, e <i>são</i> , ‘santo’”; “Na escrita, palavras que têm a mesma pronúncia, e igual grafia (como <i>falácia</i> , ‘qualidade de falaz’, e <i>falácia</i> , ‘falatório’) ou grafia diferente (como <i>lasso</i> , ‘cansado’, e <i>laço</i> , ‘laçada’)”.	“Diz-se de, ou palavra que se pronuncia da mesma forma que outra, mas cujo sentido e escrita são diferentes (os homófonos <i>laço</i> = laçada, <i>lasso</i> = cansado), ou que se pronuncia e escreve do mesmo modo, mas cujo significado é diverso (os homógrafos <i>falácia</i> = qualidade de falaz, e <i>falácia</i> = falatório). [Cf. <i>parônimo</i> , <i>sinônimo</i> , <i>homófono</i> , <i>antônimo</i> e <i>homógrafo</i> .]”
Houaiss	“Relação entre formas linguísticas que, com significados diferentes, têm a mesma forma gráfica e fônica ou apenas fônica”.	“Diz-se de ou cada uma de duas ou mais palavras de significados diferentes e de grafia idêntica; homógrafo”; “Diz-se de ou cada uma de duas ou mais palavras, ou dois ou mais morfemas, de significados diferentes e de forma fônica idêntica; homófono”.
Mounin	-x-	“Relation existant entre deux (ou plusieurs) formes linguistiques ayant le même signifiant, mais des signifiés radicalement différents”.
Dubois	“L’homonymie est l’identité phonique (homophonie) ou l’identité graphique (homographie) de deux morphèmes qui n’ont pas, par ailleurs, le même sens”.	“un <i>homonyme</i> est un mot qu’on prononce ou/et qu’on écrit comme un autre, mais qui n’a pas le même sens que ce dernier”.
Neveu	“L’homonymie désigne la relation de similarité de signifiant entre des formes linguistiques dont les signifiés sont différents”	-x-

Agora, apresento alguns comentários sobre o quadro. Paulo Rónai não se atém a definir os homônimos em seus escritos, o que é compreensível tendo em vista a natureza de seus artigos. Por outro lado, foi o único autor a assinalar, no texto de 1976b, que se trata de um fenômeno que ocorre dentro de uma língua dada (e não no contato e comparação entre duas línguas, como ocorre com os falsos amigos).

DAF8ème, *DAF9ème* e *Petit Robert*, ao definir a homonímia como a “qualidade” ou a “característica” do que é homônimo, das palavras homônimas, na verdade, remetem a definição para o verbete “homônimo”.

No tocante às definições do fenômeno, é interessante observar que, para o *DAF9ème* e para o *Petit Robert*, um par de homônimos teria necessariamente a mesma pronúncia. A mesma lógica é apresentada pela definição do verbete do dicionário *Aurélio*. Assim, como veremos adiante, também para este dicionário, homonímia seria necessariamente homofonia e um homônimo um homófono.

O *DAF8ème*, por sua vez, não elenca a possibilidade de um homônimo ter mesma pronúncia e mesma grafia concomitantemente, mas o *TLFi* resolve esse impasse usando a fórmula “et/ou” em sua definição. Já o dicionário *Houaiss*, para o verbete “homonímia” considera necessária a similaridade fônica, o que parece não ser definidor do fenômeno quando se lê o verbete “homônimo”, visto que o sintagma “homônimo homógrafo” é proposto.

As definições dos verbetes de Mounin e de Neveu, do primeiro para *homonyme* e do segundo para *homonymie*, são parecidas; ambos utilizam as palavras *signifiant* (que é o mesmo) e *signifiés* (que são diferentes). Por sua vez, Dubois utiliza os termos *homophonie* e *homographie* na própria definição de *homonymie*.

Nesse sentido, destacamos que os verbetes dos dicionários *DAF 9ème*, *Robert*, *TLFi*, *Aurélio* e *Houaiss* fazem referência aos termos homógrafo e/ou homófono.

Apresento, abaixo, um quadro-síntese relacionando os conceitos/definições encontrados nos verbetes “homofonia”, “homófono”, “homografia” e “homógrafo”, bem como os seus respectivos equivalentes em francês, em cada um dos dicionários analisados.

	Homofonia/ <i>Homophonie</i>	Homófono/ <i>Homophone</i>	Homografia/ <i>Homographie</i>	Homógrafo/ <i>Homographe</i>
DAF 8ème	“il se dit de Graphies qui représentent un même son”.	“Qui a le même son”.	-x-	-x-
DAF 9ème	“Caractère de ce qui est homophone”.	“Se dit de signes graphiques ou de mots qui se prononcent de la même façon mais qui s'écrivent différemment”.	“Caractère des mots homographes”.	“Se dit de mots homonymes ou non qui ont la même forme écrite”.
Robert	“Identité des sons représentés par des signes différents”.	“Se dit de lettres, de mots qui ont la même prononciation”.	“Fait d'être homographe(s)”.	“Se dit des mots qui ont même orthographe”.
TLFi	“Relation d'identité phonique entre plusieurs formes linguistiques”.	“[En parlant d'unités ou de groupements graphiques (signe, syllabe, mot, phrase)] De prononciation identique”.	“Phénomène par lequel deux formes de même écriture (et souvent de même prononciation) ont des significés différents”.	“(Mot) dont la graphie est identique à celle d'un autre mot”.
Aurélio	“Qualidade das palavras homófonas”.	“Diz-se de, ou vocábulo que tem o mesmo som de outro com grafia e sentido diferente”.	“Qualidade de homógrafo”.	“Diz-se de, ou vocábulos que têm a mesma grafia, mas significações diferentes”.
Houaiss	“Característica do que é homófono”; “Relação entre duas ou mais palavras que, sendo diversas no significado e na grafia, se pronunciam de modo idêntico”.	“Diz-se de ou cada um de dois ou mais vocábulos que, sendo diversos no significado e na grafia, se pronunciam de modo idêntico”.	“Atributo, característica do que é homógrafo”; “Relação entre duas ou mais palavras diferentes no significado e na pronúncia, mas que se escrevem de modo idêntico”; “Relação entre duas ou mais palavras diferentes no significado, mas que se escrevem e se pronunciam de modo idêntico”.	“Diz-se de ou cada uma de duas ou mais palavras diferentes no significado e na pronúncia, mas que se escrevem de modo idêntico”; “Diz-se de ou cada uma de duas ou mais palavras de significados diferentes, que se escrevem e se pronunciam de modo idêntico”.
Mounin	-x-	“En dehors des cas d'homonymie, on dit parfois que deux graphies sont homophones lorsqu'elles sont la transcription du même son”. “formes ayant le même son et des sens	-x-	“formes ayant la même graphie et des sens différents”.

		différents (bon, bond)”		
Dubois	“L’ <i>homophonie</i> est l’identité phonique entre deux ou plusieurs unités significatives, ou entre deux ou plusieurs signes graphiques appelés <i>homophones</i> ”.	“On dit qu’un mot est <i>homophone</i> par rapport à un autre lorsqu’il présente la même prononciation, mais un sens différent”.	-x-	“On dit de deux formes qu’elles sont <i>homographes</i> quand elles ont la même graphie mais des sens différents”.
Neveu				

Nesses verbetes, não há maiores problemas conceituais. Contudo, na definição de *homographe* do *DAF 9ème* percebe-se, novamente, a tendência do dicionário em considerar um *homonyme* como sendo necessariamente um *homophone*. Além disso, vale salientar que o dicionário Houaiss busca sublinhar nas definições dos verbetes “homografia” e “homógrafo” que estes podem ser apenas homógrafos ou também homógrafos homófonos.

Nenhum dos verbetes refere ou remete aos verbetes polissemia, falso amigo, metáfora/figura.

Síntese

Em resumo, trata-se de um caso de homonímia quando, numa mesma língua, são atestadas duas palavras diferentes, com significados diferentes, contudo, que possuam a mesma ortografia (homógrafos), a mesma pronúncia (homófonos) ou as duas ao mesmo tempo (homônimos homófonos e homógrafos). É o caso dos homônimos homófonos em francês *saut* (pulo), *sceau* (selo), *seau* (balde) e *sot* (tolo), *hôtel* (hotel) e *autel* (altar) e dos homônimos homófonos e homógrafos *bière* (caixão) e *bière* (cerveja). Como homógrafos não-homófonos (ou homógrafos heterófonos), que são menos comuns, podemos citar *est* (verbo) e *est* (ponto cardeal) ou *sens* (verbo) e *sens* (direção, sentido).

Dito isso, veremos outras abordagens referentes a esse fenômeno quando do estudo da polissemia.

Homonímia como uma dificuldade de compreensão

Os homônimos podem se tornar uma dificuldade de compreensão e/ou tradução em língua estrangeira. Em se tratando desse tipo de dificuldade, os problemas ocorrem geralmente no processo de compreensão da língua estrangeira, acarretando equívocos.

Um termo pode ser facilmente confundido com seu homônimo, visto que nem sempre há um motivo explícito para desconfiar da própria compreensão na língua estrangeira. Como Paulo Rónai assinalou, “os francófonos não confundem [os homônimos], mas para o estrangeiro desprevenido são fontes de erro permanentes”⁴¹. Além disso, segundo o autor, “tem-se observado que o número de homônimos é maior nas línguas ricas em palavras monossilábicas, como, por exemplo, o inglês e o francês”⁴².

2. 2. 2 PARONÍMIA

Ainda que não tenha sido elencada, podemos citar ainda a paronímia. Trata-se de duas palavras que são *parecidas* numa mesma língua, isto é, um caso de quase homonímia. As palavras *prescrire* e *proscrire*, *maturité* e *muration*, *pompier* e *plombier* são exemplos de parônimos.

2. 2. 3 POLISSEMIA

Para estudar a polissemia, seguimos a mesma metodologia empreendida no estudo da homonímia, isto é, além da análise dos textos de Paulo Rónai, análise de dicionários gerais de língua e de linguística. Utilizamos também como guia o trabalho de conclusão de curso de Daniele Cunha⁴³ que foi bolsista de iniciação científica do projeto e, atualmente, sendo doutoranda, continua fazendo parte do grupo de pesquisa. Em seu trabalho, desenvolveu uma análise da polissemia como uma dificuldade de compreensão e de tradução, especificamente da língua francesa para a língua portuguesa.

Paulo Rónai

“Advertência”, de Paulo Rónai

Na “Advertência” ao seu *Guia prático da tradução francesa*, Paulo Rónai não apresenta a polissemia. Contudo, como aponta Daniele Cunha, o autor “assinala a existência de uma subcategoria de falsos amigos, em que são incluídas as palavras que podem se tornar falsos amigos em alguma de suas acepções, sendo que, nas outras, os significados correspondem aos

⁴¹ RÓNAI, Paulo. “Advertência”. In: Idem. *Guia prático da tradução francesa*. 2ª ed., rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Educom, 1975. p.XI - XV.

⁴² RÓNAI, Paulo. “Problemas gerais da tradução”. In: PORTINHO, Waldívia Marchiori (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Átamo, 1984, pp. 1-15.

⁴³ CUNHA, Daniele. «A polissemia como uma dificuldade de compreensão e tradução do FLE». Monografia (Graduação), Porto Alegre: Letras/UFRGS, 2008.

da palavra semelhante na outra língua”⁴⁴. A não-correspondência de alguns significados ocorre por causa da diferente polissemia das palavras nas diferentes línguas. O exemplo dado pelo autor é a palavra francesa *hôtel*, que nem sempre significa “hotel” (podendo significar “casarão”, “mansão”, “palacete”, “palácio”), caso de polissemia do termo em francês, sendo um falso amigo em algumas acepções do português “hotel”.

“As armadilhas da tradução”, de Paulo Rónai

Nesse texto, Rónai apresenta a polissemia como uma dificuldade de tradução. Segundo o autor, “uma mesma palavra ganha vários sentidos novos no decorrer de sua evolução” e “essa diversificação do sentido, a que se dá o nome de polissemia, faz com que a uma palavra possam corresponder diversos equivalentes segundo o contexto”⁴⁵. O autor cita a palavra “mão” como exemplo: uma só palavra em português pode significar o que, em francês, seria *main* (parte do corpo) ou *sens* (direção de trânsito).

Ainda que a polissemia ocorra no interior de uma mesma língua, estando ligada muitas vezes a dificuldades no processo de compreensão da língua estrangeira, Rónai estuda este fenômeno pensando mais especificamente numa situação de tradução, entre duas línguas. Ele aponta que a relação de polissemia entre duas línguas não se dá da mesma forma, mesmo entre termos cognatos (termos que possuem mesma origem). Por exemplo, *vagabond* poderia ser traduzido por “vagabundo”, mas o vocábulo francês não possui a mesma conotação pejorativa característica do vocábulo português. Assim, “a polissemia faz com que a uma palavra do idioma A correspondam duas do idioma B”⁴⁶, e, por isso, configura uma dificuldade de tradução.

“As ciladas da tradução técnica”, de Paulo Rónai

Neste texto, Rónai pretende mostrar que o tradutor técnico nem sempre lida com termos de significado tão evidente e preciso e, portanto, que ele também se depara com palavras polissêmicas, as quais podem lhe causar muitas dificuldades.

O autor não define a polissemia, limitando-se a classificá-la como uma “enfermidade da linguagem (que lhe enfraquece a lógica, enquanto a torna apta à expressão poética)”⁴⁷, de acordo com o livro *La Traduction scientifique et technique*, de Jean Maillot.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p. 18.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ RÓNAI, Paulo. “As ciladas da tradução técnica”. In: Idem. *Escola de tradutores*, 2 ed., Rio de Janeiro: Educom, 1976, p. 75-76

Novamente, sem se aprofundar, Rónai assinala que a dificuldade é maior quando há polissemia em ambos os termos, tanto no da língua de origem quanto no da língua-alvo. Além disso, mais adiante, afirma que “é frequente os termos mais internacionais não recobrirem nas diversas línguas o mesmo campo semântico”⁴⁸, como é o caso dos vocábulos “máquina” e “aparelho” e seus equivalentes (imperfeitos) nas diversas línguas ocidentais.

“Problemas gerais da tradução”, de Paulo Rónai

Rónai também desenvolve nesse artigo uma discussão sobre palavras cognatas (de mesma etimologia) em línguas diferentes que acabam assumindo sentidos bastante diferentes (polissemia) em decorrência da evolução dos respectivos idiomas e dá o exemplo dos vocábulos “prego” e *clou*, cujas polissemias não correspondem plenamente. Pare ele, “a modificação [do sentido das palavras] consta numa cisão do sentido primitivo, ao lado do qual o vocábulo assume outros sentidos”⁴⁹, acarretando na polissemia.

Ainda neste texto, o autor relaciona a polissemia à metáfora ao afirmar que os novos sentidos assumidos pelo léxico se devem “à tendência metafórica do espírito humano”⁵⁰.

DAF8ème

Surpreendentemente, este dicionário não apresenta o verbete *polysémie*.

DAF 9ème

A *polysémie* é definida como “caractère d'un mot qui présente plusieurs sens”. Como exemplo, é oferecida a frase “La polysémie des verbes « louer », « pointer »”. Ao final do verbete, aponta-se o uso por extensão no domínio da literatura: “La polysémie d'un texte poétique”.

Le Petit Robert

Para o dicionário *Le Petit Robert*, a polissemia, termo pertencente ao campo da linguística, corresponde ao “caractère d'un signe qui possède plusieurs contenus, plusieurs

⁴⁸ RÓNAI, Paulo. “As ciladas da tradução técnica”. In: Idem. *Escola de tradutores*, 2 ed., Rio de Janeiro: Educom, 1976, p. 77

⁴⁹ RÓNAI, Paulo. “Problemas gerais da tradução”. In: PORTINHO, Waldivia Marchiori (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Álamo, 1984, p. 6.

⁵⁰ RÓNAI, Paulo. “Problemas gerais da tradução”. In: PORTINHO, Waldivia Marchiori (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Álamo, 1984, p. 7.

sens”⁵¹. Há também uma citação de S. Ullmann, para quem “la polysémie nous permet d'exploiter rationnellement le potentiel des mots [...] Le prix de cette rationalisation est le risque d'ambiguïté”⁵².

O exemplo ofertado pelo dicionário é a unidade lexical *pompe*, que, dependendo da situação, pode representar um caso de polissemia ou de homonímia. *Pompe* (aparelho, máquina, bomba) e *pompe* (designação popular para sapato, calçado) são um caso de polissemia. Por sua vez, o par *pompe* (aparelho, máquina) e *pompe* (pompa) equivale a duas palavras homônimas.

Também é apontado ao final do verbete o contrário de polissemia: monossémia.

TLFi

O verbe *polysémie* indica se tratar de termo do domínio da linguística e da semântica. Como definição, trata-se da “propriété d'un signifiant de renvoyer à plusieurs signifiés présentant des traits sémantiques communs”. O verbe aponta que o antônimo da *polysémie* é a *monosémie*, bem como que o uso deste vocábulo está frequentemente associado à palavra *homonymie*.

O exemplo trazido pelo dicionário é uma citação de R. Martin: “Le phénomène si typique du langage naturel qu'est la polysémie pose au moins trois problèmes étroitement liés (...) celui du découpage des sens, c'est-à-dire de leur découverte et de leur définition; celui des relations que ces sens entretiennent et celui de la levée des ambiguïtés au plan du discours”⁵³.

Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa

O dicionário *Aurélio* define a polissemia de maneira sucinta: “o ter uma palavra muitas significações”. Acrescenta a esta definição, citação de M. Said Ali: “quando um termo se usa com várias acepções diz-se que há ‘polissemia’”.⁵⁴ O verbe não apresenta exemplos.

⁵¹ ROBERT, Paul. *Le Nouveau Petit Robert, dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.

⁵² ULLMANN, S. Citado por ROBERT. *Le Nouveau Petit Robert, dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Version électronique 2.1. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.

⁵³ R. Martin, Esquisse [infra bbg.], p.125

⁵⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio século XXI : o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa

A definição apresentada por este dicionário faz referência à “multiplicidade de sentidos de uma palavra ou locução”, por exemplo, a palavra “prato”, que pode significar “vasilha”, “comida”, “iguaria”, “receptáculo de balança”, “instrumento musical”, etc.⁵⁵

Além disso, na rubrica “gramática” do *Dicionário Houaiss*, lemos “a polissemia é um fenômeno comum nas línguas naturais, são raras as palavras que não a apresentam; difere da homonímia por ser a mesma palavra, e não palavras com origens diferentes que convergiram foneticamente”.⁵⁶ Dessa maneira, o dicionário aponta que há diferença e, ao mesmo tempo, proximidades entre a polissemia e a homonímia. Em seguida, as causas da polissemia são elencadas: os usos figurados “por metáfora ou metonímia, por extensão de sentido, analogia, etc.” e os empréstimos de acepções “que a palavra tem em outra língua”.⁵⁷

Dictionnaire de la linguistique, de Georges Mounin

A *polysémie* é a “propriété qu’a un même signifiant de présenter plusieurs signifiés”. Os exemplos apresentados são *maison de campagne, maison de retraite, maison d’Autriche*. Em seguida, o dicionário opõe a polissemia e a homonímia.

Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage, de Jean Dubois

Segundo o *Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage*, “on appelle *polysémie* la propriété d’un signe linguistique qui a plusieurs sens. L’unité linguistique est alors dite *polysémique*”. Além disso, ressalta-se que o conceito de polissemia está inserido em um duplo sistema de oposições entre polissemia e homonímia, bem como entre polissemia e monosssemia. O exemplo dado é a palavra *fer*, bastante polissêmica; pode significar o próprio metal, um objeto desse material, etc.

Lexique des notions linguistiques, de Franck Neveu

A *polysémie* é definida como “l’existence d’une pluralité de signifiés pour un même signifiant”⁵⁸ e se opõe à *monosémie*. Por exemplo, o vocábulo *fumeux* possui mais de uma

⁵⁵ HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss, produzido e distribuído pela Editora Objetiva Ltda, 2001.

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ NEVEU, Franck. “Homonymie/polysémie”. In: Idem. *Lexique des notions linguistiques*. Paris : Éditions Nathan/HER, Colléction 128, 2000, p. 52.

acepção: “1 « qui répand la fumée », 2 « qui manque de clarté, qui est difficilement compréhensible »”.

Apresentamos, abaixo, um quadro comparativo explicitando os conceitos de polissemia ofertados pelos dicionários.

Quadro comparativo dos conceitos de “polissemia”	
	Polissemia / <i>Polysémie</i>
Rónai 1975	-x-
Rónai 1976a	“Essa diversificação do sentido, a que se dá o nome de polissemia, faz com que a uma palavra possam corresponder diversos equivalentes segundo o contexto”.
Rónai 1976b	“Enfermidade da linguagem (que lhe enfraquece a lógica, enquanto a torna apta à expressão poética)”.
Rónai 1983	Polissemia é originada pela “cisão do sentido primitivo, ao lado do qual o vocábulo assume outros sentidos”.
DAF 8ème	-x-
DAF 9ème	“Caractère d'un mot qui présente plusieurs sens”.
Robert	“Caractère d'un signe qui possède plusieurs contenus, plusieurs sens”.
TLFi	“Propriété d'un signifiant de renvoyer à plusieurs signifiés présentant des traits sémantiques communs”.
Aurélio	“O ter uma palavra muitas significações”; “Quando um termo se usa com várias acepções diz-se que há ‘polissemia’”.
Houaiss	“Multiplicidade de sentidos de uma palavra ou locução”.
Mounin	“Propriété qu'a un même signifiant de présenter plusieurs signifiés”.
Dubois	“On appelle <i>polysémie</i> la propriété d'un signe linguistique qui a plusieurs sens. L'unité linguistique est alors dite <i>polysémique</i> ”.
Neveu	“La polysémie se définit par l'existence d'une pluralité de signifiés pour un même signifiant”.

Agora apresento alguns comentários sobre o quadro.

Rónai, em seus artigos, não oferece conceituações precisas do fenômeno. Por outro lado, sempre (ou quase) pensa a polissemia dentro de uma situação envolvendo duas línguas e tradução.

DAF9ème, *Petit Robert*, *Aurélio* e *Houaiss*, por serem dicionários gerais de língua, apresentam definições mais simples para a polissemia. Houaiss é o único dentre os quatro que traz uma informação a mais: assinala que a polissemia também pode ocorrer em locuções.

O *TLFi* conceitua o fenômeno de maneira similar aos demais dicionários. Contudo, embora também seja um dicionário geral de língua, utiliza um vocabulário mais especializado,

pertencente aos estudos linguísticos (*signifiant, signifié, traits sémantiques*); não é por acaso que Mounin e Neveu trazem definições muito parecidas com a do *TLFi*.

Dubois, por sua vez, utiliza os termos *sens* e *signe linguistique*, bem como *Le Petit Robert*.

Síntese

Pode-se dizer que é uma característica da polissemia ser uma propriedade do léxico inerente a ele, que afeta o seu sentido e o seu uso. Quanto ao conceito geral de polissemia, todos os autores apresentam uma definição mais ou menos próxima, sem maiores divergências. Uma das conceptualizações mais simples parece ser a encontrada no *Dictionnaire de linguistique*, de Jean Dubois *et alii*, segundo o qual a polissemia seria “la propriété d’un signe linguistique qui a plusieurs sens”⁵⁹. Por sua vez, no verbete de autoria de Jacques Roggero no *Dictionnaire de linguistique*, organizado por Georges Mounin, a polissemia é definida como “la propriété qu’a un même signifiant de présenter plusieurs signifiés”⁶⁰.

Polissemia como uma dificuldade de compreensão

A polissemia, por dificultar o processo de compreensão da língua estrangeira, causa alguns dos problemas de compreensão e/ou tradução mais frequentes.

Assim, um vocábulo polissêmico que apresenta sentidos pouco frequentes pode, além de apresentar ambiguidade, vir a ser compreendido de forma equivocada quando não se identifica a necessidade de consultar um dicionário para examinar a diversidade de sentidos possíveis para além daqueles mais conhecidos.

Além disso, pode haver termos polissêmicos em português e em francês cujas polissemias não correspondem, criando uma dificuldade ainda maior. Por exemplo, entre as palavras “prego” e *clou*, há polissemia em ambos os termos e os diversos sentidos nem sempre correspondem nas duas línguas.

Com o intuito de aprofundar o estudo da polissemia, após ter analisado os artigos de Paulo Rónai e os dicionários, proponho agora uma retomada da discussão desta em relação à homonímia a partir da bibliografia que já foi levantada, bem como de algumas considerações importantes presentes no já citado trabalho de Daniele Cunha.

⁵⁹ DUBOIS, Jean *et alii*. In: Idem. *Dictionnaire de linguistique*, Paris: Larousse, 1973, p. 381.

⁶⁰ MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris: PUF, coll. "Les Grands Dictionnaires", 1974, p. 264.

Proximidade entre polissemia e homonímia

A polissemia mantém relações com outras propriedades da língua e torna-se ainda mais complexa devido à sua delicada proximidade com a homonímia. Márcia Cançado afirma que tanto a polissemia quanto a homonímia “lidam com os vários sentidos para uma mesma palavra fonológica”⁶¹. Já Franck Neveu assinala que “[l’homonymie et la polysémie] rend[ent] manifestement insuffisante la triade sémiotique (signifié, signifiant, référent) pour rendre compte des emplois complexes des signes linguistiques”⁶². Além disso, a polissemia é muito comum nas línguas e, em geral, até mesmo as palavras homônimas acabam sendo também polissêmicas, criando problemas de compreensão ainda maiores.

Apesar de próximas, Dubois ressalta que o conceito de polissemia está inserido, na verdade, em um duplo sistema de oposições entre polissemia e homonímia e polissemia e monossemia. No que diz respeito à oposição entre polissemia e homonímia, há diversas abordagens. Segundo o dicionário *Dictionnaire de linguistique*, organizado por Mounin, a polissemia apresenta traços semânticos comuns, ao passo que a homonímia, não: “*le palais de Versailles, le palais de Justice* (polysémie) / *le palais (dans la bouche)* (homonymie)”⁶³.

A definição de polissemia dada por Martinet deixa clara essa oposição: “On parle de polysémie lorsque la valeur d’une unité lexicale se présente sous des aspects nettement différents ou, en termes plus simples, lorsqu’un mot offre plusieurs sens assez proches à l’examen pour qu’on ne puisse pas parler d’homonymie”⁶⁴.

Crítérios de distinção entre polissemia e homonímia

Ainda que seja clara a diferença entre polissemia e homonímia, a dificuldade maior está em precisar os limites de cada uma dessas duas propriedades da língua para, assim, diferenciá-las.

Muitos autores destacam a dificuldade em encontrar critérios satisfatórios para diferenciar a homonímia da polissemia. Por outro lado, existem autores, como Ana Zandwais⁶⁵,

⁶¹ CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 65. Citado por CUNHA, Daniele.

⁶² NEVEU, Franck. “Homonymie/polysémie”. In: Idem. *Lexique des notions linguistiques*. Paris : Éditions Nathan/HER, Collection 128, 2000, p. 51.

⁶³ MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris : PUF, coll. “Les Grands Dictionnaires”, p. 265.

⁶⁴ PUPIER, Paul. “Lexique”. In: MARTINET, André (dir.). *La Linguistique : guide alphabétique*. Paris : Éditions Denoël, 1969, p. 190.

⁶⁵ ZANDWAIS, Ana. “Homonímia e polissemia: o mesmo e o diferente”. Originalmente publicado em: GRIMM CABRAL, Loni & GORSKI, Edair (orgs.). *Lingüística e ensino: reflexões para a prática pedagógica de língua*

que afirmam não ser relevante aos estudos semânticos fazer a distinção entre homonímia e polissemia. Por sua vez, Linn⁶⁶ propõe, com base em Bergmann, que o problema de diferenciar os dois fenômenos acaba desaparecendo no ato comunicativo. Da mesma maneira, para a compreensão e/ou tradução de uma língua estrangeira, distinguir a polissemia da homonímia não é essencial: o que importa é o bom desempenho da tarefa de compreender e/ou traduzir um enunciado.

Contudo, essa diferenciação, isto é, os critérios para decidir se, num dicionário, uma palavra vai ser tratada como um caso de homonímia ou um caso de polissemia, revela-se muito importante para o trabalho lexicográfico, visto que a tradição lexicográfica costuma tratar os homônimos de forma diferente das palavras polissêmicas.

Há entre os dicionaristas um consenso sobre o tratamento dispensado às unidades linguísticas conforme são consideradas casos de homonímia ou de polissemia. Quando se configura um caso de homonímia, têm-se duas palavras com mesma grafia e/ou pronúncia, enquanto que, na polissemia, tem-se apenas uma só palavra com sentidos diversos. Assim, palavras diferentes com a mesma ortografia (homônimos que são homógrafos) são apresentadas em entradas distintas. A palavra polissêmica, por se tratar de um vocábulo com sentidos diversos, possui uma só entrada lexicográfica onde figuram todas as suas acepções. Mas como distinguir as palavras polissêmicas das homônimas?

Um dos critérios para diferenciar o léxico em homônimos e palavras polissêmicas mais citados nos textos é a etimologia. Este critério é posto em dúvida pelo *Dictionnaire de linguistique*, pois se trata de uma visão diacrônica, podendo não ser aceita por uma visão sincrônica⁶⁷.

Mattoso, também, destaca o critério etimológico, assinalando que nem sempre é válido. Ainda que algumas formas tenham a mesma origem, muitas vezes não podem ser consideradas uma unidade lexical polissêmica, visto que possuem sincronicamente diferenças muito substanciais do ponto de vista semântico. Além disso, como mostra Mattoso, às vezes não é possível identificar a origem nem por meio de pesquisas⁶⁸.

materna. Florianópolis: Insular, 1998. Citado por CUNHA, Daniele, que trabalhou com uma versão posterior do texto (revista e corrigida, mas inédita), distribuída pela autora em suas aulas da disciplina “Semântica frasal e textual” do curso de Letras da UFRGS.

⁶⁶ LINN, Tatiana de Marsillac. “Homonímia e polissemia”. *Cadernos do IL*, n. 10. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 1993. Citado por CUNHA, Daniele.

⁶⁷ DUBOIS, Jean *et alii*. *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse, 1973, p. 265.

⁶⁸ CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 39 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Citado por CUNHA, Daniele.

Outro critério bastante referenciado é o da relação ou ausência de relação entre os diferentes sentidos assumidos pela unidade polissêmica. Podendo ser aplicado diacronicamente ou sincronicamente, este critério parece ser, entre os autores estudados, um dos mais importantes para o estudo da polissemia. No entanto, nem sempre as pessoas vão enxergar a mesma relação ou vão relacionar determinados sentidos, ficando difícil, por vezes, dizer se há algum tipo de relação entre um sentido e outro; é um critério subjetivo em alguma medida. Neste sentido, John Lyons considera o critério da relação entre os sentidos de difícil aplicação, pois nem sempre obterá um resultado seguro e preciso. Tendo em vista que alguns vocábulos divergiram muito de seus sentidos originários, podemos ficar impossibilitados de perceber uma relação de sentidos numa “dimensão histórica”⁶⁹.

Um outro critério sincrônico, o sintático, é proposto por Mattoso: “a distribuição dos morfemas nos vocábulos e dos vocábulos nas sentenças”⁷⁰. Segundo o autor, a distribuição das palavras em uma mesma classe gramatical indicaria polissemia e a distribuição diferente, homonímia.

Lyons, nessa mesma linha, propõe que se abandone os critérios semânticos (relação entre os sentidos) para distinção de polissemia e homonímia e se adote critérios unicamente sintáticos. O autor pondera que esta não parece ser a melhor solução, contudo, ainda assim seria “teórica e praticamente mais sustentável que sua alternativa”⁷¹. Embora o critério da distribuição sintática não envolva uma classificação subjetiva das palavras, o que facilitaria o processo de produção de um dicionário, Lyons radicaliza ao propor um método que se afasta dos sentidos das palavras num campo de estudos tão ligado à semântica. Além disso, o complexo problema da distinção continuaria existindo.

Alguns autores, ainda, propõem unir alguns desses critérios para distinguir as unidades linguísticas. João de Almeida⁷², por exemplo, sugere unir a relação entre os sentidos e a distribuição sintática.

E, finalmente, por que essas questões nos dizem respeito? Posto que também é de interesse do nosso projeto a organização de um pequeno glossário, esta questão é de grande importância para nosso projeto de pesquisa; tal distinção afeta a forma de apresentar os

⁶⁹ LYONS, John. *Lingua(gem) e lingüística: uma introdução*. Traduzido por Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987, p. 111. Citado por CUNHA, Daniele.

⁷⁰ CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 39 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 28. Citado por CUNHA, Daniele.

⁷¹ LYONS, John. *Lingua(gem) e lingüística: uma introdução*. Traduzido por Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987, p. 111. Citado por CUNHA, Daniele.

⁷² ALMEIDA, João de. “Ambigüidade lexical”. *Alfa: revista de lingüística*, vol. 34. Marília: Editora UNESP, 1990, pp. 187-193. Citado por CUNHA, Daniele.

verbetes, ou seja, sua distribuição nas entradas. Qual critérios adotamos? No nosso projeto, nos apoiamos e referenciamos, antes de mais nada, no que já foi proposto e assentado pela tradição lexicográfica, isto é, seguimos os consensos (não são poucos). Quando existem divergências, estudamos a questão com particular atenção, procuramos entender o que motivou cada decisão lexicográfica e decidimos, adotando critérios sincrônicos baseados na proximidade (ou não) de sentidos.

A relação da polissemia com metonímia e metáfora

A polissemia se relaciona com algumas outras propriedades do léxico como, por exemplo, os usos figurados, mais especificamente a metonímia e a metáfora.

Ainda que não se aprofunde, o *Dicionário Houaiss* fornece uma ótima pista na rubrica “gramática” sobre a relação da polissemia com os usos figurados. Ao elencar as possíveis causas da polissemia, cita “os usos figurados, por metáfora ou metonímia, por extensão de sentido, analogia, etc.” e os empréstimos de acepções “que a palavra tem em outra língua”.⁷³

Mattoso lembra que a metáfora e a metonímia estão relacionadas à polissemia. Para ele, aquelas “tornam mais complexa a polissemia de cada forma linguística”⁷⁴.

Alain Polguère cita três tipos de relações semânticas presentes nos casos de polissemia: por causatividade, metafórica e metonímica. O primeiro tipo de relação ocorre quando diferentes sentidos de uma mesma unidade lexical possuem uma ligação de causatividade. A ligação por metáfora se dá quando um sentido de uma unidade lexical está relacionado a um outro sentido dessa mesma unidade denotando um conceito semelhante (comparação, analogia). Já a ligação por metonímia, consiste em utilizar uma unidade lexical em um sentido próximo de outro mais geral⁷⁵.

Além dessas contribuições, Franck Neveu propõe uma classificação de diferentes tipos de polissemia baseada na distinção que ele faz entre *sens* e *acception*: por pluralidade de acepções (“*pluralité d’acceptions* lorsque deux sémèmes d’un mot sont reliés par restriction, par extension, par métonymie ou bien par métaphore”) ou por pluralidade de sentidos

⁷³ HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss, produzido e distribuído pela Editora Objetiva Ltda, 2001.

⁷⁴ CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 194. Citado por CUNHA, Daniele.

⁷⁵ POLGUÈRE, Alain. *Lexicologie et sémantique lexicale: notions fondamentales*. Montréal: PUM, 2003, pp. 127-128. Citado por CUNHA, Daniele.

(“*pluralité de sens* lorsqu’il est impossible d’employer le sémème 1 pour définir 2, ou d’employer 2 pour définir 1. Il n’y a donc pas ici de relation immédiate entre 2 et 1”)⁷⁶.

No primeiro tipo, por pluralidade de acepções, os sememas da unidade mantêm uma relação imediata, sendo que o semema 2 pode ser definido a partir do semema 1, e a substituição dos sememas ocorre por apagamento *ou* por adição de semas. Pode haver casos de polissemia (por pluralidade de acepções) por restrição semântica ou por extensão semântica quando apresentam identidade de sema genérico entre o semema 1 e o semema 2, sendo que na restrição semas específicos são adicionados na passagem do semema 1 para o semema 2, enquanto na extensão semas específicos são apagados na passagem do semema 1 para o 2⁷⁷.

Também pode haver casos de polissemia (por pluralidade de acepções) por metonímia ou por metáfora, nesse caso, o semema 1 e 2 possuindo semas genéricos diferentes. No caso por metonímia “un sémème 1 et un sémème 2 lorsque s’observe la reprise intégrale de 1 par un sème spécifique de 2”. Já por metáfora ocorre quando os sememas de uma unidade têm pelo menos um sema específico comum (elemento de comparação)⁷⁸.

O segundo tipo de polissemia, por pluralidade de sentidos, possui dois subtipos: *polysémie étroite* e *polysémie lâche*. Em resumo, na polissemia por pluralidade de sentidos, os diversos sentidos de uma palavra não podem ser explicados um a partir do outro, ainda que mantenham alguma relação; enquanto na polissemia por pluralidades de acepções, os diversos sentidos da palavra mantêm uma relação mais próxima, podendo ser explicados um a partir do outro⁷⁹.

Dessa forma, pode-se afirmar que a metonímia e a metáfora, que serão estudadas mais profundamente em outro momento deste trabalho, ocorrem simultaneamente à polissemia. Estando atreladas a esta, são consideradas nos textos citados acima, ora uma causa, ora um tipo de polissemia.

Nesse sentido, para Cunha, “se a polissemia é uma propriedade do léxico (ou seja, é inerente a ele), a qual permite que palavras sejam usadas em sentido diverso daquele que seria o básico (ocorrendo um deslizamento de sentido), é mais provável que a metonímia e a metáfora correspondam a tipos de polissemia, visto que esta, como propriedade do léxico, seria desencadeadora do uso metafórico ou metonímico”⁸⁰.

⁷⁶ NEVEU, Franck. “Homonymie/polysémie”. In: Idem. *Lexique des notions linguistiques*. Paris : Éditions Nathan/HER, Collection 128, 2000, p. 53.

⁷⁷ Ibidem.

⁷⁸ Ibidem.

⁷⁹ Ibidem, p. 54.

⁸⁰ CUNHA, Daniele. «A polissemia como uma dificuldade de compreensão e tradução do FLE». Monografia (Graduação), Porto Alegre: Letras/UFRGS, 2008.

A polissemia e a homonímia como dificuldades de tradução

Algumas páginas atrás, analisamos a polissemia como uma dificuldade de compreensão. Agora, estudamos a polissemia e a homonímia como dificuldades de tradução. Lembramos novamente aqui que a compreensão da língua estrangeira é a primeira etapa do processo tradutório. Sendo assim, na tradução, por se ter menor conhecimento da língua fonte do que da língua alvo (língua materna), há mais chances de se utilizar uma palavra em um contexto inadequado ou de não se entender exatamente o que o locutor quis exprimir.

Por exemplo, um vocábulo que apresente sentidos pouco frequentes (polissemia) ou que seja idêntico a um outro (homonímia) pode vir a ser traduzido de forma equivocada caso o tradutor tenha a falsa impressão de que tal vocábulo pode ser facilmente compreendido e, posteriormente, traduzido. Ademais, nem sempre está dada a que noção uma palavra remete, até mesmo para um falante nativo. Assim, o maior número das dificuldades ligadas à polissemia e à homonímia ocorrem, essencialmente (e talvez unicamente), no processo de compreensão, o que, sem dúvidas, afeta a tradução. Em outras palavras, um erro de compreensão induziria a um erro de tradução. É claro que, além disso, algumas palavras podem suscitar uma dificuldade específica do processo de tradução, sem que esse problema esteja ligado à polissemia ou à homonímia.

Constata-se que poucos autores enfocam a polissemia e a homonímia como uma dificuldade de tradução. Rónai, no entanto, devido a sua experiência como tradutor, acabou tendo como objetivo analisar as diversas dificuldades que surgem na tradução de um texto em língua estrangeira. Por isso, em seus textos, a principal preocupação no que tange à polissemia foi sempre em analisá-la na relação entre dois idiomas, como uma dificuldade de tradução. Ainda que seja uma dificuldade que ocorre no interior de uma língua, o autor mostra como a polissemia pode ser ainda mais complexa num contexto de tradução, visto que “a polissemia faz com que a uma palavra do idioma A correspondam duas do idioma B”⁸¹. Em “As ciladas da tradução técnica”, Rónai acrescenta que a dificuldade pode ser ainda maior quando há polissemia no termo da língua de origem e no da língua-alvo, na relação entre duas línguas.

Além de Rónai, apenas Mattoso Câmara Jr.⁸² também constatou que os vocábulos polissêmicos são uma armadilha para os tradutores e um problema para os dicionaristas bilíngues. Mattoso alerta que o campo polissêmico de cada forma é diferente em cada língua, o

⁸¹ RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p.18.

⁸² CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 39 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 28. Citado por CUNHA, Daniele.

que traz, invariavelmente, alguns problemas. Rónai também tratou da polissemia nesses termos, em seu “As armadilhas da tradução”: “palavras cognatas da mesma língua quase nunca apresentam polissemia no mesmo grau”⁸³. Além disso, o tradutor e o dicionarista bilíngue, além de compreender o sentido do vocábulo em determinado contexto na língua fonte, precisa encontrar um equivalente adequado na língua alvo.

⁸³ RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p.18.

**PARTE II: OS USOS DITOS METAFÓRICOS
COMO UMA DIFICULDADE DE
COMPREENSÃO E/OU TRADUÇÃO**

CAPÍTULO 3

A METÁFORA COMO DIFICULDADE DE COMPREENSÃO E/OU TRADUÇÃO EM TRÊS ARTIGOS DE PAULO RÓNAI: UM PROBLEMA DE DENOMINAÇÃO (OU TRATAMENTO TERMINOLÓGICO)

3. 1 Os três artigos e o termo “metáfora” neles

Sendo leitura básica e essencial do já referido projeto de pesquisa, os trabalhos de Paulo Rónai trazem questionamentos e reflexões pertinentes ao campo de estudos das dificuldades de compreensão e/ou tradução. No entanto, durante as leituras individuais dos membros do grupo e as discussões coletivas posteriores, percebeu-se certa falta de desenvolvimento e uma relativa imprecisão no que tange a uma importante questão de terminologia. Trata-se do uso do vocábulo “metáfora” (e de seus derivados) para denominar e caracterizar certo tipo de dificuldade de compreensão e/ou tradução. Esta designação figura em três textos do autor lidos e estudados no âmbito da nossa pesquisa no que toca à “metáfora” para caracterizar certo tipo de dificuldade de compreensão e/ou tradução.

Em “As armadilhas da tradução”, texto que reflete sobre o trabalho do tradutor e as inúmeras armadilhas que ladeiam tal ofício, o autor confere bastante espaço ao estudo da metáfora, apontada como uma armadilha no âmbito da tradução e definida como “a utilização do vocábulo com um sentido outro que ele parece possuir normalmente”⁸⁴. O artigo também lembra que as metáforas ocorrem “em todos os idiomas conhecidos e não apenas na prática literária”, podendo ser incorporadas à língua comum.

Por um lado, Paulo Rónai apresenta como expressão maior da metáfora a “expressão figurada” (que ele denomina também de “locução metafórica”, “expressão metafórica” ou “locução figurada”). Daí fornece alguns exemplos: “é uma mão na roda” e “le jeu n’en vaut pas la chandelle” são empregadas sem que o falante se dê conta de seu sentido primitivo. Aqui, cabe comentar que esse tipo de metáfora corresponde a um fenômeno linguístico comum e conhecido que, nos manuais de gramática, na lexicologia e nos estudos literários, é usualmente conhecido como “expressão idiomática”, “locução idiomática” (ou ainda, em francês, “*tournure idiomatique*”).

⁸⁴ RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p. 31

Por outro lado, Rónai também assinala que “muitas vezes os elementos da imagem fundem-se numa só palavra” como em “beija-flor” ou “bas-bleu”. Em suma, do que se antecede, pode-se dizer que o autor distingue dois tipos de metáfora: a metáfora-expressão (ou metáfora-locução) e a metáfora-palavra.

A este respeito, deve ser chamada a atenção que, quando aponta para o segundo tipo de metáfora (a metáfora-palavra), Rónai introduz a palavra “imagem”, comentando que “muitas vezes os elementos da imagem fundem-se numa só palavra”. Frase esta em que fica claro que ele usa a palavra “imagem” como sinônimo de “metáfora”. O que levanta duas dúvidas, duas perguntas: a palavra “metáfora” é mesmo sinônimo de “imagem”? E quais são os “elementos da imagem” a que Paulo Rónai se refere sem explicar do que se trata, como se fosse algo sabido por todos? Ambas as questões merecem ser investigadas, junto a outras que serão elencadas.

Publicado no mesmo ano do texto anterior, 1976, “As ciladas da tradução técnica” está voltado para a tradução técnica, como indica seu título. Nele, Paulo Rónai cita, entre outras, as “expressões metafóricas” usadas na terminologia técnica como causadoras de obstáculos e se limita a dar um exemplo: “onde o inglês fala em cotovelo, o russo falará em joelho”. O trecho que trata das “expressões metafóricas” é, portanto, extremamente conciso e abreviado, suas três linhas contrastando com as duas páginas do trecho correspondente no artigo anterior. Além disso, Paulo Rónai não explicita a qual elemento técnico específico e, portanto, a qual designação em português remetem o cotovelo inglês e o joelho russo. No âmbito do presente trabalho, não há condições de fazer essa pesquisa, que fica deixada para um momento posterior. Talvez Paulo Rónai adotou essa formulação extremamente sucinta devido à temática do texto ser mais voltada aos problemas no âmbito da tradução técnica.

Por fim, o artigo “Problemas gerais da tradução”, publicado no livro *A tradução técnica e seus problemas*, tem por objetivo tratar algumas das causas mais frequentes de erros de tradução. Nesse texto, o autor apresenta a “metáfora” como um tipo de dificuldade de compreensão e/ou tradução, pois percebe-a como um dos fatores que propiciam a polissemia (outro tipo de dificuldade de compreensão e/ou tradução estudado no referido artigo).

Para definir a metáfora, Rónai cita um pequeno trecho do dicionário Aurélio: “tropo em que a significação natural de uma palavra é substituída por outra em virtude da relação de semelhança”. Depois, ele novamente assinala que as metáforas existem em todas as línguas e que podem vir a ser cristalizadas na língua comum. E, além disso, que o fenômeno da metáfora pode se manifestar tanto no uso de uma palavra como de um conjunto de palavras.

O artigo traz numerosos exemplos. O primeiro deles, antes mesmo de definir a metáfora, exemplificando a polissemia, são os usos figurados das palavras *prego* (casa de penhores) e *clou* (atração principal). Além deste, um outro exemplo é a palavra “mão” em construções como “mão de pilão” e “mão-francesa”.

Do ponto de vista da denominação (terminologia), nesse artigo, Paulo Rónai usa de forma indiferenciada “metáfora” e “palavra(s) de sentido figurado”. O que suscita uma pergunta: “metáfora” e “palavra(s) de sentido figurado” são termos sinônimos?

3. 2 Alguns elementos de reflexão

Como visto acima, Paulo Rónai buscou, nos três artigos analisados *supra*, apresentar a metáfora como uma das dificuldades de compreensão e/ou tradução. Os três textos são tematicamente amplos, mas curtos. Se debruçam sobre uma quantidade grande de tipos de dificuldade de compreensão e/ou tradução, porém, sendo breves, são obrigados a serem rápidos, até abreviados para cada tipo de dificuldade focado. Disso, resta (ou pode restar) a sensação de *queremos mais*, de que o tratamento dado à dificuldade (no caso, a metáfora) foi limitado, não foi suficiente. Pode ser, mas o que chamou minha atenção, que me interessa aqui, que me proponho a examinar e pesquisar neste trabalho é outra questão: a da denominação (metáfora e derivados) e das outras denominações (imagem, palavras de sentido figurado) usadas por Rónai para designar o tipo de dificuldade de compreensão e/ou tradução estudado nos trechos citados.

O primeiro dos problemas encontrados é o da terminologia e da alternância terminológica: o autor usa principal e repetidamente a palavra “metáfora” (e os derivados “usos metafóricos”, “expressão metafórica”, “locução metafórica”), mas também usa a denominação de “palavras de sentido figurado” (e os derivados “expressão figurada”, “locução figurada”) e, ainda, o termo “imagem”. Logo, impõe-se a dúvida: são mesmo sinônimos os termos “metáfora”, “imagem” e “palavras de sentido figurado”?

Outro problema: a palavra “metáfora” é comumente associada aos estudos literários e à esfera da retórica, tendo nesses o estatuto de termo especializado (técnico). Os dicionários Houaiss, DAF8, DAF9, Petit Robert e TLFi, por exemplo, localizam, todos eles, a palavra “metáfora” (ou “*métaphore*”) na terminologia da retórica. Paulo Rónai, por sua vez, explica em dois artigos que a metáfora, o uso da metáfora, não se restringe à literatura. Certamente, mas a palavra “metáfora” não deixa por isso de ser um termo técnico, de uso de especialistas. Sobretudo, um termo cujo semantismo é precisamente limitado, restrito, diferenciando-se de outros termos também restritos, precisos. O que os leitores dos três artigos de Rónai entendem,

enxergam quando passam os olhos nos vocábulos “metáfora” e “imagem”? Ou será que Paulo Rónai usa “metáfora” em um sentido lato, amplo – mas qual? Será que os leitores de Paulo Rónai conhecem esse sentido lato? Daí surge a dúvida se a palavra “metáfora” (escolhida por Rónai) é a melhor ou se é adequada para denominar o tipo de dificuldade de compreensão e/ou tradução que ele quer designar com esse termo.

Esta dúvida justifica-se, também, pelo fato de que o autor conceitua o fenômeno apenas no texto “As armadilhas da tradução” e no texto “Problemas gerais da tradução”, fazendo uso de uma definição do dicionário *Aurélio*. Ambas as definições são pouco precisas, pouco desenvolvidas e, portanto, insuficientes para se ter uma visão clara do que é uma metáfora (ou do que ele entende por uma). Além disso, a definição de Aurélio, citada por Rónai, usa a metalinguagem “tropo”, que deve, certamente, ter ficado obscura à maioria dos leitores de Paulo Rónai.

A minha curiosidade, somada à dos membros do grupo, em entender melhor todos esses problemas e questionamentos que foram levantados, bem como o meu interesse pessoal em temas ligados à literatura, foram os motivos que me levaram a realizar esta pesquisa como trabalho de conclusão de curso. Para isso, a seguir, vamos empreender uma caminhada para tentar localizar e entender melhor a questão da metáfora, dos usos ditos metafóricos, da imagem e do sentido figurado.

Como a palavra “metáfora” pertence ao vocabulário da retórica, que o sintagma “sentido figurado” vem de “figura” (outra palavra da nomenclatura da retórica) e que tanto a metáfora como os tropos (lembrando: trata-se da metalinguagem da citação de *Aurélio* citada por Rónai) costumam ser classificados como figuras, fica lógico começar a caminhada iniciando-se na retórica, não sem antes, como preparo, ter investigado o semantismo do vocábulo *figure*.

CAPÍTULO 4

ESTUDO DO SEMANTISMO DA PALAVRA “FIGURE”

4. 1 Etimologia e história do semantismo da palavra *figure*

Figure, substantivo feminino, é um empréstimo do latim clássico *figura*, palavra formada a partir do radical de *ingere*, “façonner, modeler” et “se représenter, imaginer” (REY, Robert, DAF9).

Figura significava, em termos gerais, “forme, aspect”, contudo esta palavra latina já era bastante polissêmica, assumindo também os sentidos de “configuration”, “chose façonnée, représentation sculptée”, “signe, symbole”, “mode d'expression (figures de style)”, “manière, manière d’être”, etc. (Idem).

O substantivo *figure* entrou na língua francesa através de empréstimo (por volta do ano de 881) com o sentido geral de “forme”, bem como o de “représentation d’une forme”. Ao longo dos séculos, o termo adquiriu diversos novos usos, seja por extensão ou, pelo contrário, por especialização ou ainda por retomar outros significados da palavra latina *figura* e evoluir a partir deles. Vamos, agora, seguir alguns passos da caminhada etimológica do vocábulo. Faço-o essencialmente em base ao estudo de Rey, com alguns acréscimos extraídos de DAF9 e Petit Robert.

Proximamente ao ano de 881, a palavra *figure* iniciou sendo usada para designar a “forme extérieure (de quelqu'un ou quelque chose), aspect général qui caractérise, allure (apparence de quelqu'un ou quelque chose)”. Este sentido tornou-se obsoleto, sendo nos dias de hoje preservado apenas no uso literário (que nem sempre é devidamente compreendido, como em *le chevalier à la Triste Figure*, apelido tradicional de Dom Quichote, decalcado do espanhol *Caballero de la trista figura*) ou em expressões idiomáticas como *ne pas (ne plus) avoir figure (humaine)*, *prendre la/une figure (de)*, *donner sa/une figure à et sous la figure de* (TLFi).

Desde 1050, neste mesmo ramo semântico, *figure* passou a significar “comportement”, este significado sendo preservado, hoje, em diversas locuções figuradas cujo registro é geralmente literário, como *faire figure* (“se distinguer”), *faire bonne (mauvaise) figure*, *faire pâle (piètre, triste) figure* et *faire figure de*.

Por especialização do sentido geral de “forme extérieure”, o vocábulo *figure* é empregado desde a metade do século XVI enquanto “forme de la face humaine”. No século

seguinte, começou a caracterizar “l’air, la mine” e, desde o século XVIII, significa “visage, face”. Mesmo que não muito frequente à época, esta última é a acepção mais comum e usual da palavra atualmente.

Por volta de 1375, o termo assumiu ainda o significado de “cas exemplaire, modèle, exemple”, de onde advém a definição de “individu célèbre, remarquable, exemplaire”.

Por outro lado, em torno do ano 1160, com base no ramo semântico tendo o sentido geral de “représentation d’une forme”, este vocábulo é utilizado para caracterizar um desenho representando alguma coisa e, especialmente, “effigie, portrait”. Data aproximadamente de 1269 o uso em francês significando “statue” representando alguém, como já podia significar em latim.

Tendo por base o mesmo ramo semântico, *figure* ainda pode designar, no domínio da gramática, a “forme d’un mot”, em torno do ano de 1119. Além disso, foi atestado em 1269 como sinônimo de “chiffre” na matemática (representação gráfica de um conjunto de signos); em 1546, em geometria significando uma forma que corresponde a uma abstração; e, posteriormente, em 1680, uma ação programada (na dança, em equitação, patinação, etc.).

Alguns dos sentidos do latim *figura*, “signe, symbole”, “représentation dessinée, image, illustration” e “illustration verbale, moyen imagé de faire comprendre”, foram retomados no francês por volta do século XII. Nessa época, foi utilizado na teologia significando “parabole”. Em lógica, como em *figures de syllogisme*, utiliza-se a partir do século XIV. Atualmente é um termo didático, ainda empregado em retórica conforme foi atestado em 1580: “allégorie”. É o caso das construções *figures de mots et de pensées* ou *par figure*, “allégoriquement”.

4. 2 Alguns primeiros elementos de síntese

Do que antecede, se pode extrair uma síntese condensada: o esquema em quatro itens (ou ramos de semantismo) subjacente à análise que Rey construiu para dar conta do desenvolvimento diacrônico, histórico do semantismo de *figure*:

A- desde sua aparição, *figure* significa “forme extérieure, aspect général, apparence, allure de quelqu’un ou quelque chose”, após, “forme de la face humaine” no sentido de “air, mine, contenance” e, em seguida, “visage, face”;

B- desde o início, *figure* significa também “représentation d’une forme”, esse ramo semântico assumindo em seguida o sentido específico de “dessin représentant quelque chose ou quelqu’un, portrait, statue”, após, “représentation graphique géométrique”, “enchaînement de déplacements et de gestes (danse, équitation, patinage)”, etc.;

C- por outro lado, a palavra assume o sentido de “cas exemplaire, modèle”, depois de “individu célèbre ou important, personne remarquable, personnalité marquante”;

D- enfim, *figure* retoma um dos sentidos do latim *figura*: “signe, symbole” para, a partir daí, tornar-se um termo didático, especializado, usado na teologia (significando “allégorie”), na lógica, gramática, retórica (por ex., *figures de syllogisme, figures de mots et de pensées*).

Contudo, a análise e o esquema apresentados acima dizem respeito ao passado, à etimologia e a aspectos do desenvolvimento histórico do(s) sentido(s) de *figure*. Por motivos didáticos, achei útil iniciar com eles, por entender que, neste caso específico, a etimologia e história da palavra ajudam a entender a construção de seu semantismo, de sua rica polissemia. Porém, trata-se apenas de preliminares à questão que realmente importa:

4.3 Qual é o semantismo atual de *figure*?

O primeiro reflexo para se tentar responder a esta pergunta foi buscar as definições desta palavra em dicionários padrão de língua francesa. Para isso, seis títulos foram eleitos, a saber, *Multi Dictionnaire de la Langue Française*, *Le Petit Larousse Illustré*, *Dictionnaire du Français – Robert/CLE*, *Le Nouveau Petit Robert de la Langue Française*, *Dictionnaire de l'Académie française – 9^e édition* e *Trésor de la langue Française informatisé* (TLFi).

Foi muito fácil perceber, ainda quando das primeiras consultas, que a palavra *figure* possui um semantismo bastante vasto, com múltiplos casos de polissemia. A bem da verdade, de início, o acesso aos verbetes foi desafiador.

Também foi possível perceber, num segundo momento, algumas diferenças e semelhanças entre os seis dicionários, em especial, o modo de organização dos mesmos. Dois grandes sistemas conceitualmente diferentes de organização despontaram, funcionando como auxílio no que tange à organização do(s) semantismo(s).

Dois dicionários listam os sentidos linearmente, um após o outro, em ordem própria a cada um. O *Multi Dictionnaire* apresenta cinco acepções e o *Petit Larousse Illustré* onze, coincidindo quatro sentidos em ambos, significando “visage humain” ou “personnalité importante”, além dos usos na geometria e na retórica. Nos quatro demais dicionários (*Robert/CLE*, *Le Nouveau Petit Robert*, *DAf 9^e* e TLFi), o semantismo de *figure* é organizado segundo uma estrutura em árvore, com dois ramos (*Robert/CLE*), três ramos (TLFi) ou quatro ramos iniciais (*Le Nouveau Petit Robert* e *DAf 9^e*).

Para conseguir enxergar e apreender melhor as informações valiosas que os dicionários ofereciam, organizou-se, por um lado, quadros contemplando o semantismo de *figure* em cada

dicionário (buscando, em especial, dar conta do maior número possível de significados, acepções e definições); por outro lado, procedeu-se também a um cotejamento através de quadros abrangendo especificamente a organização em árvore nos quatro dicionários que assim se estruturam.

Na etapa de trabalho com os significados (sentidos, acepções, definições) de *figure*, excluiu-se o dicionário TLFi; tendo em vista sua maior complexidade, julgamos que este mais confundiria do que esclareceria nesta fase inicial da pesquisa, de aproximação à compreensão do semantismo de *figure*.

Assim, a fim de estimar a quantidade total de sentidos da palavra “figure” nos cinco demais dicionários padrão de língua francesa (*Multi Dictionnaire de la langue française*, *Le Petit Larousse illustré*, *Dictionnaire du français – Robert/CLE*, *Le Nouveau Petit Robert de la langue française* e *Dictionnaire de l'Académie française – 9^e édition*), empreendeu-se um cotejamento a partir de quadros. As acepções afins foram sendo reunidas segundo seus significados.

Este levantamento e sistematização das significações a partir dos quadros apontou vinte e quatro sentidos ao todo, sendo que alguns sentidos se repetem em dois ou mais dicionários, enquanto outros são restritos a apenas um dentre os dicionários consultados.

No grupo dos sentidos que se repetem, reunimos e destacamos os quatorze significados principais, isto é, mais frequentes (que aparecem em pelo menos dois dos cinco dicionários consultados).

A etapa seguinte foi de síntese, formulando-se definições genéricas (unindo elementos das explicações presentes nos dicionários consultados) para cada um dos significados. Abaixo apresentamos um quadro-síntese com estes quatorze sentidos principais:

1. Visage humain.
2. Air, mine.
3. Personnage ou personnalité importante, remarquable.
4. Illustration mis en rapport avec un texte écrit, imprimé ou d'un livre et destiné à en faciliter la lecture, la compréhension ou même utilisée à des fins didactiques.
5. (géom.) Représentation graphique des lignes, points, droites, courbes, surfaces ou volumes permettant d'aider la visualisation de certains êtres mathématiques : une figure géométrique. (Par ext.) Ces objets géométriques eux-mêmes.

6. (Jeux) Représentation d'un personnage (roi, reine, dame, valet, cavalier) sur une carte à jouer. (Par méton.) Carte portant cette représentation.
7. (Mus.) Représentation graphique conventionnel par lequel on indique, dans la notation, la durée d'un son ou d'un silence.
8. (Danse) Enchaînement de mouvements précis (pas, gestes, déplacements) réalisés par les danseurs ou patineurs et qui forme une unité visuelle.
9. (Bx. Arts) Représentation en entier d'un personnage, d'un être humain, d'un animal dans un ouvrage de peinture, de gravure, de sculpture, etc. ; personnage ainsi représenté. (Par méton.) En apposition. <i>Format figure</i> : format d'un châssis de toile proche du carré, qui servit initialement à la représentation de personnages. (Par anal.) La figure centrale d'un roman, d'une tragédie.
10. (Marine) Tête, buste, statue sculpté (d'une personne, d'un animal, d'un être divin ou fantastique) qu'on plaçait comme ornement à la proue des anciens navires à voile : figure de proue. (Fig.) Personnalité majeure ou personne qui montre la voie et sert d'exemple à un mouvement (en histoire, etc.) ou à un groupe humain.
11. (Vx.) Forme, aspect qu'un corps, un être, une chose offre au regard.
12. Représentation symbolique (d'une réalité, d'une idée, d'une notion abstraite, etc.).
13. (Blas. / Hérald.) Pièce de l'écu représentant des objets, des formes imaginaires : figure naturelle, de fantaisie.
14. (Rhétor. Gramm.) [ver a seguir]

O uso mais comum da palavra “figure” em francês moderno é como “tête, visage humain”. Este sentido (1) aparece nos cinco dicionários consultados. Além desse, o sentido (3), de “personnage remarquable, important” também figura nos cinco dicionários consultados, bem como o sentido de representação empregado em geometria (5).

Para além dos quatorze sentidos principais e/ou mais recorrentes, algumas outras acepções foram levantadas. Todas elas apareciam em somente um dicionário dentre os cinco examinados. É o caso das dez definições listadas abaixo, dentre as quais, os usos consagrados no domínio de psicologia, lógica e astrologia, por exemplo.

1. Exercice au programme de certaines compétitions (patinage, ski, etc.). (Larousse)
2. (Psychol.) Façon dont un élément individuel et structuré se détache de ce qui l'entoure. (Larousse)
3. Faire bonne figure : avoir l'air aimable, content. (Robert/CLE)

4. Représentation visuelle d'une forme (par le dessin, la peinture, la sculpture). « les enfants se portent d'eux-mêmes à faire des figures sur le papier » (Fénelon). (Robert)
5. (Spécialt.) Écriture Sainte. (DAF 9^{ème})
6. (ASTROL.) Figure astrologique, on dit plutôt Thème astral. (DAF 9^{ème})
7. (MUS.) Suite de notes formant une unité mélodique ou rythmique caractérisée. (DAF 9^{ème})
8. (LOGIQUE.) Chacune des formes que peut prendre un syllogisme selon la position qu'occupe le moyen terme, comme sujet ou comme prédicat, dans la majeure ou dans la mineure. (DAF 9^{ème})
9. (Échecs) Toute pièce qui n'est pas un pion. (DAF 9^{ème})
10. (Spécialt.) Figure de cire. (DAF 9^{ème})

Em paralelo, deu-se, como já foi citado anteriormente, o cotejamento das organizações em árvore em três dos quatro dicionários que comungam de tal estrutura, também a partir do trabalho com quadros que auxiliam a visualização e apreensão das informações.

4. 4 Organização em árvore do semantismo de “figure”

Inicialmente, sobre o assunto dos dicionários cujos verbetes organizam o semantismo das entradas através de uma estrutura em árvore, convém explicitar que a organização em árvore faz uso do que convencionamos, no presente trabalho, chamar de ramos semânticos. Um ramo semântico pode ser definido como um *dénominateur commun* ou *plus petit dénominateur commun* (denominador comum ou mínimo denominador comum), cuja definição não corresponde necessariamente a um uso efetivo do vocábulo, porém, abarca conceitualmente uma série de sentidos e acepções atestadas no exercício linguístico.

A organização em árvore dos dicionários que se utilizam dessa forma de disposição (em contraposição à disposição linear) no verbete ‘figure’ remetem a uma estruturação do semantismo dessa palavra em dois ou quatro campos semânticos principais – nem sempre coincidentes.

O dicionário Robert/CLE faz sua conceituação embasando a organização da polissemia do substantivo de maneira diferente dos outros três dicionários, sendo articulada com base na distinção *la/une* (*la figure* x *une figure*); por exemplo: *c'est une femme* (= *être humain adulte, de sexe féminin*) X *c'est la femme de Paul* (= *l'épouse de Paul*) ou *le cinéma*, designando a arte cinematográfica, X *un cinéma*, referindo a um local público de projeção de filmes.

O dicionário *Le Nouveau Petit Robert* divide o conteúdo semântico de “figure” em números romanos, de I a IV. O DAF 9^{ème} também faz tal divisão de I a IV, no entanto, há variações entre as definições gerais de um e de outro dicionário, que coincidem apenas em “I”,

“forme, apparence extérieure d'un corps, d'un être”. As demais subdivisões do Petit Robert são “II. Personne”, “III. Visage” e “IV. Dans le langage”.

Por sua vez, o DAF 9ème apresenta os seguintes tópicos: “II. Représentation de l'apparence, de la forme extérieure d'un être ou d'un objet”, “III. Combinaison d'éléments divers dessinant une forme, s'organisant en un motif” e “IV. Représentation symbolique d'une réalité, d'une idée, d'une notion abstraite”.

4. 5 Síntese

Em última análise, as definições utilizadas na divisão em árvore facilitam o entendimento dos sentidos e acepções individuais, situando-as dentro de uma ordem lógica, histórica e/ou didática. Por isso, empreendemos a tentativa de encaixar os quatorze significados dentro de uma estrutura em árvore. Escolhemos fazê-lo aos moldes do dicionário *Le Nouveau Petit Robert* por julgarmos ser a mais clara e didática, utilizando-se de ramos semânticos principais que podem ser apreendidos fácil e rapidamente, além de ser visualmente limpa, simples.

I. Forme extérieure.
2. Air, mine.
4. Illustration mise en rapport avec un texte écrit, imprimé ou d'un livre et destiné à en faciliter la lecture, la compréhension ou même utilisée à des fins didactiques.
5. (géom.) Représentation graphique des lignes, points, droites, courbes, surfaces ou volumes permettant d'aider la visualisation de certains êtres mathématiques : une figure géométrique. (Par ext.) Ces objets géométriques eux-mêmes.
6. (Jeux) Représentation d'un personnage (roi, reine, dame, valet, cavalier) sur une carte à jouer. (Par méton.) Carte portant cette représentation.
7. (Mus.) Représentation graphique conventionnel par lequel on indique, dans la notation, la durée d'un son ou d'un silence.
8. (Danse) Enchaînement de mouvements précis (pas, gestes, déplacements) réalisés par les danseurs ou patineurs et qui forme une unité visuelle.
9. (Bx. Arts) Représentation en entier d'un personnage, d'un être humain, d'un animal dans un ouvrage de peinture, de gravure, de sculpture, etc. ; personnage ainsi représenté. <i>Format figure</i> : format d'un châssis de toile proche du carré, qui servit initialement à la représentation de personnages. (Par méton.) En apposition. (Par anal.) La figure centrale d'un roman, d'une tragédie.
10. (Marine) Tête, buste, statue sculpté (d'une personne, d'un animal, d'un être divin ou fantastique) qu'on plaçait comme ornement à la proue des anciens navires à voile : figure de proue. (Fig.) Personnalité majeure ou personne qui montre la voie et sert d'exemple à un mouvement (en histoire, etc.) ou à un groupe humain.
11. (Vx.) Forme, aspect qu'un corps, un être, une chose offre au regard.
12. Représentation symbolique (d'une réalité, d'une idée, d'une notion abstraite, etc.).
13. (Blas. / Hérald.) Pièce de l'écu représentant des objets, des formes imaginaires : figure naturelle, de fantaisie.

II. Personne.
3. Personnage ou personnalité importante, remarquable.
III. Visage.
1. Visage humain.
IV. Dans le langage.
14. (Rhétor. Gramm.) Mode d'expression permettant d'exprimer une idée, une pensée, un sentiment de manière expressive et imagée par le langage (vocabulaire, style).

De interesse específico do presente trabalho, destaca-se o emprego da palavra “figure” no âmbito da linguagem (sentido 14, acima). Nesse sentido, apresentamos mais detalhadamente, a seguir, seu tratamento nos cinco dicionários estudados e o processo de síntese que foi empreendido.

O único dicionário que não apresenta nenhuma referência a este sentido é o *Dictionnaire du Français – Robert/CLE*. As definições deste sentido, encontradas nos demais dicionários, são apresentadas no quadro abaixo:

Multi Dictionnaire	Petit Larousse Illustré
4. Mode d'expression à valeur stylistique. Ex : La métaphore est une figure d'emploi figuré.	10. Figure de rhétorique, figure de style, ou figure : forme particulière donnée à l'expression et visant à produire un certain effet.
Nouveau Petit Robert	DAF 9^{ème}
IV. Dans le langage Représentation par le langage (vocabulaire ou style). (Rhét., gramm.) « Tours de mots et de pensées qui animent ou ornent le discours » (Dumarsais). Ex : « Dans l'ordre du langage, les figures, qui jouent communément un rôle accessoire, semblent n'intervenir que pour illustrer ou renforcer une intention » (Valéry).	III. 6. RHÉTOR. Manière de parler ou d'écrire, tour, construction permettant d'exprimer une idée, une pensée, un sentiment de manière expressive et imagée. Ex : <i>Des figures oratoires, stylistiques. Des figures de rhétorique. Les figures du discours sont réparties en figures de mots et figures de pensée. Figures de mots, qui consistent à étendre ou à détourner la signification des mots (...)</i>

O *Multi Dictionnaire* traz como definição “Mode d'expression à valeur stylistique” e traz um exemplo que faz referência à metáfora, com caráter metalinguístico: “La métaphore est une figure d'emploi figuré”.

O dicionário *Petit Larousse illustré*, por sua vez, diz que pode ter o mesmo significado de “Figure de rhétorique, figure de style, ou figure”, e explica se tratar de “forme particulière donnée à l'expression et visant à produire un certain effet”.

O *Nouveau Petit Robert* traz essa acepção dentro de um galho semântico específico, como visto anteriormente, “Dans le langage”. A definição oferecida é “Représentation par le langage (vocabulaire ou style)”, apontando que é um uso comum na retórica e na gramática. Os exemplos trazidos pelo Petit Robert seguem a tendência geral de serem metalinguísticos e acabam por complementar a explicação prévia. O primeiro é de Dumarsais, “Tours de mots et de pensées qui animent ou orientent le discours”, e o outro de Paul Valéry, “Dans l'ordre du langage, les figures, qui jouent communément un rôle accessoire, semblent n'intervenir que pour illustrer ou renforcer une intention”.

O *Dictionnaire de l'Académie française 9^e édition* aponta se tratar de um termo no campo da retórica e define “figure” como “Manière de parler ou d'écrire, tour, construction permettant d'exprimer une idée, une pensée, un sentiment de manière expressive et imagée”. O exemplo dado traz alguns sintagmas e, também, duas frases com elementos metalinguísticos: “*Des figures oratoires, stylistiques. Des figures de rhétorique. Les figures du discours sont réparties en figures de mots et figures de pensée. Figures de mots, qui consistent à étendre ou à détourner la signification des mots (...)*”.

Finalmente, o trabalho de levantamento e estudo destas diferentes definições em quatro dicionários padrão de língua francesa nos instigou a tentar empreender uma definição de síntese, o resultado sendo como segue:

(Rhétor. Gramm.) Mode d'expression permettant d'exprimer une idée, une pensée, un sentiment de manière expressive et imagée par le langage (vocabulaire, style).
--

Para continuar a aprofundar a pesquisa sobre os usos ditos metafóricos, seguindo as pistas dadas pelo estudo da etimologia e do semantismo atual da palavra “figure”, buscamos maiores esclarecimentos em dicionários franceses especializados consultando os verbetes “rhétorique”, “figure” e “trope”.

CAPÍTULO 5

A RETÓRICA, AS FIGURAS E OS TROPOS

Para continuar a aprofundar a pesquisa sobre os usos metafóricos e poder ter maior embasamento relativo a esta dificuldade de compreensão e/ou tradução, buscamos maiores esclarecimentos em várias obras especializadas. Iniciamos pelo estudo da retórica.

5. 1 A retórica

As figuras de linguagem fazem parte, foram e são estudadas pela retórica. Por isso, começamos examinando este aspecto em diversos trabalhos.

5. 1. 1 *Dictionnaire de la linguistique*⁸⁵, de Georges Mounin

Para o verbete “rhétorique”, é dito que se trata de um conjunto de regras e preceitos relativos à arte do bem falar, proveniente da tradição greco-romana. De suas três divisões principais - *inventio* (invenção), *dispositio* (composição), *elucotio* (estilo) - privilegia-se atualmente o estudo da última, que trata das diferentes figuras de estilo, e pode designar, sozinha, o que se chama comumente de retórica.

5. 1. 2 *Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires*⁸⁶, de Henri Bénac e Brigitte Réauté

Para o *substantivo* “rhétorique”, o verbete deste dicionário conta com quatro acepções. A primeira diz respeito à “technique du *bien dire* et, par suite, de *persuader* un auditoire”. A segunda acepção diz respeito à “discipline qui énumère, classe, enseigne les éléments et les règles de l’art oratoire et de l’art littéraire”. Esta disciplina “se divise en *invention* (*inventio*: recherche des idées), *disposition* (*dispositio*: mise en ordre), *élocution* (*elocutio*: recherche des figures), *action* (*actio*: étude des gestes et de la diction) et *mémorisation* (*memoria*)”. A terceira acepção apresentada diz respeito a um conjunto de regras formais, opondo-se à “éloquence naturelle”, ao “*don de persuader*”⁸⁷. A quarta acepção, por fim, diz respeito a um estilo de

⁸⁵ MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris : PUF, coll. “Les Grands Dictionnaires”, 1974, p.140, 289 e 330.

⁸⁶ BÉNAC, H. ; RÉAUTÉ, B. *Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires*, Paris : Hachette, coll. « Faire le point », 1986, p. 204 et 205.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 204.

oratória muito artificial que não é poético, nem emocionante. Em outras palavras, trata-se de uma conotação pejorativa.

Embora didaticamente diferenciadas pelo verbete, resta que todas essas quatro acepções estão ligadas. Tendo em vista as acepções 1 e 2, enquanto a primeira diz respeito ao *savoir-faire* da arte do bem falar e da persuasão, a segunda diz respeito ao estudo e ensino das regras e técnicas para alcançar esses fins. Por sua vez, as acepções 3 e 4 também se relacionam às anteriores, apresentando, contudo, uma conotação mais restritiva ou pejorativa, respectivamente.

Por fim, levando-se em conta a divisão proposta pelo verbete, a acepção que mais interessa aos objetivos deste trabalho é a segunda. Além disso, as precisões apresentadas pelos autores parecem indicar que as figuras são estudadas na parte relativa à *élocution*.

5. 1. 3 Dicionário de termos literários, de Massaud Moisés

O verbete “retórica” do *Dicionário de termos literários* inicia fazendo referência à origem etimológica da palavra, originada de um vocábulo grego que significava a “arte de bem falar, eloquência”.

Segundo este dicionário, a retórica “designava a teoria ou ciência da arte de usar a linguagem com vistas a persuadir ou influenciar. Ainda podia significar a própria técnica da persuasão pela palavra, a *ars bene dicendi* (a arte de bem dizer), como predicavam os Antigos”⁸⁸. Sendo usado em um sentido mais restrito, o termo “alude ao emprego ornamental ou eloquente da linguagem: corresponderia a uma teoria da eloquência, entendida essa como a soma de princípios que ensinam a tirar o melhor partido das palavras, a fim de agradar e, indiretamente, convencer”⁸⁹.

O dicionário aponta a possibilidade do termo “retórica” ser empregado em uma acepção negativa, significando a “arte de falar bem, mas sem conteúdo”. Além disso, assinala que, nas últimas décadas, a retórica assumiu uma nova acepção: “a pesquisa do discurso literário, tendo em vista, não a arte da eloquência, senão as leis, normas e “desvios” que regem a expressão do pensamento estético por meio da palavra escrita”⁹⁰.

Em seguida, uma detalhada análise histórica do percurso da retórica é proposta, desde a Antiguidade até os dias de hoje e, por último, o verbete também aponta rapidamente como se deu o desenvolvimento dos estudos desta no Brasil.

⁸⁸ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013, p. 393

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ Ibidem.

5. 1. 4 *Dictionnaire de critique littéraire*⁹¹, de Joëlle Gardes-Tamine e Marie-Claude Hubert

A *rhétorique*, de acordo com o verbete das autoras, pode ser definida como “l’art de persuader par le discours, ce qui suppose un discours efficace et orné”, sendo as técnicas argumentativas e, por outro lado, a teoria do estilo e das figuras os dois pilares dessa arte.

O verbete inicia apresentando um breve, porém útil resumo do nascimento e da história da retórica na Antiguidade. Naquele tempo, discutiu-se a necessidade da retórica estar ligada às qualidades morais, não tendo somente, portanto, simples ligação com a gramática da língua, mas também com a lógica e com a filosofia. O verbete finaliza dizendo que, a partir do Renascimento, a retórica passa a ser empregada também no meio escrito e que a mesma encontra espaço atualmente devido ao interesse na argumentação forte.

Num segundo momento, o verbete apresenta a classificação dos três gêneros de discurso elencados pela retórica, classificação esta que se dá “selon le contenu de la question, la situation à laquelle elle s’applique et le résultat qu’elle doit avoir sur l’auditeur”: o discurso demonstrativo (“consiste à louer ou blâmer”), o discurso deliberativo (“vise à conseiller ou à dissuader”) e o discurso judiciário (“porte sur une action déjà faite qu’il s’agit de juger”).

São apresentadas também cada uma das cinco subdivisões relativas ao ensino da retórica, as três primeiras ligadas ao discurso, as duas últimas ao orador. Em primeiro lugar, a *invenção*, arte de encontrar ideias e argumentos, refletindo sobre “les « mœurs » de l’orateur et les « passions » du public”. Nesse aspecto, a retórica está bastante ligada à psicologia. Após, trabalha-se a *disposição*, que “concerne l’organisation d’ensemble du texte, une fois que les idées ont été trouvées”. Em terceiro lugar, figura a *elocução*. Ela diz respeito a “la mise en mots des idées arrangées en fonction des deux premières parties” e compõe uma teoria das figuras e dos estilos. São definidos três estilos: “le simple ou bas, le tempéré ou médiocre, c’est-à-dire moyen, et le sublime”, que se diferenciam pelas palavras e figuras empregadas. Por fim, a *ação* e a *memória*, relativas ao orador, compreendem a arte de colocar o discurso em prática e uma série de processos mnemônicos, respectivamente.

⁹¹ GARDES-TAMINE, J. ; HUBERT, M.-C. *Dictionnaire de critique littéraire*, Paris : Armand Colin, coll. « Cursus », 1993, p. 82, 83, 173, 174, 212.

5. 1. 5 *La rhétorique*, de Olivier Reboul⁹²

Na introdução do livro, Olivier Reboul busca responder à pergunta: o que é retórica? De acordo com o autor, quando empregamos o termo “retórica”, podemos estar fazendo referência a muitas coisas, podendo esta palavra ser empregada até mesmo de forma pejorativa. Contudo, num sentido mais geral, ela é “l’art de bien parler” com vistas de persuadir uma outra pessoa através do discurso. Nesse sentido, o autor trabalha a polissemia e, portanto, a ambiguidade do termo “arte”, que é inspiração, mas também método; técnica, mas também beleza.

Num segundo sentido possível, a retórica é o estudo e ensino desta arte do discurso persuasivo. Alguns princípios dos múltiplos discursos foram observados e são, a partir de então, ensináveis para posterior aplicação. Um terceiro sentido seria o estudo dessa arte, não para aplica-la de maneira normativa, mas para compreendê-la, explica-la.

Em resumo, “la rhétorique est donc l’art de persuader par le discours ; elle est aussi l’enseignement et enfin la théorie de cette art”⁹³. O autor, em seguida, afirma que seu livro se construirá sobre este último sentido.

Do primeiro capítulo desta obra, dedicado ao estudo da história e do sistema da retórica, destacamos alguns pontos trabalhados nos verbetes analisados anteriormente. Por se tratar de um livro (mesmo que pequeno), esses temas são um pouco mais desenvolvidos do que nos verbetes de dicionários.

Em relação aos três gêneros do discurso, da mesma forma que Gardes-Tamine/Hubert, Reboul cita o *judiciaire*, o *délibératif* e o *épidictique* (que, com outra denominação, corresponde ao *démonstratif* de Gardes-Tamine/Hubert), detendo-se o autor no exame deste último.

Como já visto, outro elemento fundamental do sistema retórico consiste em sua divisão. São consideradas quatro partes: *l’invention*, *la disposition*, *l’élocution* e *l’action*. Cada parte pode ser definida como “les phases par où passe nécessairement la genèse du discours”. Também, essas quatro partes podem ser tomadas como base para o ensino de retórica. Diferentemente do *Dictionnaire de critique littéraire*⁹⁴ e de Bénac/Réauté, Reboul não considera a *mémoire* como uma quinta parte, mas um tópico ligado à *action*.

⁹² REBOUL, O. *La rhétorique*. 4^{ème} édition corrigée. Paris : PUF, coll. « Que sais-je ? », 1993.

⁹³ REBOUL, O. *La rhétorique*. 4^{ème} édition corrigée. Paris : PUF, coll. « Que sais-je ? », 1993, p. 8.

⁹⁴ GARDES-TAMINE, J. ; HUBERT, M.-C. *Dictionnaire de critique littéraire*, Paris : Armand Colin, coll. « Cursus », 1993, p. 82, 83, 173, 174, 212.

5. 1. 6 Des mots, des figures, des personnages : une étude de quelques aspects de Paroles de Jacques Prévert, de Ricardo Soler

Em sua dissertação de mestrado⁹⁵, Ricardo Soler oferece importante revisão e síntese no que tange ao assunto.

No capítulo I, ele cita três definições para *rhétorique*. À definição de Oliver Reboul, apresentada acima, somam-se a de Aristóteles e a de Quintiliano. Para o grego, “a Retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão”⁹⁶, enquanto para o romano, “la rhétorique est donc la science de bien parler, elle est utile, elle est un art, elle est une perfection de l’esprit, elle est une vertu, et elle a pour objet tout ce qui peut tomber dans le discours”⁹⁷. O autor da dissertação chama atenção para a relação da retórica com a arte e com a persuasão pelo discurso.

Em seguida, apresenta alguns elementos da história da retórica: seu nascimento na Grécia, alguns teóricos sofistas ou não, seu desenvolvimento em Roma, na Idade Média e na Renascença, bem como o declínio e o reaparecimento dessa.

No que tange ao sistema da retórica, da mesma forma que os autores vistos acima, Soler aponta os três gêneros do discurso: *le judiciaire, le délibératif, l’épidictique* (ou *démonstratif*), bem como as partes da retórica: *l’invention, la disposition, l’élocution, l’action*. Ainda informa sobre a divisão do discurso em cinco partes: *l’exorde, la narration, l’argumentation* (ou *preuve*), *la digression* e *l’épilogue*.

5. 1. 7 Elementos de síntese

Do que antecede, depreende-se que para Mounin, a retórica é um conjunto de regras e preceitos relativos à arte do *bien dire*. Henri Bénac e Brigitte Réauté igualmente apontam que se trata da técnica do *bien dire* e, além disso, da persuasão, mas que assume acepções voltadas à disciplina retórica, ligada à oratória e à literatura, bem como conotações restritivas e pejorativas.

Massaud Moisés precisa se tratar de uma “teoria ou ciência” relativa à essa arte de usar a bem a linguagem com vistas a influenciar e também cita os outros empregos possíveis do termo. Por sua vez, Joëlle Gardes-Tamine e Marie-Claude Hubert explicitam que o discurso, a linguagem com o qual lida a retórica precisa ser “efficace et orné”.

⁹⁵ SOLER, Ricardo Antonio. « Des mots, des figures, des personnages : une étude de quelques aspects de Paroles de Jacques Prévert ». Dissertação, Porto Alegre: Letras/UFRGS, 2001.

⁹⁶ ARISTOTELES, citado por SOLER

⁹⁷ QUINTILIANO, citado por SOLER

Em resumo, como apontado por Ricardo Soler, os temas “arte” e “persuasão” são consensualmente atestados em praticamente todas as definições de retórica.

Finalmente, Reboul consegue abarcar várias dessas observações em uma só frase: “la rhétorique est donc l’art de persuader par le discours; elle est aussi l’enseignement et enfin la théorie de cette art”.

Além disso, ficou claro que, segundo os autores estudados, as figuras são estudadas na parte de *l’élocution* da retórica. Dito isso, passa-se agora ao estudo das figuras.

5. 2 As figuras

5. 2. 1 Definição

O verbete “*figure*” do *Dictionnaire de la linguistique*, de Georges Mounin, indica, primeiramente, se tratar de um termo empregado no âmbito da retórica e define-o como: “toute unité linguistique ou toute disposition d’unités linguistiques qui comporte une modification sensible par rapport à la norme ou par rapport à une expression équivalente mais plus simple et plus directe”⁹⁸. Numa formulação análoga, ainda que mais sucinta, o *Dictionnaire de critique littéraire*, de Joëlle Gardes-Tamine e Marie-Claude Hubert, inicia o verbete “*figure*” pela seguinte definição geral: “expression modifiée par rapport à l’expression simple”⁹⁹. Além disso, precisa-se que essas figuras são estudadas na parte da retórica sobre a *élocution*.

Por sua vez, o verbete “*figure*” do *Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires*, de Henri Bénac e Brigitte Réauté¹⁰⁰, apresenta três acepções. A primeira definição diz respeito à “manière de s’exprimer qui modifie le langage ordinaire pour le rendre plus expressif”. A segunda acepção, do âmbito da retórica, diz respeito às figuras de palavras e às figuras de pensamento, cujas definições e cujos detalhamentos veremos adiante. A acepção três diz respeito ao uso com sentido de alegoria, imagem, metáfora (observando os autores: “c’est ainsi qu’on parle du sens *figuré* des mots”) e, em teologia, algo que é simbólico, místico.

O *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés aponta, relativamente às figuras (que chama de “figuras de linguagem”), se tratar dos “recursos linguísticos que alteram a disposição normal dos membros da frase, com vistas a criar um efeito imprevisto, não necessariamente de índole artística ou erudita”¹⁰¹.

⁹⁸ MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris : PUF, coll. “Les Grands Dictionnaires”, 1974, p.140.

⁹⁹ GARDES-TAMINE, J. ; HUBERT, M.-C. *Dictionnaire de critique littéraire*, Paris : Armand Colin, coll. « Cursus », 1993, p. 82, 83, 173, 174, 212.

¹⁰⁰ BÉNAC, H. ; RÉAUTÉ, B. *Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires*, Paris : Hachette, coll. « Faire le point », 1986, p. 95, 96, 204, 205, 242.

¹⁰¹ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013, p.191.

Em seu estudo sobre a retórica, Olivier Reboul¹⁰² não oferece uma definição cristalizada para o termo *figure*. O capítulo II do livro, “Les figures”, aponta que as figuras de retórica são procedimentos estilísticos. Elas são livres, sem restrições de uso, mas também codificadas, visto que suas estruturas podem ser analisadas e podem ser repetidas. Se não fossem codificadas, as figuras seriam incompreensíveis, enquanto que se não fossem livres, não seria uma questão de estilo, mas sim de gramática. A publicação chama atenção para o fato de que a figura não é um elemento exclusivo à retórica; ela é encontrada na poesia, na prosa e na linguagem cotidiana.

Para Ricardo Soler, “une figure est une tournure remarquable exprimant intentionnellement une idée ou un sentiment grâce aux divers moyens phonétiques, morphologiques, syntaxiques, sémantiques ou logiques, dont dispose la langue”¹⁰³.

Apresento a seguir um quadro comparativo contendo as definições de “figura” apresentadas pelos autores citados.

MOUNIN	GARDES-TAMINE - HUBERT	BÉNAC-RÉAUTÉ	MOISÉS	REBOUL	SOLER
“Toute unité linguistique ou toute disposition d’unités linguistiques qui comporte une modification sensible par rapport à la norme ou par rapport à une expression équivalente mais plus simple et plus directe”.	“Expression modifiée par rapport à l’expression simple”.	“Manière de s’exprimer qui modifie le langage ordinaire pour le rendre plus expressif”.	“Recursos que alteram a disposição normal dos membros da frase, com vistas a criar um efeito imprevisto, não necessariamente de índole artística ou erudita”.	São procedimentos estilísticos.	“Une figure est une tournure remarquable exprimant intentionnellement une idée ou un sentiment grâce aux divers moyens phonétiques, morphologiques, syntaxiques, sémantiques ou logiques, dont dispose la langue”.

Da definição minimalista de Reboul, numa ponta, à preocupação de Mounin pela precisão e rigor linguísticos, passando pelo esforço de Soler em oferecer um somatório, percebe-se a grande variedade de definições e infere-se as diferenças de enfoque que as

¹⁰² REBOUL, O. *La rhétorique. 4^{ème} édition corrigée*. Paris : PUF, coll. « Que sais-je ? », 1993.

¹⁰³ SOLER, Ricardo Antonio. « Des mots, des figures, des personnages : une étude de quelques aspects de *Paroles* de Jacques Prévert ». Dissertação, Porto Alegre: Letras/UFRGS, 2001, p. 30.

embasam. Considerando-se que nenhuma prejudica, que todas têm seu mérito, e que meu objetivo, nesse trabalho, não é oferecer mais uma definição da palavra *figura* (das figuras de linguagem), passamos ao passo seguinte da investigação, não sem antes uma observação sobre o fato das figuras não estarem restritas à literatura. Alguns autores explicitam que o fenômeno afeta palavras ou unidades maiores, como locuções, deslocando os sentidos originários da língua (em relação à norma ou à expressão simples) a fim de torna-la mais expressiva ou mesmo de suprir suas lacunas.

5. 2. 2 Sistema de classificação das figuras

Quais são as diferentes classes (ou categorias) em que os especialistas reportam as figuras?

O *Dictionnaire de la linguistique*, de Georges Mounin¹⁰⁴, divide as figuras em dois grandes grupos: “les figures proprement dites” (figuras de construção, figuras de elocução e figuras de estilo), que “consistent en la modification de la disposition des éléments de l’énoncé, sans qu’il y ait modification du sens des mots”, e as figuras de significação, ou tropos, “qui consistent à modifier le sens des mots soit par l’analogie qui existe entre deux objets (métaphore, etc), soit par un rapport d’équivalence (métonymie, synecdoque, etc.)”. Como se percebe, para os dois grupos, o dicionário apenas cita o nome de algumas figuras de linguagem e, por vezes, dá alguma característica sem se aprofundar.

Segundo o *Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires*, de Henri Bénac e Brigitte Réauté¹⁰⁵, as figuras de palavras “modifient l’expression de la pensée en modifiant les mots mêmes qui composent le discours, dans leur forme (figures de diction: Ex. apocope), leur emploi grammatical (figures de construction: Ex. pléonasmе), leur signification (tropes: Ex. métaphore)”. Por sua vez, as figuras de pensamento “changent l’expression de la pensée par le mouvement et le tour que lui impriment certains sentiments” sem alterar as palavras da frase como, por exemplo, a apostrofe. Ou seja, os autores também organizam as figuras em dois grupos, mas eles não correspondem à divisão de Mounin.

Massaud Moisés divide as figuras de linguagem em figuras de palavras e em figuras de pensamento. Os tropos, por sua vez, distinguem-se dessas duas classes de figuras, “visto que estes [os tropos] implicam a mudança semântica dos vocábulos”¹⁰⁶.

¹⁰⁴ MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris : PUF, coll. “Les Grands Dictionnaires”, 1974, p.140, 289 e 330.

¹⁰⁵ BÉNAC, H ; RÉAUTÉ, B. *Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires*, Paris : Hachette, coll. « Faire le point », 1986, p. 95, 96, 204, 205, 242.

¹⁰⁶ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013, p.191.

Para o *Dictionnaire de critique littéraire*¹⁰⁷, há, essencialmente, três tipos de figuras: de pensamento, de expressão (ou de palavras) e de significação (ou tropos). As figuras de pensamento, como a ironia, exemplifica a publicação, “ne se repèrent pas dans les mots ou la construction, mais dans un décalage entre la pensée et les mots ou entre le référent et les mots”. Além das figuras de pensamento, há as figuras de expressão (ou figuras de palavras), que são “repérables dans le matériel linguistique”. Por sua vez, estas se dividem em figuras de dicção, “repérables par une particularité phonique ou morphologique”, como a rima e a derivação, e em figuras de construção, como a inversão, que “impliquent une particularité syntaxique”. Por fim, são apresentadas as figuras de significação, também nomeadas tropos, que estão relacionadas à significação das palavras, visto que “les mots ne sont pas pris dans leur sens propre, comme dans la métaphore ou la métonymie”.

No capítulo II de *La rhétorique*¹⁰⁸, de Reboul, as figuras são classificadas em figuras de palavras (rima, aliteração, derivações, etc.), intraduzíveis por lidar com o ritmo da frase; figuras de sentido (ou tropos), que são termos empregados com novos significados; figuras de construção (elipse, repetição, antítese, etc.), ligadas à sintaxe e à construção do discurso; e figuras de pensamento (hipótese, ironia, humor, etc), que dependem das ideias, e não das palavras. Portanto, Reboul divide as figuras em quatro classes.

Para Ricardo Soler, *le système des figures*¹⁰⁹ compreende *les figures de construction*, “fondées sur les constructions syntaxiques”; *les figures de mots*, “qui présentent un détournement dans leur sens lexical et leur sonorité”; *les figures de pensée*, “celles dont la vigueur réside dans la pensée, dans la passion ou dans le pouvoir d’émouvoir, sans avoir besoin de recourir aux procédés de substitution”; e *les figures de sens ou de signification*, “des mots ou des expressions employés avec un autre sens que le sien”. Observa-se que o autor cita as mesmas quatro classes de figuras levantadas por Reboul.

Dos seis trabalhos estudados, três usam o recurso de categorias englobantes, contendo, dentro de si, subcategorias. É o caso de Mounin (para quem as *figures d’élocution*, as *figures de construction* e as *figures de style* pertencem a um grupo maior, “*les figures proprement dites*”). A esse grupo maior, ele opõe as *figures de sens* ou *tropes*), de Bénac/Réauté (dividem em *figures de pensée* e *figures de mots*, dentro das quais se encontram as *figures de diction*, as *figures de construction* e os *tropes*) e de Gardes-Tamine/Hubert (as *figures d’expression* ou

¹⁰⁷ GARDES-TAMINE, J. ; HUBERT, M.-C. *Dictionnaire de critique littéraire*, Paris : Armand Colin, coll. « Cursus », 1993, p. 82, 83, 173, 174, 212.

¹⁰⁸ REBOUL, O. *La rhétorique. 4^{ème} édition corrigée*. Paris : PUF, coll. « Que sais-je ? », 1993.

¹⁰⁹ SOLER, Ricardo Antonio. « Des mots, des figures, des personnages : une étude de quelques aspects de *Paroles* de Jacques Prévert ». Dissertação, Porto Alegre: Letras/UFRGS, 2001, p.30.

figures de mots se dividem em *figures de diction* e *figures de construction*. Há também as *figures de pensée* e as *figures de signification* ou *tropes*).

Apesar do interesse que podem apresentar, essas classes maiores, englobantes, não serão apresentadas em forma de quadro, tanto pelo fato de que as classificações de Mounin não correspondem às de Bénac/Réauté e nem às de Gardes-Tamine/Hubert, como pelo de que suas inserções no quadro obscureceriam as grandes convergências e semelhanças existentes que podem ser vistas no quadro abaixo, no qual apresento os três outros trabalhos que não usaram esse recurso.

MOISÉS	REBOUL	SOLER
	<i>Les figures de construction</i>	<i>Les figures de construction</i>
Figuras de palavras	<i>Les figures de mots</i>	<i>Les figures de mots</i>
Figuras de pensamento	<i>Les figures de pensée</i>	<i>Les figures de pensée</i>
Tropos	<i>Les figures de sens ou tropes</i>	<i>Les figures de sens ou de signification ou tropes</i>

Apesar da haver concordância entre três autores, as definições dos outros três são opacas tanto na organização da classificação, quanto na terminologia usada. De todo modo, isso tudo poderá ser esclarecido em pesquisas futuras, não acarretando consequência nenhuma no presente trabalho, por este não estar voltado para essa questão, mas para as figuras relacionadas com a metáfora e os usos ditos metafóricos. Analiso a seguir quais figuras pertencem a cada classe levantada pelos autores.

5. 2. 3 Distribuição das figuras dentro de cada classe

Sistematizamos a distribuição de algumas figuras dentro de cada classe no quadro abaixo:

	MOUNIN	GARDES-TAMINE - HUBERT	BÉNAC-RÉAUTÉ	MOISÉS	REBOUL	SOLER
<i>Les figures de sens ou de signification ou tropes</i>	métaphore, métonymie, synecdoque	métaphore, métonymie	métaphore		métonymie, synecdoque, antonomase, métaphore, catachrèse	comparaison, métaphore, métonymie, (synecdoque, antonomase)

<i>Les figures de construction</i>	inversion, énéallage, apposition	inversion, antithèse avec parallélisme	pléonasme	amplificação, anadiplose, anáfora, diácope, epífora, epífrase, epístrofe, epizeuxe, hipérbato, etc.	ellipse, réticence, répétition, antithèse, hyperbate, anacoluthie, gradation, chiasme, zeugme	anadiplose, anaphore, antimétabole réversion, chiasme, épanalepse, épiphore ou épistrophe, épizeuxe ou palilogie, hypallage, pléonasme, polysyndète, zeugme
<i>Les figures d'expression ou figures de mots</i>					allitération, rime, antanaclase	allitération, assonance, onomatopée
<i>Les figures de pensée</i>		ironie	apostrophe		hypothèse, allégorie, ironie, humour, esprit, prétérition, chleuisme, apostrophe, prosopopée, prolepse, épanorthose	aposiopèse ou réticence, allusion, antithèse, dialogisme, exclamation, gradation, ironie, hyperbole, parenthèse, personnification ou prosopopée
<i>Les figures d'élocution</i>	abruption, gradation, répétition					
<i>Les figures de style</i>	suspension, périphrase, enthymémisme					

<i>Les figures de diction</i>		rime, dérivation	apocope			
-------------------------------	--	---------------------	---------	--	--	--

Em resumo, o quadro oferece um detalhamento do quadro anterior, somando-se Mounin, Bénac/Réauté e Gardes-Tamine/Hubert, a título de curiosidade. Para os fins deste trabalho, interessa em especial a primeira linha, que mostra quais são consideradas pelos autores as *figures de sens* ou *de signification* (ou *tropes*) – assunto ao qual se passa.

5. 3 Os tropos

Analisamos detidamente, a seguir, os tropos, também designados como figuras de sentido ou de significação (*tropes, figures de sens* ou *de signification*), que são de especial interesse - e maior relevância - para os fins a que se propõe o presente trabalho.

5. 3. 1 *Dictionnaire de la linguistique*¹¹⁰, de Georges Mounin

O verbete “*trope*” do *Dictionnaire de la linguistique* se limita a fazer remissão aos verbetes “*figure*”, “*métaphore*”, “*synecdoque*”, “*métonymie*”.

No verbete “*figure*”, analisado anteriormente, Mounin define os tropos: “consistent à modifier le sens des mots soit par l’analogie qui existe entre deux objets (métaphore, etc), soit par un rapport d’équivalence (métonymie, synecdoque, etc.)”. Além disso, explicita que “le trope impose un détour à l’esprit puisque le lecteur doit suivre la modification de sens et percevoir ce qui la motive ; le lecteur doit traduire le trope en reconnaissant ce qu’on appelait le sens propre derrière le sens figuré”.

5. 3. 2 *Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires*, de Henri Bénac e Brigitte Réauté

De acordo com o verbete do *Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires*, um tropo nada mais é do que o “emploi d’un mot ou d’une expression dans un sens figuré”¹¹¹. O dicionário remete também ao verbete “*figure*” que, cabe lembrar, define “*tropes*”

¹¹⁰ MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris : PUF, coll. “Les Grands Dictionnaires”, 1974, p.140, 289 e 330.

¹¹¹ BÉNAC, H. ; RÉAUTÉ, B. *Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires*, Paris : Hachette, coll. « Faire le point », 1986, p. 242.

como “figures [...] qui modifient l’expression de la pensée en modifiant les mots mêmes qui composent le discours, dans [...] leur signification”¹¹² e fornece a metáfora como exemplo.

Visto que um tropo é, portanto, uma palavra ou expressão empregada em “*sens figuré*”, cabe ver o que o verbete “*figuré*” desse mesmo dicionário informa. São apresentadas duas acepções: a primeira, do domínio da estilística, define algo que é “riche en figures (1 et 2) et spéc. en images, en parlant d’une langue, d’un style”. A outra acepção, “*sens figuré*”, é apontada como sendo do campo de estudos da semântica. A definição opõe “*sens propre*” a “*sens figuré*”. Quando uma palavra é empregada no sentido figurado, o “*sens figuré*” é uma significação derivada daquela palavra.

Contudo, segundo a publicação, este emprego se torna “si habituel qu’on ne perçoit plus l’effet de style”, isto é, o efeito de figura, o efeito de tropo. Além disso, afirma que esse sentido figurado é dicionarizado. Trata-se de uma generalização demasiadamente ampla, sistemática, automática. Sendo, aliás, contraditória com o uso de “*sens figuré*” que é feito na definição de “*trope*” (“*sens figuré*” sendo apresentado como sinônimo de “*trope*”) e com a referência a “*sens figuré*” no verbete “*figure*”. Assim, a definição de “*sens figuré*” deveria ser moderada ou relativizada, explicando que “cet emploi [peut devenir] si habituel qu’on ne perçoit plus l’effet de style” (colchete meu).

5. 3. 3 *Dictionnaire de critique littéraire*, de Joëlle Gardes-Tamine e Marie-Claude Hubert

Aprofundando-se um pouco, segundo o verbete “*figure*” do *Dictionnaire de critique littéraire*¹¹³, os tropos estão relacionadas à significação das palavras. A construção linguística é a habitual, contudo, como ocorre na metáfora e na metonímia, as palavras não são empregadas em seu sentido literal.

Em outras palavras, segundo o verbete “*trope*” deste mesmo dicionário¹¹⁴, trata-se de uma figura de significação pela qual uma palavra não é empregada totalmente em seu sentido comum, mas se nutre de uma nova significação devido ao contexto. No tropo, “le sens est donc ‘tourné’, comme l’indique l’étymologie du mot, du verbe grec *trepo*, tourner”. O verbete também sinaliza que se pode distinguir três famílias de tropos: por semelhança (família da metáfora), por inclusão (família da sinédoque) e por contiguidade (família da metonímia).

¹¹² BÉNAC, H. ; RÉAUTÉ, B. *Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires*, Paris : Hachette, coll. « Faire le point », 1986, p. 95.

¹¹³ GARDES-TAMINE, J. ; HUBERT, M.-C. *Dictionnaire de critique littéraire*, Paris : Armand Colin, coll. « Cursus », 1993, p. 82, 83.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 212

5. 3. 4 Dicionário de termos literários, de Massaud Moisés

Para o verbete “tropo”, indica-se ser uma “espécie de linguagem figurada” que “consiste na translação de sentido de uma palavra ou expressão, de modo que passa a ser empregada em sentido diverso do que lhe é próprio”¹¹⁵, por exemplo, dizer “vela” no sentido de “embarcação”.

A metáfora, a sinédoque e a metonímia são classificadas como tropos de dicção, pois operam “no plano da palavra”. O autor precisa que a metáfora “utiliza a analogia”, a sinédoque usa a conexão e a metonímia utiliza a correspondência. Também existem os tropos de sentença: a alegoria, a ironia, a litotes, a metalepse, a preterição, que operam “ao nível da expressão”. O verbete ainda acrescenta que “ao longo dos séculos, nem sempre os teóricos concordaram no tocante à distinção”, tanto entre as classes de figuras como entre os tipos de tropos, “e por vezes chegam a confundi-los”.

5. 3. 5 La rhétorique, de Olivier Reboul

De acordo com Olivier Reboul, “les figures de sens, ou tropes, consistent [...] à employer un terme avec une signification qu’il n’a pas habituellement, ce qui provoque ainsi une tension, une « torsion » (Ricœur) dans l’ensemble du discours”¹¹⁶.

Além disso, desempenham basicamente duas funções: função retórica, isto é, de pressão, de persuasão; ou função lexical, “qui consiste à désigner par un mot détourné de son sens propre ce qui n’a pas de mot propre pour le désigner”¹¹⁷.

A publicação cita, em seguida, a existência de tropos fundamentais: a metonímia, a sinédoque e a metáfora. Estes três tropos serviriam, então, de base para outros, derivados.

5. 3. 6 Des mots, des figures, des personnages : une étude de quelques aspects de Paroles de Jacques Prévert, de Ricardo Soler

Para Ricardo Soler, “les figures de sens (ou de signification) sont des mots ou des expressions employés avec un autre sens que le sien”. Tradicionalmente chamadas de tropos, “sont des figures qui changent la signification des mots”. O autor cita também a definição ofertada por Fontanier:

¹¹⁵ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013, p.467

¹¹⁶ REBOUL, O. *La rhétorique*. 4^{ème} édition corrigée. Paris : PUF, coll. « Que sais-je ? », 1993, p.42.

¹¹⁷ Ibidem, p.43.

“Trope, en grec, signifie la même chose que *tour*. C’est en effet une espèce de *tour* que ce procédé par lequel on change le sens d’un mot en un autre sens, par lequel on transporte un mot d’un premier sens en un sens nouveau”.¹¹⁸

Nesse grupo, seriam distinguidos habitualmente, segundo Ricardo Soler, a metonímia, a sinédoque, a antonomásia, a comparação, a metáfora, a catacrese, a alegoria. Contudo, estritamente falando, haveria somente a comparação, a metáfora e a metonímia, sendo as demais figuras derivações dessas três principais (o autor cita a *catachrèse* e a *allégorie*).

Soler reduz ainda mais que os demais autores, eliminando a sinédoque, porque costuma ser apresentada como uma variante da metonímia. Por outro lado, acrescenta a comparação, que não foi citada pelos outros.

Apresento a seguir quadro comparativo das definições de tropo encontradas nos seis materiais consultados.

Definições de tropo (figuras de sentido ou de significação)	
MOUNIN	“consistent à modifier le sens des mots soit par l’analogie qui existe entre deux objets (métaphore, etc), soit par un rapport d’équivalence (métonymie, synecdoque, etc.)” ; “le trope impose un détour à l’esprit puisque le lecteur doit suivre la modification de sens et percevoir ce qui la motive ; le lecteur doit traduire le trope en reconnaissant ce qu’on appelait le sens propre derrière le sens figuré”.
BÉNAC- RÉAUTÉ	“ emploi d’un mot ou d’une expression dans un sens figuré” ; “figures [...] qui modifient l’expression de la pensée en modifiant les mots mêmes qui composent le discours, dans [...] leur signification”.
GARDES- TAMINE - HUBERT	“figure de signification, par laquelle un mot n’est pas pris totalement dans son contexte ordinaire, mais, grâce aux alliances qu’il contracte avec le contexte, est apte à se charger d’une signification nouvelle. Le sens est donc ‘tourné’, comme l’indique l’étymologie du mot, du verbe grec <i>trepo</i> , tourner”.
MOISÉS	“[espécie de linguagem figurada que] consiste na translação de sentido de uma palavra ou expressão, de modo que passa a ser empregada em sentido diverso do que lhe é próprio”.
REBOUL	“les figures de sens, ou tropes, consistent [...] à employer un terme avec une signification qu’il n’a pas habituellement, ce qui provoque ainsi une tension, une « torsion » (Ricœur) dans l’ensemble du discours”.

¹¹⁸ FONTANIER, Pierre, *Les Figures du discours*, (1821 à 1830), Paris, Flammarion, 1993, p. 260 e 261, citado por SOLER.

SOLER	<p>“les figures de sens (ou de signification) sont des mots ou des expressions employés avec un autre sens que le sien” ;</p> <p>“sont des figures qui changent la signification des mots”.</p>
-------	---

Pode-se resumir, então, que os tropos ou “figures de sens (ou de signification) sont des mots ou des expressions employés avec un autre sens que le sien, [ce] sont des figures qui changent la signification des mots”¹¹⁹.

Passa-se agora ao estudo de algumas características dos principais tropos.

5. 4 A metáfora (e os tropos fundamentais)

Os tropos fundamentais são “ceux dont dérivent tous les autres”. São três os tropos fundamentais: a metáfora, a metonímia e a sinédoque¹²⁰.

Para Olivier Reboul, na metáfora, “le transfert entre termes se fonde sur la ressemblance entre leurs signifiés”. Devido à associação que se constrói pela semelhança, costuma-se dizer sobre a metáfora que é possível inserir na frase uma expressão de comparação como “parecido com”, “idêntico a”, “como” sem modificar o sentido da figura empreendida. Segundo o autor, “la métaphore exprime une réalité par le nom d’une autre qui lui ressemble et qui est en général plus concrète, plus sensible, plus immédiate”¹²¹.

O mesmo Reboul explica que é possível distinguir quatro níveis de comparação. Os dois primeiros níveis são caracterizados como tipos de comparação: a comparação verdadeira é uma analogia completa, explicitada (“Esta cantora tem uma voz melodiosa como a de um rouxinol”); o segundo tipo é a “similé” (ou *similitude*) ou comparação abreviada (“Esta cantora canta como um rouxinol”). Os dois últimos níveis são designados como metáfora: a metáfora *in praesentia*, quando o termo de comparação “como” é suprimido, sugerindo uma identidade (“Esta cantora é um rouxinol”), e a metáfora *in absentia*, quando o objeto comparado desaparece (“Este rouxinol”, fazendo referência à cantora). Assim, para compreender a metáfora, é absolutamente necessário compreender a semelhança traçada, a comparação pretendida¹²².

¹¹⁹ SOLER, Ricardo Antonio. « Des mots, des figures, des personnages : une étude de quelques aspects de *Paroles* de Jacques Prévert ». Dissertação, Porto Alegre: Letras/UFRGS, 2001

¹²⁰ REBOUL, O. *La rhétorique. 4^{ème} édition corrigée*. Paris : PUF, coll. « Que sais-je ? », 1993, p.43.

¹²¹ Ibidem, p. 45.

¹²² Ibidem, p. 46.

A metonímia “consiste à désigner un objet (le tromboniste) para le nom d’un autre objet (« trombone »), les deux ayant entre eux un lien habituel [...]”¹²³. Por exemplo, as expressões “prendre un verre”, “c’est un cerveau” (é um crânio).

A sinédoque é parecida com a metonímia, distinguindo-se desta “du fait que les objets sont entre eux dans un rapport de nécessité. Dire « foyer » pour famille est une métonymie ; dire « cent têtes » pour cent personnes est une synecdoque, car la tête appartient nécessairement à la personne”¹²⁴.

Mas, Soler observa que, “comme la plupart des auteurs ne font pas de différence entre métonymie et synecdoque”, pode-se classificar “toutes deux comme métonymies”¹²⁵. Esta é, aliás, a decisão dele.

São, portanto, vários os tropos e três os tropos fundamentais. Porém, Rónai refere somente a um deles, a metáfora. Por que ele não mencionou nenhum outro tropo, nem mesmo os dois outros fundamentais? Já que vários estudiosos englobam a sinédoque na metonímia, como uma variante ou tipo desta, entende-se que não tenha feito referência à sinédoque. Mas por que não mencionou a metonímia?

Deve-se descartar sumariamente que ele a desconhecesse ou tenha esquecido dela. Era um filólogo de primeira linha. Impossível!

Será que, para ele, a metonímia, outros tropos e outras figuras não podiam constituir dificuldade de compreensão e/ou tradução, mas apenas e tão somente a metáfora? Impossível. O que leva à hipótese que segue.

Existe um conhecido recurso e facilidade de linguagem que consiste em reunir e resumir os tropos e mais algumas outras figuras (como o paralelismo) sob uma única denominação que engloba, para funcionar ou abarcar *como um guarda-chuva*: a palavra “metáfora”. As demais figuras ficam assim resumidas pela denominação da mais conhecida. O recurso é correntemente utilizado por muitos professores e estudiosos, embora não esteja, até hoje, lexicalizado, dicionarizado. E foi, nos textos citados, assim usado por Rónai – sem explicitar tal uso. O que, do ponto de vista do esclarecimento didático, é uma pena. Talvez Rónai julgasse que era dispensável a explicitação por acreditar que esse emprego da palavra “metáfora” era óbvio, transparente, conhecido de todos – o que, na verdade, não é! É esta a explicação!

¹²³ Ibidem, p. 43.

¹²⁴ REBOUL, O. *La rhétorique. 4^{ème} édition corrigée*. Paris : PUF, coll. « Que sais-je ? », 1993, p.44.

¹²⁵ SOLER, Ricardo Antonio. « Des mots, des figures, des personnages : une étude de quelques aspects de *Paroles* de Jacques Prévert ». Dissertação, Porto Alegre: Letras/UFRGS, 2001, p.34.

CAPÍTULO 6

DA METÁFORA AOS USOS FIGURADOS, PASSANDO PELA IMAGEM E PELA COMPARAÇÃO

Retomando: nos três textos referidos mais acima, Paulo Rónai utiliza a seguinte terminologia: “metáfora” (ou derivados), “imagem”, “sentido figurado”. Usa os três termos como sinônimos, mas sem dizê-lo, sem explicá-lo, explicitá-lo.

Durante o estudo desenvolvido acima sobre o conjunto da retórica, da(s) figura(s) e dos tropos, não apareceu o termo “imagem” – o qual, é sabido, aparece com certa frequência nos estudos literários, tendo alguma forma (pouco clara) de relação com a metáfora. Durante o estudo desenvolvido acima tampouco apareceu (ou tão pouco, quase que não) o termo “sentido figurado”.

O fato de que o termo “imagem” não apareceu nessa investigação realizada sobre retórica, figura(s) e tropos, não implica que se deva ignorá-la. Aliás, como não se deve ignorar a palavra “comparação”, que somente apareceu (e pouco) nas últimas páginas da investigação realizada até aqui.

Cabe, portanto, estudar esses dois termos, sobretudo as suas relações (de semelhanças e de diferenças) com os tropos, com a metáfora e com os usos figurados, bem como o porquê de não terem aparecido na investigação realizada sobre retórica, figura(s) e tropos. Nesse sentido, parece necessário começar com “imagem”.

6.1 A imagem

Foi feita uma pesquisa relativa ao verbete “imagem” (em francês, *image*) em cinco dicionários gerais de língua: DAF8, DAF9, TLFi, Petit Robert, Aurélio e Houaiss.

Observou-se, inicialmente, que o semantismo da palavra “imagem/*image*” é amplo. Esse vasto semantismo pode ser, como no *Petit Robert*, organizado em uma estrutura em árvore com três ramos principais (I - *Reproduction visuelle d'un objet sensible*; II- *Ce qui évoque (qqch., qqn), qui correspond à (qqch., qqn)*; III- *Représentation mentale d'origine sensible*), cada um com, respectivamente, três, cinco e quatro sub-ramos e, esses, com diversas acepções.

Não se tentou esmiuçar o todo do semantismo de “imagem/*image*” como fizemos anteriormente com “*figure*”; a escolha foi de restringir a pesquisa ao emprego da palavra

“imagem/*image*” nos estudos literários (ou estilísticos) e/ou em sua relação com a metáfora, os tropos, as figuras e a comparação.

Apresento, a seguir, os resultados sob a forma de um quadro.

Definições de <i>IMAGE</i> , <i>IMAGEM</i> em seis dicionários gerais de língua	
DAF8	“Métaphore par laquelle on rend une idée plus vive et plus sensible, en prêtant à l'objet dont on parle des formes, des apparences, des qualités empruntées à d'autres objets. <i>Ce sont les images qui donnent du coloris au style. Image noble, sublime, hardie, riante. Image confuse. Cette image n'est pas claire. C'est une belle image. Cette comparaison fait image</i> ”.
DAF9	“Se dit en particulier de toute figure, de tout ornement du discours qui confère à l'expression un tour concret, soit pour illustrer une idée abstraite, soit pour toucher directement la sensibilité et l'imagination de l'auditeur, du lecteur. <i>Cette image n'est pas claire. S'exprimer par images. Ce sont les images qui donnent du coloris au style. Une image introduite par une métaphore ou une métonymie, par une comparaison, par une allégorie. Une image noble, sublime, riante, poétique. Les images de Montaigne, de Baudelaire. Expr. Faire image, susciter, dans l'imagination de l'interlocuteur ou du lecteur, une représentation concrète qui se superpose à un sens premier. Ce mot, cette tournure fait image</i> ”.
Le Petit Robert	“Comparaison, métaphore. « <i>les images sont les gravures de l'idée</i> » (Lamartine). <i>Image banale, usée. → cliché. Écrivain qui s'exprime par des images. Hardiesse, justesse des images. Théorie surréaliste de l'image. « L'image est une création pure de l'esprit » (Reverdy)</i> ”
TLFi	“Dans le domaine de la <i>littérature</i> . Figure (au sens le plus large du terme) fondée sur la similitude (notamment allégorie). [...] <i>En partic.</i> [Par une restriction jugée parfois abusive] Métaphore (ou, plus rarement, comparaison). [...] Rem. MOUNIN 1974 note, à propos de cet emploi [i.e., o emprego « <i>En partic.</i> »] de <i>image</i> : „Terme générique assez vague utilisé depuis le XIX ^e siècle pour désigner surtout les tropes fondés sur le rapport d'analogie (...), mais aussi les autres tropes, certaines figures, et de nombreuses anomalies sémantiques (...). L'image est envisagée comme un moyen de connaissance (...), ou d'expression de soi, non comme un ornement esthétique. Sous l'influence de la psychanalyse, on a souvent tendance à considérer dans le terme <i>image</i> à la fois son expression linguistique et sa source inconsciente individuelle ou collective``.”

AURÉLIO	“Metáfora: [ex.:] <i>imagem gasta, banal.</i> ”
HOUAISS	“Rubrica: literatura. qualquer maneira particular de expressão literária que tem por efeito substituir a representação precisa de um fato, situação etc. por uma alegoria, visão, evocação etc. Ex.: <i. bíblicas> <i. camonianas> <i. vulgares>”

O que pensar desses seis resultados? Suas definições oferecem uma diversidade, e mesmo, heterogeneidade de respostas que permite entender porque o sentido da palavra “imagem” parece, em geral, confuso a muitos estudantes (e até professores).

A definição de “imagem” do Houaiss é ampla, imprecisa e vaga. O DAF8 e o Aurélio restringem-na à metáfora, mas o DAF8 fornece um exemplo que apresenta a imagem como uma comparação (o que levanta as seguintes perguntas: o exemplo do DAF8 contradiz a definição dada pelo mesmo? Ou o DAF8 considera que “metáfora” e “comparação” são termos sinônimos?).

Por outro lado, o DAF9 define a imagem como todo e qualquer tipo de figura que dá concretude à expressão, essas figuras podendo ser comparação, metáfora, metonímia ou outras. Entre esses dois extremos, o Petit Robert considera que a imagem engloba a comparação e a metáfora.

Tal heterogeneidade de definições (confusas, contraditórias) reflete a diversidade de *opiniões* sobre o assunto, mas não se observa nenhuma tendência de delimitar, circunscrever a conceituação do termo de forma a conseguir alcançar a elaboração de uma síntese. O verbete do TLFi é sintomático dessa falta de consenso e da heterogeneidade resultante: ele oferece três definições distintas de “imagem” na “rubrica” (terminologia) da literatura.

Começa-se agora a entender a confusão a que foi feita referencia acima. Confusão da qual é testemunho o verbete “imagem” do dicionário de Massaud Moisés, que dedica duas páginas e meio para informar e comentar a respeito.

Passemos, agora, a uma segunda etapa de investigação, baseada em uma bibliografia mais especializada e análises que procuram oferecer uma visão globalizante do estado das coisas. Dessa maneira, depois de constatar a confusão, a heterogeneidade, vamos tentar encontrar e apontar elementos de esclarecimento, procurando fusioná-los em uma síntese.

O verbete “image” do TLFi parece constituir um bom ponto de partida para essa busca. A primeira de suas três definições caracteriza o fenômeno de forma muito aberta, referindo-o a todo o tipo de “figure (au sens le plus large du terme)” que estiver “fondée sur la similitude” (i.e., baseada em algum tipo de comparação). Esta primeira definição se contrapõe à segunda, que o TLFi apresenta como um sentido “particulier” (i.e., em um sentido mais estreito). Esta

segunda definição reduz, limita a imagem à metáfora, ou “plus rarement” à *comparaison*, porém o TLFi deixa claro que isso se dá “par une restriction jugée parfois abusive”. Ou seja, o dicionário informa devidamente a respeito da existência desse segundo sentido, mas convida o consulente a não empregá-lo.

Por fim, em uma “remarque” (observação) esclarecedora, o TLFi oferece uma terceira definição, retomada do verbete de Mounin sobre a “image”. Como o TLFi cita Mounin de forma incompleta, reportemo-nos diretamente ao próprio: como o verbete de seu dicionário define o fenômeno? De forma bastante ampla, mas não sem úteis precisões. O *Dictionnaire de la linguistique* informa que se trata de um “terme générique assez vague utilisé depuis le XIX^e siècle pour désigner surtout les tropes fondés sur le rapport d'analogie (comparaison, métaphore, personification, etc.), mais aussi les autres tropes, certaines figures, et de nombreuses anomalies sémantiques. L'utilisation de ce terme correspond à un désir de simplifier la rhétorique classique et de rendre compte des nouveaux genres de tropes issus du symbolisme puis du surréalisme”¹²⁶.

Portanto, segundo o dicionário de Mounin, a imagem tem caráter inclusivo, abrangendo os tropos baseados em uma relação de analogia, bem como alguns outros tropos ou figuras. À vista disso, o verbete do dicionário de Mounin permite que um primeiro passo seja dado na busca de uma síntese.

O segundo passo é dado a partir de um livro de Henri Suhamy, em que estuda e destrinca *Les Figures de style*. No capítulo dois, intitulado “Les Tropes”, o autor dedica toda uma subparte intitulada “Les images: comparaisons et métaphores” em que começa afirmando “avec les images on en vient aux véritables tropes”¹²⁷. É, sem dúvidas, um enfoque sedutor, mas levanta uma questão, que o próprio Suhamy formula: “savoir si les comparaisons appartiennent à [la] catégorie [des tropes]”, pois, “les comparaisons soulignent les similitudes entre les choses, mais ne changent pas le sens des mots”¹²⁸. Respondendo à própria pergunta que levantou, Suhamy explica: “Il est légitime d'inclure métaphores et comparaisons sous une même rubrique, car la différence formelle qui les sépare ne doit pas faire oublier leur appartenance à un mode de perception et de pensée similaire. Elles forment la catégorie des images, notion complexe qui évoque le travail de l'imagination, le recours à l'illustration sensorielle, la métamorphose des objets en signes”¹²⁹. Essas explicações e justificações estão acompanhadas

¹²⁶ MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris : PUF, coll. “Les Grands Dictionnaires”, p.168.

¹²⁷ SUHAMY, H. *Les figures de style. 5^{ème} édition corrigée*. Paris : PUF, coll. « Que sais-je ? », 1992, p.29.

¹²⁸ Ibidem.

¹²⁹ Ibidem, p. 30-31.

de dezesseis páginas de exemplos e considerações sobre os mesmos – que mostram “qu’il y a quelque chose de factice et de formaliste dans ces distinctions” que erguem uma muralha da China entre a metáfora (classificada como tropo) e a comparação (excluída dos tropos por muitos estudiosos, embora nem todos).

O terceiro passo é fornecido pelo *Dictionnaire de rhétorique* de Georges Molinié, cujo verbete “image” esclarece: “Le terme d’*image* n’appartient pas en propre au vocabulaire technique de la rhétorique, mais il y est tellement utilisé, et de façon si généralement floue, qu’il importe d’en fixer l’emploi. [...] *l’image* désigne une certaine structuration de l’ensemble *comparaison-métaphore-métonymie*. Il y a image lorsque, dans un segment, un terme figuré, même une fois interprété, et donc, d’une manière ou d’autre, traduit ou expliqué, garde un peu de sa valeur spécifique, voilée mais tenace”¹³⁰.

Bem como Suhamy, Molinié entende ser necessário justificar a inserção da comparação (que também denomina de *similitude*) na categoria da imagem, junto da metáfora, “contrairement à toute la tradition scolaire française”¹³¹. No verbete “similitude”, ele parte de Aristóteles e Quintiliano para quem “toute métaphore est une similitude abrégée”¹³². Ou seja, o tropo denominado de metáfora “est fondée, dans sa première construction de signification, sur l’état appelé *comparaison*” (ibidem). No verbete “métaphore”, ele demonstra passo a passo, em cinco estados sucessivos, que “la structure de base de ce trope [la métaphore] est en réalité la figure que l’on appelle la *comparaison*”¹³³.

Agora, estamos em condição de responder uma das perguntas levantadas no início da segunda parte desta monografia: as palavras “imagem” e “metáfora” são sinônimas? A resposta é não: toda metáfora pertence à categoria da imagem, mas nem todas as imagens são metáforas, podendo ser comparação, metonímia, entre outras figuras.

6. 2 Os sentidos figurados

A expressão “sentido figurado” não pertence ao vocabulário da retórica (não consta no índice de Reboul, tampouco de Molinié). No que toca aos dicionários de linguística, o adjetivo “figuré” consta em Dubois, mas não consta Mounin. É um termo da gramática e da estilística, cuja forma abreviada “fig.” (por “figuré”, “figurado”) comparece em todas as listas de abreviações dos dicionários de língua.

¹³⁰ MOLINIÉ, G. *Dictionnaire de Rhétorique*, coll. « Les Usuels de Poche », Paris : Hachette, 1992, p. 198.

¹³¹ Ibidem, p.349.

¹³² Ibidem.

¹³³ Ibidem, p. 248, ver também 249-252.

Optou-se por montar o quadro abaixo com as definições oferecidas por quatro dicionários da língua francesa e o dicionário de linguística de Dubois.

« Figuré », « Sens figuré » em quatro dicionários gerais da língua francesa	
DAF8	<p>“<i>Le sens figuré d'un mot, d'une expression, d'une phrase, L'emploi d'un mot, d'une expression, d'une phrase dans une signification détournée du sens propre. Terme figuré, expression, phrase figurée, Qui renferme une figure. Discours, langage, style figuré, Dans lequel il y a beaucoup de figures, soit de mots, soit de pensée. FIGURÉ se dit, comme nom masculin, du Sens métaphorique ou figuré. Le propre et le figuré. Ce mot est pris au figuré, ne s'emploie qu'au figuré.</i>”</p>
DAF9	<p>« 4. RHÉTOR. Qui comporte ou constitue une figure de mots ou de pensée. <i>Emploi figuré. Terme figuré. Expression figurée. Le sens figuré d'un mot, l'acception imagée, détournée qu'on lui donne, par opposition au sens littéral ou sens propre. Ce mot est pris au sens figuré ou, subst., au figuré. Cette expression ne s'emploie qu'au figuré.</i> Par ext. Qui comporte de nombreuses images ou fait appel à de nombreuses figures de rhétorique. <i>Style, langage, discours figuré.</i>”</p>
TLFi	<p>«<i>RHÉT.</i> Cf. <i>figure</i> I B 3 spéc. b. [En parlant du lang., du style] Qui se caractérise par un recours systématique aux figures de rhétorique, particulièrement celles qui sont fondées sur un changement de sens (spécialement la métaphore). <i>Le style du Misanthrope a vieilli parce qu'il était trop figuré. Ce sont tous les endroits figurés qui sont vieillis</i> (STENDHAL, <i>Journal</i>, t. 1, 1804, p. 151). <i>La signification pratique de ce langage figuré.</i> (PROUST, <i>Fugit.</i>, 1922, p. 654) <i>En effet, qu'appelle-t-on le langage figuré? Ce n'est pas uniquement, comme les rhéteurs ont pu le croire, un moyen de frapper la sensibilité, d'émouvoir les passions par des images; car, s'il en était ainsi, quand on s'adresse à la froide raison, quand on parle à l'entendement de choses purement intelligibles, toutes figures devraient disparaître.</i> (COURNOT, <i>Fond. conaiss.</i>, 1851, p. 322)</p> <p>[En parlant d'un emploi, d'un terme] Qui réalise, en discours, une figure de rhétorique impliquant un changement de sens, le plus souvent une métaphore. <i>Acception, terme figuré(e). Ah! ça se dérobe dans le lointain, l'expression figurée de celui-ci, le mot argotique de celui-là</i> (GONCOURT, <i>Journal</i>, 1895, p. 777). <i>Sens figuré.</i> Signification seconde prise sous l'effet d'une figure de signification (particulièrement la métaphore). Anton. <i>sens propre. Je lui pardonnais difficilement aussi qu'il employât certains termes de son métier, et qui eussent, à cause de cela, été parfaitement convenables au propre, seulement dans le sens figuré, ce qui leur donnait une intention spirituelle assez bête</i> (PROUST, <i>Sodome</i>, 1922, p. 791). <i>Emploi subst. masc. à valeur de neutre. Sens figuré. À séparer le propre et le figuré, la vérité et l'apparence</i> (JANKÉL., <i>Je-ne-sais-quoi</i>, 1957, p. 179). <i>(Au propre et/ou) au figuré. S'exprimer au figuré, prendre qqc. au figuré.</i> »</p>
Petit Robert	<p>II. (1666 ◊ de figurer « exprimer par un symbole, une métaphore »)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sens figuré, qui comporte le transfert sémantique d'une image concrète à des relations abstraites. Subst. Au propre et au figuré : au sens propre et au sens figuré. 2. Langage, style figuré, riche en figures, en métaphores et en comparaisons. → imagé. « le style figuré fait un très grand effet, en ébranlant l'imagination » (Voltaire). ◻ Adv. figurément. Mot employé figurément.
Dubois	<p>« On dit d'un mot qu'il a un <i>sens figuré</i> ou qu'il est employé avec un sens figuré quand, défini par les traits « animé » ou « concret », il se voit attribuer dans certains contextes le trait « non-animé » (chose) ou « non-concret » (abstrait) » (p. 203).</p>

O DAF8 define o “sens figuré” como “l'emploi d'un mot, d'une expression, d'une phrase dans une signification détournée du sens propre”. O DAF9 e o TLFi definem de forma parecida, o TLFi acrescentando que a mudança de sentido ou significação decorre do uso de figuras de retórica, especialmente de tropos e, frequentemente, da metáfora. O *Petit Robert* define o “sens

figuré” como o sentido “qui comporte le transfert sémantique d’une image concrète à des relations abstraites”; Dubois define da mesma forma. Todas essas definições concordam e se completam.

Quanto à extensão do termo, os dicionários consultados concordam em apontar que ela é ampla, sem definir limites. Isso leva a concluir que a expressão “sens figuré” é, no mínimo, tão ampla quanto o termo “image” e, provavelmente, mais ampla ainda.

Desta forma, estamos em condição de responder outra das perguntas levantadas no início da segunda parte desta monografia: as palavras “metáfora” e “sentido figurado” são sinônimas? A resposta é não: toda metáfora está baseada em um “sentido figurado”, mas nem todo sentido figurado é uma metáfora: pode ser uma metonímia ou uma outra figura.

ALGUMAS REFLEXÕES PARA A CONCLUSÃO

Na primeira parte deste trabalho, apresentei o projeto de pesquisa *As dificuldades de compreensão e/ou tradução do FLE* de maneira estendida e desenvolvi reflexões sobre quatro tipos de dificuldades de compreensão e/ou tradução do FLE: os falsos amigos, a homonímia, a paronímia e a polissemia.

Na segunda parte, a partir do uso que Paulo Rónai faz da palavra “metáfora” para denominar um tipo de dificuldade de compreensão e/ou tradução, empreendeu-se uma série de pesquisas para tentar localizar e entender melhor a questão da metáfora (i.e., dos usos ditos metafóricos), da imagem e do sentido figurado. Num primeiro momento, investigou-se a etimologia, a história e o semantismo atual da palavra *figure*. Em seguida, buscou-se compreender melhor as especificidades do sistema da retórica para localizar nele as figuras e os tropos (a metáfora, a metonímia e a sinédoque). Por último, refletiu-se sobre o uso dos termos “metáfora”, “imagem” e “sentido figurado”.

Em conclusão, resta responder às perguntas formuladas anteriormente: as palavras “imagem”, “metáfora” e “sentido figurado” são sinônimas?

As respostas são:

a) toda metáfora pertence à categoria da imagem, mas nem todas as imagens são metáforas, podendo ser comparação, metonímia, entre outras figuras;

b) toda metáfora está baseada em um “sentido figurado”, mas nem todo sentido figurado é uma metáfora: pode ser uma metonímia ou uma outra figura;

c) “imagem” e “sentido figurado” são termos sinônimos, mas é difícil precisar se são sinônimos exatos ou não, pois seus limites não são precisamente definidos. Pode-se afirmar que os termos “figurado” e “sentido figurado” são correntemente usados em dicionários de língua, gramáticas e estilísticas. Já o termo “imagem” raramente é encontrado fora da esfera dos estudos de literatura.

Resumindo o trabalho de pesquisa que foi empreendido neste trabalho, mesmo que de forma um pouco esquemática, pode-se afirmar que a ampla esfera tanto da “imagem” como do “sentido figurado” engloba os processos linguístico-retórico-estilísticos da comparação, da metáfora e da metonímia, além de outras figuras.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BÉNAC, H ; RÉAUTÉ, B. *Nouveau vocabulaire de la dissertation et des études littéraires*, Paris : Hachette, coll. « Faire le point », 1986.
- BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Falsos amigos, falsos cognatos, heterossemânticos: uma simples escolha de designações? *Organon*, v. 16. Porto Alegre: 2002, pp. 183-192.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentín. “Consideraciones para un nuevo diccionario de falsos amigos español-portugués”. *Polifonia*, revista de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso, nº 6. Cuiabá: UFMT, 2003. p. 103 a 127.
- CUNHA, Daniele. «A polissemia como uma dificuldade de compreensão e tradução do FLE». Monografia (Graduação), Porto Alegre: Letras/UFRGS, 2008.
- Dictionnaire de l'Académie française. Huitième édition, version informatisée.*
< <http://atilf.atilf.fr/academie.htm> >
- Dictionnaire de l'Académie française. Neuvième édition, version informatisée.*
< <http://atilf.atilf.fr/academie9.htm> >
- DUBOIS, Jean *et alii*. *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse, 1973.
- DUBOIS, Jean *et alii*. *Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage*. Paris: Larousse, 2012.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio século XXI : o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GARDES-TAMINE, J. ; HUBERT, M.-C. *Dictionnaire de critique littéraire*, Paris : Armand Colin, coll. « Cursus », 1993.
- HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss, produzido e distribuído pela Editora Objetiva Ltda, 2001.
- KÆSSLER, Maxime, DEROCQUIGNY, Jules, *Les Faux Amis ou les pièges du vocabulaire anglais (Conseils aux traducteurs)* (1^{ère} édition : 1928), Paris, Vuibert, 1964, 6^{ème} édition, p. X.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12^a ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.
- MOLINIÉ, G. *Dictionnaire de Rhétorique*, coll. « Les Usuels de Poche », Paris : Hachette, 1992.
- MOUNIN, Georges (Dir.). *Dictionnaire de la linguistique*, Paris : PUF, coll. “Les Grands Dictionnaires”.

- NEVEU, Franck. “Homonymie/polysémie”. In: Idem. *Lexique des notions linguistiques*. Paris : Éditions Nathan/HER, Colléction 128, 2000.
- PUPIER, Paul. “Lexique”. In: MARTINET, André (dir.). *La Linguistique : guide alphabétique*. Paris : Éditions Denoël, 1969, p. 190.
- REBOUL, O. *La rhétorique*. 4^{ème} édition corrigée. Paris : PUF, coll. « Que sais-je ? », 1993.
- REY-DEBOVE, Josette (Dir.). *Dictionnaire du français*. Paris: CLE International, Dictionnaires Le Robert, 1999.
- ROBERT, Paul ; REY-DEBOVE, Josette ; REY, Alain. *Le Nouveau Petit Robert, dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris : Dictionnaires Le Robert, 1993.
- ROBERT. *Le Nouveau Petit Robert, dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Version électronique 2.1. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.
- RÓNAI, Paulo. “Advertência”. In: Idem. *Guia prático da tradução francesa*. 2^a ed., rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Educom, 1975. pp. XI - XV.
- RÓNAI, Paulo. “As armadilhas da tradução”. In: Idem. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, pp. 16-33.
- RÓNAI, Paulo. “As ciladas da tradução técnica”. In: Idem. *Escola de tradutores*, 6^a ed., revista e ampliada, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, pp. 71-81.
- RÓNAI, Paulo. “Problemas gerais da tradução”. In: PORTINHO, Waldivia Marchiori (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Álamo, 1983, pp. 1-15.
- SOLER, Ricardo Antonio. « Des mots, des figures, des personnages : une étude de quelques aspects de *Paroles* de Jacques Prévert ». Dissertação, Porto Alegre: Letras/UFRGS, 2001.
- SUHAMY, H. *Les figures de style*. 5^{ème} édition corrigée. Paris : PUF, coll. « Que sais-je ? », 1992.
- Trésor de la langue française informatisé.*
< <http://atilf.atilf.fr/tlf.htm> >